

NISE DA SILVEIRA

A revolução pelo afeto



MBARAKA

Lei de Incentivo à
CULTURA

PRODUÇÃO

MBARAKÁ
experiências relevantes

APOIO

Sociedade Amigos do
Museu de Imagens do Inconsciente

CENTRO CULTURAL

REALIZAÇÃO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Ministério do Turismo apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

AFETO

A REVOLUÇÃO PELO AFETO

Rio de Janeiro. 08 de junho a 15 de novembro de 2021

Centro Cultural Banco do Brasil

PRODUÇÃO

MBARAKÁ
experiências relevantes

APOIO

Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente

CIRCUITO LIBERDADE

CULTURA E TURISMO MINAS GERAIS GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.

CENTRO CULTURAL

REALIZAÇÃO

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Banco do Brasil apresenta e patrocina

ءَزُه

A REVOLUÇÃO PELO AFETO

Belo Horizonte. 08 de dez 2021 a 28 de mar de 2022

Centro Cultural Banco do Brasil

“

Nise da Silveira

Não sou uma senhora filantrópica, de jeito nenhum, sou uma pessoa curiosa do abismo, embora tenha consciência de que o abismo é tão profundo que eu apenas passo nas bordas. Então pensei em utilizar as atividades como meio de expressão da problemática interna dos doentes.

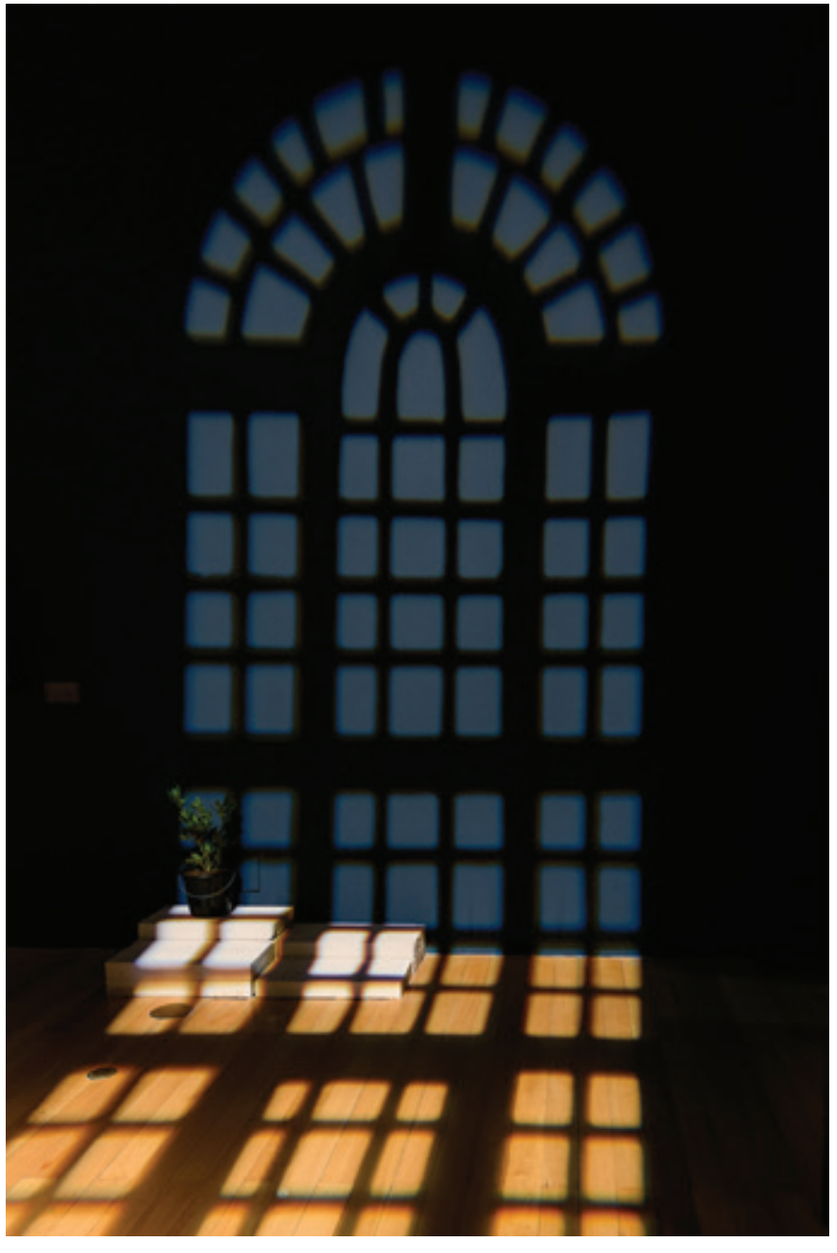
”

... I am not at all a lady inclined to charity; I am rather someone curious about the abyss, even though I realize that the abyss is so deep that I can only teeter around the edges. So, I thought of using the activities as a means of expressing the internal conflicts of the patients.



Nise e o interno Jarbas, que sempre a acompanhava nas festas promovidas pelo STOR, 1969
Arquivo Pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente













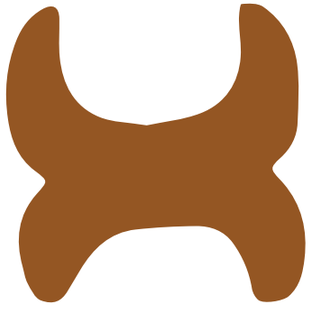

MUSEU











Banco do Brasil presents and sponsors, Nise da Silveira – the revolution through affection, *an exhibition that displays the legacy of doctor world renowned the for having revolutionized the treatment of people with psychological suffering by adopting affection as a scientific methodology.*

Under the curatorship of Estúdio M'Baraká, with the consultancy of psychiatrist Vitor Pordeus and museologist Eurípedes Júnior, around 90 works from Museu de Imagens do Inconsciente [Museum of Images of the Unconscious] were compiled and will be displayed alongside pieces by Lygia Clark and Zé Carlos Garcia, photographs by Alice Brill, Rogério Reis, and Rafael Bqueer, videos by Leon Hirzsman, and watercolors and photographs by Carlos Vergara. The exhibition celebrates the scientist Nise, who refocused the understanding of insanity in the history of mankind by means of artistic tools.

In carrying out this project, Banco do Brasil reaffirms its commitment to foster access to culture, providing the public with an opportunity of getting to know the avant-garde and creative dimension of one of the greatest scientists in Brazil.

O Banco do Brasil apresenta e patrocina:
Nise da Silveira – a revolução pelo afeto, mostra que expõe o legado da médica mundialmente conhecida por inovar o tratamento de pessoas com sofrimentos psíquicos, usando o sentimento como metodologia científica.

Sob curadoria do Estúdio M'Baraká, com consultoria do psiquiatra Vitor Pordeus e do museólogo Eurípedes Junior, foram reunidas cerca de 90 obras do Museu de Imagens do Inconsciente, que serão exibidas ao lado de peças de Lygia Clark e Zé Carlos Garcia, fotografias de Alice Brill, Rogério Reis e Rafael Bqueer, filmes de Leon Hirzsman e aquarelas e fotos de Carlos Vergara. A exposição homenageia a cientista Nise, que reposicionou o entendimento da loucura na história da humanidade por meio de ferramentas artísticas.

Ao realizar este projeto, o Banco do Brasil reafirma seu compromisso em promover o acesso à cultura, trazendo ao público a oportunidade de conhecer a dimensão vanguardista e criativa de uma das maiores cientistas do Brasil.

Centro Cultural Banco do Brasil

O Museu de Imagens do Inconsciente reúne a maior coleção do mundo em seu gênero, com mais de 400 mil obras, parte delas tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Fundado pela Dra. Nise da Silveira em 1952, originou-se dos ateliês de pintura e modelagem concebidos por sua fundadora em oposição aos tratamentos desumanos e agressivos da psiquiatria tradicional – isolamento, eletrochoque e lobotomia. A humanização do tratamento de pessoas com transtornos mentais e a demonstração da capacidade criativa dessas pessoas é um trabalho pioneiro na psiquiatria mundial. Elas inspiraram a Reforma Psiquiátrica brasileira, dotando o país de uma das legislações mais avançadas no mundo nessa área.

Seu acervo é composto por obras de artistas consagrados nas artes visuais brasileiras. Tal reconhecimento tornou o museu um ator importante na redução de estigmas das pessoas portadoras de transtornos mentais, contribuindo para a inclusão social de uma comunidade historicamente rejeitada.

A exposição ora apresentada reúne histórias, pesquisas e conhecimentos que iluminam aspectos ainda pouco conhecidos de nossa psique. Num mundo abalado pela pandemia, este trabalho mostra pontes para auxiliar nos (re)encontros com a vida, como pode-se ver nas obras de nossos artistas que traduziram suas experiências em formas e cores que nos emocionam pela rara beleza.

Museu de Imagens do Inconsciente [Museum of Images of the Unconscious] holds the world's largest collection of its kind, with more than 400 thousand works, part of them protected by Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [National Institute of Historical and Artistic Heritage]. Founded by Dr. Nise da Silveira in 1952, Museu de Imagens do Inconsciente arose from the painting and modelling workshops conceived by its founder, which were the antithesis of the inhuman and aggressive treatments of traditional psychiatry—whose prescription was isolation, electroconvulsive therapy, and lobotomy. The humanization of the treatment of people with mental disorders and the validation of these people's creative ability are a pioneering work in psychiatry worldwide which inspired the Brazilian Psychiatric Reform, endowing the country with one of the world's most advanced legislations in this field.

The museum's collection features works by renowned Brazilian visual artists. This recognition has granted the museum a major role in reducing the stigma of mental illness, thus contributing to the social inclusion of a historically-rejected community.

The exhibition presented here brings together history, research, and knowledge, shedding light on still unknown aspects of our profound psyche. This work creates bridges to aid re-encounters with life in a world shaken by the pandemic, as can be seen in the works of our artists, translating this experience into forms and colors that fascinate us with their unique beauty.

Sociedade Amigos do
Museu de Imagens Inconsciente



Sumário

Núcleo 01 . Contexto, dor & afeto

14 - Texto curatorial
18 - Nise da Silveira
24 - Loucura e normalidade
27 - Abstração e improviso
32 - Precursores
37 - Arte no Hospital do Engenho de Dentro
42 - Adelina Gomes
50 - Não aperto
66 - Afeto
72 - Carlos Pertuis
76 - Emygdio de Barros
78 - O afeto é centro do universo (Vitor Pordeus)

Núcleo 02 . Ser mulher, ser revolucionária

85 - A revolução é feminina, ou não será
88 - Prisão e exílio
92 - Um ateliê humano
101 - Biblioteca de Nise
101 - Von Franz
102 - O método
104 - Museu de Imagens do Inconsciente
111 - A Casa das Palmeiras
112 - Relação com os gatos
116 - A história de Beta
120 - Nise da Silveira – A revolução pelo olhar (Eurípedes Junior)

Núcleo 03 . Engenho de Dentro: inconsciente e território

130 - Jung e os arquétipos
134 - Relação com Jung
137 - Carlos Pertuis
138 - Mandalas
144 - Contos e inconsciente
146 - *O Livro Vermelho* de Jung
152 - Dragão-baleia
156 - Baubo e Mapinguari
160 - Barca do sol
162 - Engenho de Dentro da Alma (Tiago Sant'ana)
168 - Hotel da Loucura
170 - Fernando Diniz
181 - Manifesto da curadoria
182 - Dionisio
186 - Querida Nise (Vera Dantas)

Textos em inglês e índice de imagens

190 - English text
206 - Índice de imagens



Escutar, acolher, sentir, perceber. Abrir, libertar, liberar, emergir, crescer. Aceitar, abraçar, conhecer, compartilhar, atuar, performar, ser. Entender, compreender, incluir, acolher. Ser escutada, acolhida, sentida, percebida. Liberta, livre, grande, gigante, aceita, aceito, aceitxs, presentes, potentes.

Estas são intuições que se afirmam como palavras após o contato que se tem com a gigante Nise da Silveira. Nise, mulher maior que seu tempo, maior que seu gesto, maior do que podemos ver na cegueira hedonista, cruel e relapsa a que nos habituamos como regra, como normal. Nise, cientista de vanguarda, revolucionária por natureza, que ousou falar de **AFETO** como método – algo capaz de reverter toda a apatia coloquial do senso de empatia. **Nise da Silveira – a revolução pelo afeto.**

Afeto, que, por gesto, só é possível e viável se entoada a potência transformadora da palavra, quando entendemos o eu no outro e o outro em mim. O mito. O rito. A performance coletiva. Somos todos atores. Um *continuum* no qual existir é maior que qualquer castração. Grãos de areia que somos, inflados de ego, traumatizados por sermos tão pequenininhos, desperdiçamos a gigante tarefa de existir no outro. Há algo de especial nas ações de Nise. Parece-nos ser o senso de ser – e somente ser, se junto ao outro. Ser ou não ser. Eis a questão.

Nas últimas palavras de seu livro sobre as imagens do inconsciente, Nise conta sobre o mito da barca do sol, sobre a constante luta da estrela em se renovar, manter a vitalidade e escapar da escuridão para trazer vida. Imergir para emergir, resumiu Vera Dantas. Diagnosticados estamos todos nós – é uma suposição factível. Nossa cura está no mergulho profundo, tendo o outro e a própria existência como coletes salva-vidas – nosso tempo ecoa esse mantra. A vida não se estoca, flui. E cada vida é vida. Amar é (lou)cura. Amar é cura.

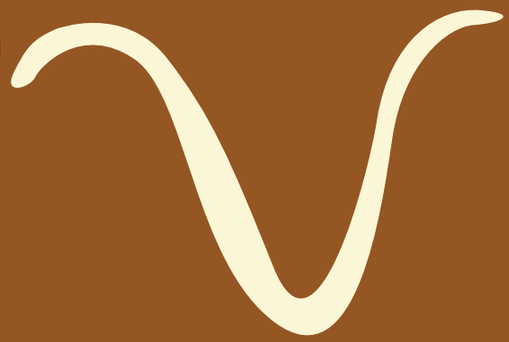
Estúdio M'Baraká

To listen, welcome, feel, perceive. To open, release, liberate, emerge, grow. To accept, embrace, know, share, act, perform, be. To understand, comprehend, include. To be listened to, welcomed, felt, perceived. To be liberated, free, big, giant, accepted, present, powerful.

These are intuitions which assert themselves as words after we meet the great Nise da Silveira. Nise, the woman, is greater than her time, greater than her gesture, greater than we can perceive, in the hedonistic, cruel, and obstinate blindness which we have come to accept as normal. NISE was an avant-garde scientist, a natural-born revolutionary, who dared speak about AFFECTION as a method—which could reverse all the colloquial apathy from the sense of empathy. ***Nise da Silveira — the revolution through affection.***

It is only possible and feasible to show affection by gesture if the transforming power of the word is intoned, that is, when we are aware of the me in the other and the other in me. The myth. The rite. The collective performance. We are all actors, a continuum in which existing is greater than any castration. Traumatized for being so tiny, as grains of sand inflated with ego, we waste the giant task of existing in the other. There is something special in NISE's actions. It seems to be the sense of being—and "being" only if together with the "other". "To be, or not to be? That is the question".

In the last words of her book on the images of the unconscious, Nise talks about the myth of the solar barque and the constant struggle of the star to renew itself, to keep its vitality, and escape from the darkness in order to give life. As Vera Dantas puts it, to submerge in order to emerge. All of us have been diagnosed—that is a reasonable assumption. Our healing lies in the deep dive, having the other and our own existence as life jackets—our times echo this mantra. Life cannot be stored, it flows. And each life is life. Love is madness. Love heals.

Contexto,  dor & afeto

CONTEXT, PAIN, AND AFFECTION

Nise da Silveira

Doutora Nise da Silveira: mulher, cientista, revolucionária, psiquiatra e alagoana, entre tantas outras coisas que representou para diversas pessoas, durante toda a sua vida (1905-1999), lutou pela urgente necessidade de rever padrões da sociedade. Rebelde assumida, tinha o afeto como força motora de seus estudos e ferramenta de trabalho. Queria substituir doentes dopados e alienados por pessoas integradas, assistidas e tocadas, ou seja, afetadas. Em vez de choques, a "Emoção de Lidar" e a adoção das artes como método de tratamento. E, definitivamente, a substituição do encarceramento pela liberdade.

Sua história, ainda longe de chegar ao fim, é marcada por resistência e luta, sempre amparada na ciência, mas sem permitir que a racionalidade excessiva deixasse de fora o afeto e a escuta. Hoje, celebramos a doutora Nise não como um monumento à psiquiatria brasileira que, naturalmente, ela recusaria, mas como referência de que é possível fazer do mundo um lugar mais humano.

"Aprendi muito com os loucos, e isso vem atrapalhar um pouco o conceito de razão. Fala-se na fonte da sabedoria e na fonte da loucura, mas elas não são duas. Não há fontes separadas, está tudo muito próximo. De vez em quando uma pessoa ajuizadíssima comete um ato de loucura que, felizmente, diz muito a ela própria sobre sua forma de viver."

– Nise da Silveira

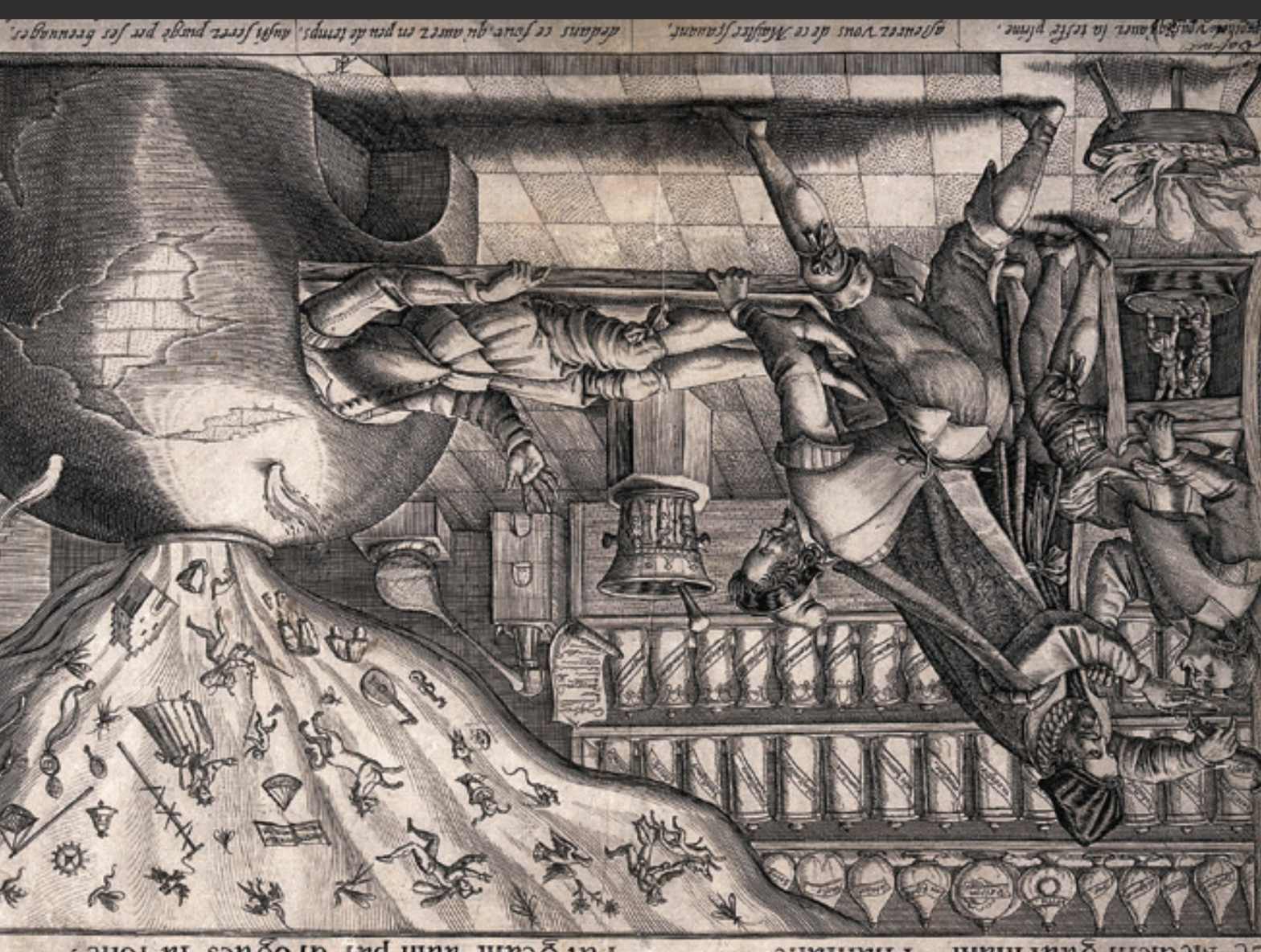
Nise da Silveira

Doctor Nise da Silveira: a woman, scientist, revolutionary, psychiatrist, born in the state of Alagoas, among many other things she represented to diferent people; throughout her life (1905–1999), she fought for the urgent need to review society's standards. Admittedly a rebel, afection was the driving force of her studies, as well as the tool of her trade. She wished to turn doped and alienated patients into individuals who were integrated, assisted, and moved, that is, emotionally afected. Instead of convulsive therapy, she proposed the "Emotion of Coping" and the adoption of the arts as a treatment method. She also undoubtedly favored freedom over imprisonment.

Her history, still far from reaching its end, is marked by resistance and struggle, always relying on science, but without allowing excessive rationality to exclude afection and listening. Today, we celebrate Dr. Nise not as a symbol of Brazilian psychiatry, a title which she would surely refuse, but as a reference that it is possible to make the world a more humane place.



O TUNEL DO TEMPO



“

**A minha alucinação é suportar o dia a dia,
e o meu delírio é experiência com coisas reais...**

– Belchior (1976)

**No fundo, não descobrimos na pessoa com
transtorno mental nada de novo ou desconhecido:
encontramos nele a base de nossa própria natureza.**

– C. G. Jung (1984)

”



LOUCURA E NORMALIDADE

"...a loucura é resultado de uma construção social, mais do que uma verdade médica."

– Michel Foucault (1961)

O que é loucura? Muitas culturas antigas compreendiam a doença mental como algo de origem divina, sobrenatural, resultado de um dom ou da ira de uma deusa ou de um deus. Mais tarde, em algum momento entre os séculos V e III a.C., o médico grego Hipócrates rejeitou esta ideia, explicando que os desequilíbrios seriam naturais do corpo, em particular, vindos do cérebro. Para Hipócrates, o corpo é dotado de um mecanismo que lhe permite restaurar o próprio equilíbrio:

"Tuas forças naturais, as que estão dentro de ti, serão as que curarão tuas doenças."

– Hipócrates (460 a. C)

Nos primeiros hospitais destinados aos "insanos", na Renascença, a música era adotada por possuir virtudes terapêuticas. No século XII, no Egito, as atividades recreativas como a música e a dança eram prescritas como uma maneira de aliviar sintomas – prática comumente utilizada em nossos dias.



Hieronymus Bosch. A Nau dos Loucos. c. 1490-1500. óleo sobre madeira (reprodução). Museu do Louvre, Paris

Na sociedade ocidental, a loucura ainda é associada a sentimentos depreciativos, como repulsa, medo, instabilidade, perigo e irracionalidade. Essas representações fazem parte de um imaginário social do ser louco, construído e mantido historicamente, que banaliza os sofrimentos psíquicos e inibe qualquer sensibilização, destinando a essas pessoas um lugar de exclusão.

A NAU DOS LOUCOS

A nau dos insensatos, ou o navio dos loucos, é uma antiga alegoria que descreve o mundo e seus habitantes humanos como uma nau, cujos passageiros perturbados não sabem e nem se importam em saber para onde estão indo. Para alguns filósofos, como Foucault, a nau é símbolo da consciência viva do pecado e do mal na mentalidade medieval. Os ditos loucos eram muitas vezes deixados a vagar pelos campos ou expulsos de suas cidades, algumas vezes sob pedradas ou bastonadas.



Fernando Diniz. Sem título. Óleo e guache sobre papel. 24 × 32,6 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Abstração e improviso

CONTRA O EMBOTAMENTO AFETIVO

Os psiquiatras interessados na produção plástica dos doentes com diagnóstico de esquizofrenia, desde muito tempo, notaram nessa produção a predominância da abstração, da estilização, do geometrismo. A opinião corrente à época de Nise era de que essa produção revelava continuado esfriamento da afetividade, desligamento cada vez maior do mundo real, opinião que a doutora Nise não aceitava.

"O psiquiatra firma os pés na palavra e quer traduzir tudo em palavras, ninguém está pretendendo desmerecer as palavras, mas há muitas outras maneiras de comunicação...Então nos lançamos ao estudo das imagens."

– Nise da Silveira

"Expressões, em grande parte inconscientes e quase sempre formadas de súbito, originadas de acontecimentos interiores, portanto impressões de Natureza Interior. Eu as chamo Improvisações."

– Kandinsky (1947)

Mas eu não examinava as pinturas dos doentes que frequentavam nosso ateliê, sentada no meu gabinete. Eu os via pintar. Via suas faces crispadas, via o ímpeto que movia suas mãos. Não me era possível aceitar a opinião estabelecida. (...) Por um feliz acaso, encontrei esclarecimento para este desafiante problema no livro do historiador de arte Wilhelm Worringer – *Abstração e natureza*. A arte virá retirar as coisas desse redemoinho perturbador, virá esvaziá-las de suas manifestações vitais sempre instáveis para submetê-las às leis permanentes que regem o mundo inorgânico. Por meio de processos de abstração, o homem procura "um ponto de tranquilidade e um refúgio."

– Nise da Silveira



Expressões, em grande parte inconscientes e quase sempre formadas de súbito, originadas de acontecimentos interiores, portanto Impressões de Natureza Interior. Eu as chamo Improvisações.

— KANDINSKY (1947)

O psiquiatra firma os pés na palavra e quer traduzir tudo em palavras, ninguém está pretendendo desmerecer as palavras, mas há muitas outras maneiras de comunicação... Então nos lançamos ao estudo das imagens.

— NISE DA SILVEIRA

abstração e improvisação

CONTRA O EMBOTAMENTO AFETIVO

Os psiquiatras interessados na produção plástica dos doentes com diagnóstico de esquizofrenia, desde muito cedo, notaram nessa produção a predominância da abstração, da estilização, do geometrismo. A opinião corrente à época de Nise era de que essa produção revelava "contraste relativamente às atividades, desligamento cada vez maior do mundo real, ruptura que o doente bem não assinala."

Não se não contentava ao primeiro olhar que o pensamento estava ausente, contido em meras palavras. Ao se mergulhar [illegible] e inquiri-los sobre suas razões. Não me era possível aceitar a opinião estabelecida. [...] Por um feliz acaso, encontrei no laboratório para desafiante profissional livro de Wilhelm Worringer – Abstração e Natureza. A arte era vista através dessa redescoberta particularidade, até o ponto em que [illegible] [illegible] [illegible]



Alice Brill. Ateliê da Escola Livre de Artes Plásticas do Hospital Psiquiátrico do Juquery, 1950. Instituto Moreira Salles

Precursores

A EMOÇÃO DE LIDAR

A obra artística é uma criação da fantasia (...). Esta questão de moldes, de medidas, de cânones, é o enclausuramento, é a morte, por assim dizer, do artista criador. A arte, para ser genial, tem que ser livre.

– Osório Cesar (1924)



Alice Brill. Interno do Hospital Psiquiátrico do Juquery, 1950. Instituto Moreira Salles

Há uma arte interessantíssima, curiosíssima, uma arte capaz de produzir fundas impressões a quem a admire, uma arte desvairada, mas por isso mesmo atraente, uma arte que nos prega surpresas a cada momento. Essa arte, os senhores a desconhecem por completo, é a arte dos loucos. É preciso que os senhores travem relações com ela, quando mais não seja para perder a convicção errada de que a loucura é uma grande noite sem estrelas. Venham ver quanta beleza se desprende das mãos dos pensionistas dos juquerys e se espalha sobre o papel branco. Venham abandonar essa presunção inabalável de homens normais e procurem convencer-se de que a normalidade comum – porque a absoluta não existe – é o que se chama, em bom latim, de "áurea mediocritas".

– Flávio de Carvalho (1933)



A EXPERIÊNCIA DE OSÓRIO CESAR E FLÁVIO DE CARVALHO EM JUQUERY

A expressão artística dos alienados (1929) foi o primeiro livro sobre obras de pacientes psiquiátricos no Brasil. Escrito pelo médico paulista Osório Cesar, o livro tem numerosas ilustrações, a maioria de sua própria coleção ou do Hospital do Juquery, incluindo também produções indígenas do acervo do Museu Nacional.

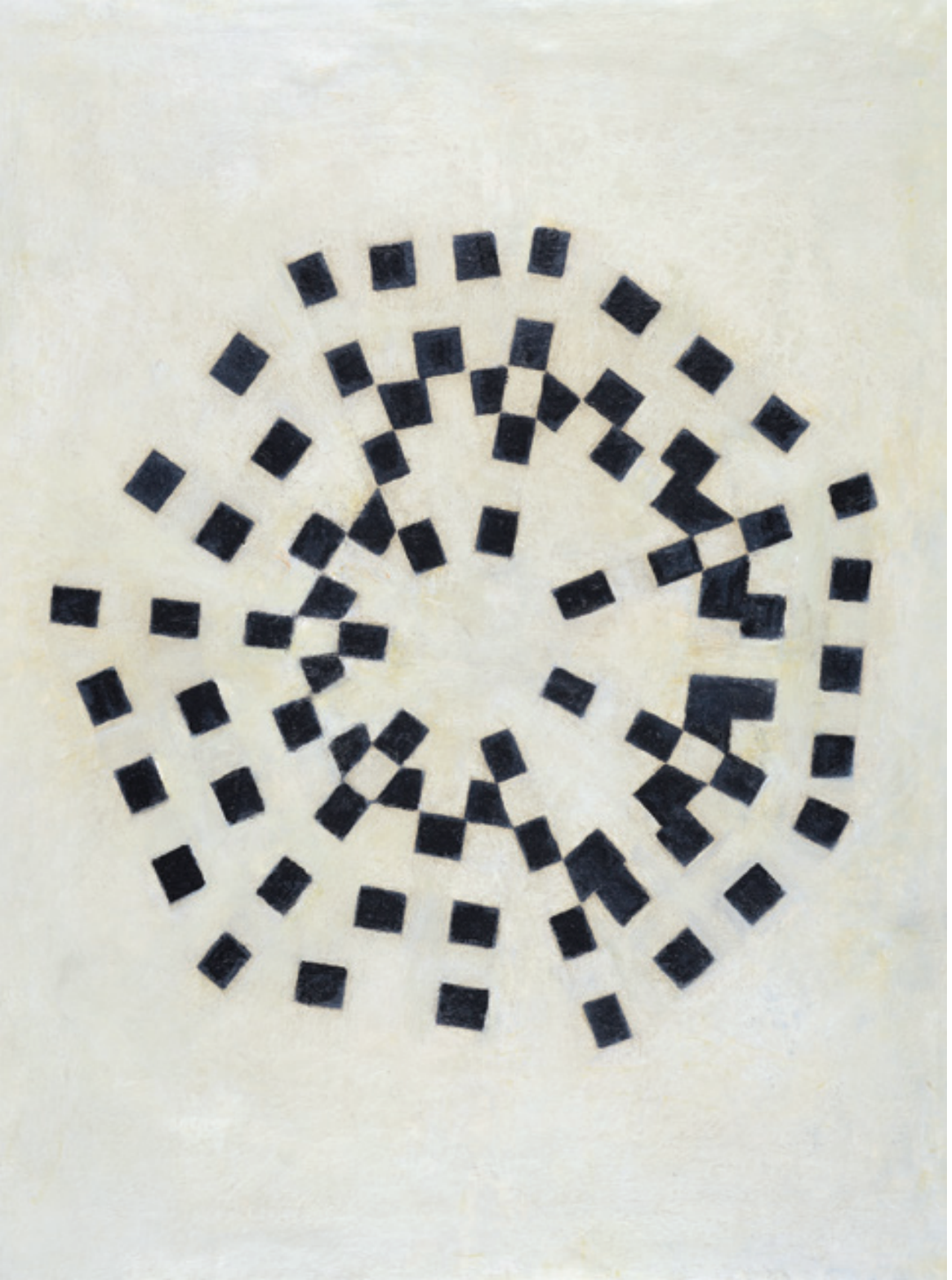
A exemplo de seus colegas europeus, os psiquiatras alemães Hans Prinzhorn e Hermann Simon, além do francês Marcel Réja, Osório Cesar foi também um intelectual híbrido. Natural da Paraíba, era músico violinista, formou-se em odontologia e posteriormente cursou a faculdade de medicina. Foi casado com a pintora Tarsila do Amaral por três anos.

Em 1933, Osório Cesar e o artista Flávio de Carvalho organizaram a Semana dos Loucos e das Crianças, exposição que reunia desenhos de crianças de escolas de São Paulo e produções dos internos do Juquery. O objetivo do evento foi levar o caráter psicológico e filosófico da elaboração artística à classe intelectual de São Paulo e questionar o ensino técnico de arte nas escolas e nos institutos artísticos.





Alice Brill. Internos do Hospital Psiquiátrico do Juquery, 1950. Instituto Moreira Salles



Artur Amora. Sem Título, década de 40. óleo sobre tela. 53,3 x 45 cm. Museu de Imagens do Inconsciente

"Arthur Amora teve uma breve passagem pelo hospital no final da década de 1940, e não há mais dados a seu respeito. Chegou ao ateliê desejando pintar, mas declarando que não sabia desenhar. Propus-lhe buscar um motivo que o interessasse. Descobriu uma caixa de dominós e copiou-os inteiramente. Depois, começou a simplificá-los, abandonando os pontos, encobrindo as faixas brancas e pretas, rompendo os ângulos, encontrando curvas e criando estruturas de forte contraste óptico."

– Almir Mavignier (1989)

"Geometria não é uma matéria como as outras. Não é apenas o estudo das propriedades das figuras. Ensina a arte de pensar. Meu pai, em poucas palavras, mostrava-me uma perspectiva nova de estudo. Eu tinha na ocasião 14 anos de idade..."

– Nise da Silveira

"Nenhum deles, com mais ou menos talento, mais ou menos atacados na enfermidade, poderia ser o que é ou o que foi, no isolamento. A sociedade do Engenho de Dentro, com toda a precariedade de seus recursos, lhes deu âncora à vida."

– Mario Pedrosa (1980)

A arte no hospital

DO ENGENHO DE DENTRO

Mário Pedrosa, mais importante crítico de arte e colunista do jornal *Correio da Manhã* de 1944 a 1951, partilhava com Nise da Silveira a vontade de romper com uma tendência da época que lhe parecia opressora, autoritária e esterilizante, só que no campo das artes.

Na década de 1940, o crítico falava, pela primeira vez em contexto nacional, sobre uma arte que se distanciasse das formas rígidas e das convicções acadêmicas, acessível a todos, que tratasse de aspectos humanos, das emoções e das sensações. Encaixavam-se, aí, as criações espontâneas e não profissionais de artistas do ateliê do Hospital do Engenho de Dentro, como Adelina Gomes, Emygdio de Barros e Carlos Pertuis, que não dialogavam com a cultura formal *(savant)* ou com a história da arte e, por isso, ofereciam produções puras e genuínas de seu universo interior.

O ateliê de pintura foi criado por Nise da Silveira e Almir Mavignier, um jovem pintor à época. Além de Mário Pedrosa, era frequentado também por importantes artistas nacionais, como Ivan Serpa e Abraham Palatnik, então um jovem artista em início de carreira. Fonte de grande inspiração e encantamento, os pacientes do Engenho de Dentro e essa cosmologia de mentes brilhantes fertilizaram o movimento neoconcreto nas artes, que emergiu um pouco mais adiante com Lygia Clark, Hélio Oiticica e Lygia Pape. No campo da psiquiatria, foram essas experiências e a produção que ali acontecia que deram vida ao Museu de Imagens do Inconsciente, hoje um dos mais importantes acervos para pesquisa da produção de imagens e seus processos psíquicos.



9 ARTISTAS DE ENGENHO DE DENTRO - RIO DE JANEIRO

Tudo isso me alegrava profundamente, mas sempre me mantive discreta quanto a pronunciamentos sobre a qualidade das criações plásticas dos doentes. Isso competia aos conhecedores de arte. O que me cabia era estudar os problemas científicos levantados por essas criações.

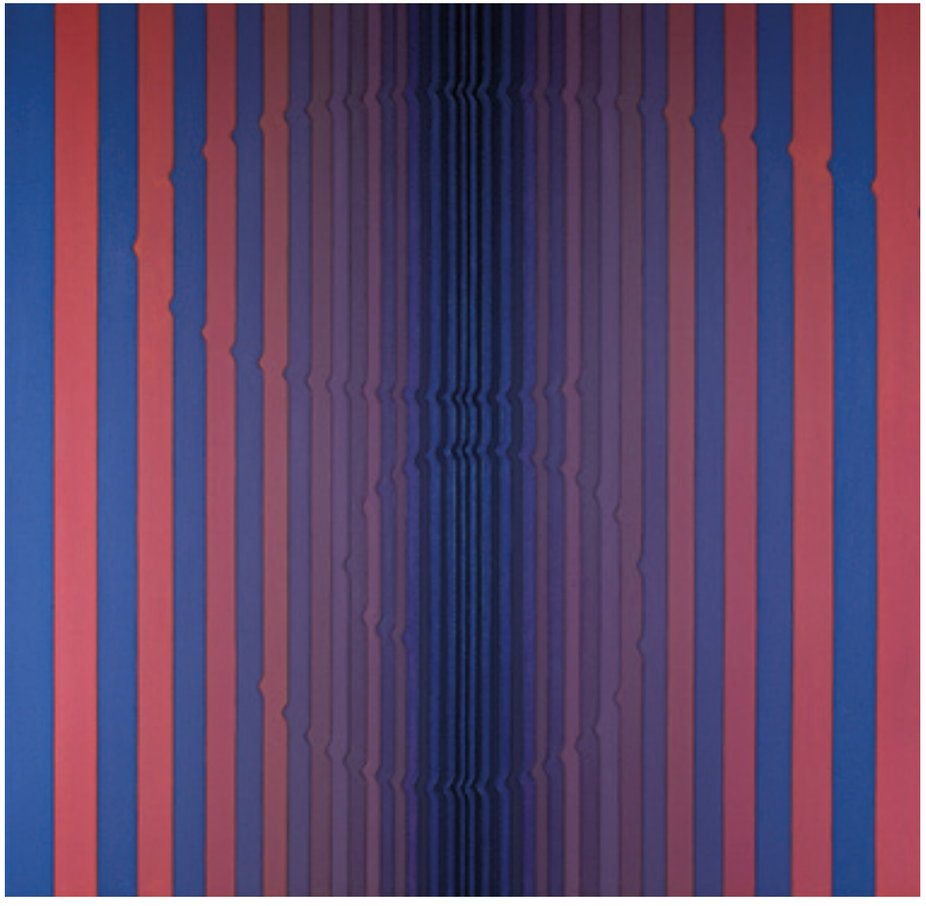
– Nise da Silveira

Meu encontro com a Nise foi um encontro muito bom, porque eu precisava dela e ela precisava de mim. (...) Comecei no hospital como diarista, artífice diarista, no fundo para acalmar os internados, trabalhar nas enfermarias. (...) Até que vi uma festinha da sessão terapêutica, praxiterapia, que uma doutora (Nise da Silveira) estava chefiando. E então tive a ideia de perguntar a ela se tinha interesse em fazer uma exposição de pintura ou um ateliê de pintura. (...) e ela disse: "mas eu espero há muito tempo uma pessoa que possa fazer isso", de modo que realmente nos entendemos perfeitamente. (...) E começamos a trabalhar.

– Almir Mavignier (1989)

**Sei que, quando cheguei lá (ateliê de pintura),
vi que aquilo não podia ser um ateliê, era uma sala
muito simples onde estava o Emygdio, o Carlos,
o Diniz, o Isaac, a Adelina, estavam lá trabalhando;
sei que fiquei chocado com aquilo, fiquei
tão arrasado, porque afinal eles não passaram quatro
anos de Escola de Artes. E as obras fantásticas,
de uma densidade, cores, e eu comecei a logo me
questionar, a minha atuação era de estímulos externos
e senti que aquilo não tinha nada de externo,
(...) mas aquilo vinha de dentro, só podia ser assim (...),
era de uma riqueza de imagens, mexeu (...).
Senti que meu castelo estava desmoronando.
(...) De repente me deu uma sensação que eu tinha
que abandonar a pintura, (...) não era verdadeiro,
era tudo ilusão porque era tudo estímulos externos (...).
Conclusão, tinha que vir de dentro. Agora eu era muito
novo, tinha 20 anos, meu subconsciente era uma
porcaria, não tinha nada para tirar de dentro...**

– Abraham Palatnik (2003)



*Abraham Palatnik. K - 43, 1989. acrílica sobre tela. 100 × 100 cm. Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Doação Ferreira Gullar.*



Adelina Gomes

Adelina era uma moça pobre, filha de camponeses. (...) Era tímida e sem vaidade, obediente aos pais, especialmente apegada e submissa à mãe. Nunca havia namorado até os 18 anos. Nessa idade, apaixonou-se por um homem que não foi aceito por sua mãe. (...) Obedece, afasta-se do homem amado. A condição de mulher oprimida é patente. A autoridade inapelável das decisões familiares impede a normal satisfação dos instintos e a realização de seus projetos de vida afetiva. A situação parecia resolvida sem maiores consequências. Entretanto Adelina foi se tornando cada vez mais retraída, sombria e irritada. Um dia, subitamente, estrangulou a gata da casa, que todos estimavam, inclusive ela própria. Tomada de violenta excitação psicomotora, foi internada em 17 de março de 1937.

– Nise da Silveira

EU QUERIA SER FLOR



Adelina Gomes



Dois mil anos de cristianismo representaram apenas a superfície. Nos profundos e intrincados labirintos da psique vivem ainda os deuses pagãos. Pesquisas arqueológicas e pesquisas psicológicas são trabalhos paralelos feitos em áreas diferentes.

– JOSÉ DA SILVEIRA

EU QUERIA
SER FLOR



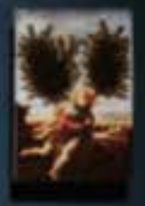












O mito
DE DAFNE



Depois do primeiro encontro com Jung na Suíça, Nise volta ao Brasil e depara-se com uma série de pinturas de Adelina que traziam como tema a transformação da mulher em vegetal. Tentando decifrar a significação de tal metamorfose, encontrou paralelo no mito da ninfa grega Dafne. Nele, Apolo, o deus do sol, é atingido por uma flecha de Eros, deus do amor e do erotismo, e se apaixona pela ninfa Dafne. Filha do Rio Ladão e da Mãe Terra, Dafne se esquiva, mas Apolo não aceita ser recusado. O deus a persegue por entre campos e bosques, e Dafne busca refúgio junto de sua mãe, a Terra, que a acolhe e a metamorfoseia em loureiro. A partir daí, o deus sempre traz consigo um ramo de louros, motivo pelo qual os campeões em competições esportivas até hoje são presenteados com coroa dessa planta.

O estudo desse caso clínico, acompanhado durante anos, é uma das mais importantes contribuições para a compreensão da psicose no campo da psiquiatria. Nise comentou, anos depois: "A partir daí verifiquei, pela experiência, o quanto Jung tinha razão. A mitologia não era estudo para diletantismo de eruditos. Era um instrumento de trabalho de uso cotidiano, indispensável na prática psiquiátrica".



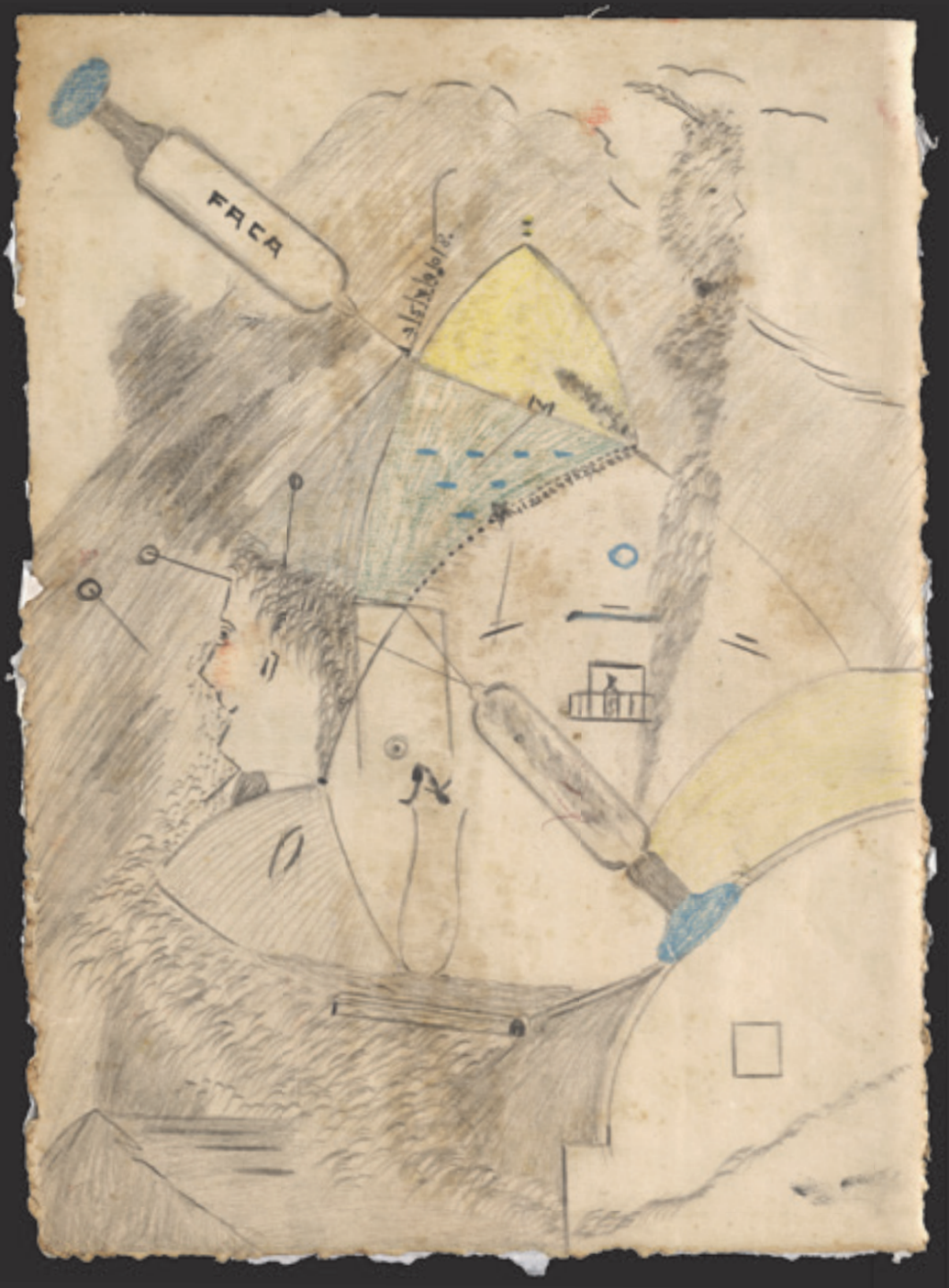
“Adelina pediu uma tela e pintou, lenta e cuidadosamente, um vaso cheio de flores. A monitora do ateliê de pintura, Elza Tavares, ficou tão emocionada que escreveu no momento sobre o chassi da tela: pela primeira vez de um galho saiu uma flor e não uma mulher.”

– Nise da Silveira

No desdobramento do processo psíquico, muitas vezes recuos antecedem progressos. Fato inédito na sua conduta, Adelina, sem ser vista, retirou da estante precisamente a tela que havia pintado anos antes, sua primeira pintura na qual aparecem flores não fusionadas à figura de mulher. Foi tão intensa sua necessidade de metamorfose, que Adelina repintou esta tela, colocou uma face de mulher superposta às flores que ocupavam o centro e deu ao jarro a forma de cabeça de um gato de expressão sinistra. Os temas principais acham-se aqui reunidos, flor, gato, mulher.

NÃO APERTO


NÃO APERTO!
Mas a psiquiatria deu uma guinada e focou valorizando excessivamente os produtos químicos. Os medicamentos foram usados cada vez em doses mais altas e espaço de tempo mais prolongado. Não direi que não usem medicamentos, é evidente, mas as altas doses e seu uso prolongado inibem a atividade criadora do indivíduo, seja para pintar, seja para trabalhar em madeira, seja para trabalhar em qualquer outra atividade. Qualquer trabalho criativo fica inibido se deparem o indivíduo. A psiquiatria atual está dominada pela quimioterapia, verdadeira camisa de força química, enquanto a velha camisa de força era mecânica.
– NISE DA SILVEIRA
Outras novidades eram o eletrochoque, o choque de insulina e o de cardiazol. Fui trabalhar numa enfermaria, com um médico inteligente, mas que estava aderido àquelas inovações. Então me disse:
– A senhora vai aprender novas técnicas de tratamento. Vamos começar pelo eletrochoque.
Paramos diante da cama de um doente que estava ali para tomar eletrochoque. O psiquiatra apertou o botão e o homem entrou em convulsão. Ele então mandou levar aquele paciente para a enfermaria e pediu que trouxessem outro. Quando o novo paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico me disse:
– Aperte o botão.
E eu respondi:
– Não aperto!
– NISE DA SILVEIRA
tratamento desumano
Na história da sociedade moderna, o enclausuramento é tido como medida condenatória àqueles que representam uma ameaça à ordem imposta: pobres, estrangeiros e doentes, de qualquer idade e gênero, marginalizados e caracterizados como vagabundos, libertinos, maltrapilhos, alienados, criminosos etc. Esses corpos eram separados das ruas e do convívio social, aglomerados em instituições carcerárias, asilares e religiosas, denominadas Hospital Geral.
Foi no século XVIII que o médico francês Philippe Pinel, então diretor do Hospital Geral, identificou a necessidade de separar os "loucos" dos demais para tratamento médico específico. Assim, surgia a classificação de alas hospitalares e, também, da "alienação mental" como categoria médica.
O hospital psiquiátrico criou a psiquiatria, e o psiquiatra, por sua vez, edificou a doença mental.
– FOUCAULT (1978)
No Brasil, a primeira instituição psiquiátrica foi criada por D. Pedro II, por Decreto Imperial, em 1841: o Hospício Pedro II, localizado no bairro da Urca, no Rio de Janeiro.



OUTRAS NOVIDADES ERAM O ELETROCHOQUE, O CHOQUE DE INSULINA E O DE CARDIAZOL. FUI TRABALHAR NUMA ENFERMARIA, COM UM MÉDICO INTELIGENTE, MAS QUE ESTAVA ADAPTADO ÀQUELAS INOVAÇÕES. ENTÃO ME DISSE:

– A SENHORA VAI APRENDER NOVAS TÉCNICAS DE TRATAMENTO. VAMOS COMEÇAR PELO ELETROCHOQUE.

PARAMOS DIANTE DA CAMA DE UM DOENTE QUE ESTAVA ALI PARA TOMAR ELETROCHOQUE. O PSIQUIATRA APERTOU O BOTÃO E O HOMEM ENTROU EM CONVULSÃO. ELE ENTÃO MANDOU LEVAR AQUELE PACIENTE PARA A ENFERMARIA E PEDIU QUE TROUXESSEM OUTRO. QUANDO O NOVO PACIENTE FICOU PRONTO PARA A APLICAÇÃO DO CHOQUE, O MÉDICO ME DISSE:

– APERTE O BOTÃO.

E EU RESPONDI: NÃO APERTO!

MAS A PSIQUIATRIA DEU UMA GUINADA E FICOU VALORIZANDO EXCESSIVAMENTE OS PRODUTOS QUÍMICOS. OS MEDICAMENTOS FORAM USADOS CADA VEZ EM DOSES MAIS ALTAS E ESPAÇO DE TEMPO MAIS PROLONGADO. NÃO DIREI QUE NÃO USEM MEDICAMENTOS, É EVIDENTE, MAS AS ALTAS DOSES E SEU USO PROLONGADO INIBEM A ATIVIDADE CRIADORA DO INDIVÍDUO, SEJA PARA PINTAR, SEJA PARA TRABALHAR EM MADEIRA, SEJA PARA TRABALHAR EM QUALQUER OUTRA ATIVIDADE. QUALQUER TRABALHO CRIATIVO FICA INIBIDO SE DOPAREM O INDIVÍDUO. A PSIQUIATRIA ATUAL ESTÁ DOMINADA PELA QUIMIOTERAPIA, VERDADEIRA CAMISA DE FORÇA QUÍMICA, ENQUANTO A VELHA CAMISA DE FORÇA ERA MECÂNICA.

– NISE DA SILVEIRA



TRATAMENTO DESUMANO

Na história da sociedade moderna, o enclausuramento é tido como medida condenatória àqueles que representam uma ameaça à ordem imposta: pobres, estrangeiros e doentes, de qualquer idade e gênero, marginalizados e caracterizados como vagabundos, libertinosos, maltrapilhos, alienados, criminosos etc. Esses corpos eram separados das ruas e do convívio social, aglomerados em instituições caritativas, asilares e religiosas, denominadas Hospital Geral.

Foi no século XVIII que o médico francês Philippe Pinel, então diretor do Hospital Geral, identificou a necessidade de separar os "loucos" dos demais para tratamento médico específico. Assim, surgia a classificação de alas hospitalares e, também, da "alienação mental" como categoria médica.

No Brasil, a primeira instituição psiquiátrica foi criada por D. Pedro II, por Decreto Imperial, em 1841: o Hospício Pedro II, localizado no bairro da Urca, no Rio de Janeiro.

O hospital psiquiátrico criou o psiquiatra, e o psiquiatra, por sua vez, edificou a doença mental.

– Michel Foucault (1978)



O busto, modelado trinta dias após a lobotomia, conserva boas qualidades plásticas, mas caracteriza-se pela inexpressividade e pelo acabamento grosseiro. (...) Ao contrário das obras anteriores à operação, nestas estão ausentes a tensão afetiva e o meticuloso tratamento técnico. Estava atingido o primeiro objetivo visado pelos partidários da lobotomia: separar o pensamento de suas ressonâncias emocionais.

– Luiz Carlos Mello (2014)



JULIANO MOREIRA

Juliano Moreira nasceu em uma família de pessoas escravizadas, em 1871, e foi menino pobre em Salvador até se tornar um dos médicos mais jovens da Faculdade de Medicina da Bahia. Trabalhou de 1903 até 1930 como diretor do Hospício Nacional de Alienados, onde também morava. Homem de grande delicadeza, era um terapeuta do afeto, adorado por seus pacientes. Introduziu oficinas ocupacionais e retirou as camisas de força dos doentes.

Por toda sua vida, enfrentou os descaminhos de ideias evolucionistas, em ebulição à época, que pregavam a superioridade de raças e a higienização social. Combateu o consenso de que a degeneração do brasileiro era atribuída à mestiçagem de seu povo, afirmando que era preciso deixar de lado os preconceitos de cores e castas e identificar os verdadeiros vilões e causadores de doenças: as condições sociais e sanitárias, a violência, a fome e a desnutrição.

"O doutor Juliano Moreira é uma excelente e boa pessoa; e não mete medo aos homens como eu, pois ele os estudou e lhes adivinha as dores."

– Lima Barreto (ca. 1900)

"É preciso "descascar" o trauma colonial e negar a negação do poder negro."

– Vitor Pordeus (2021)

FERNANDO DINIZ (EM BUSCA DO ESPAÇO COTIDIANO, 1983-1987)
Quando eu tinha cinco anos, lembro-me muito bem, minha mãe dormiu com um branco. É um fato muito importante. Infelizmente no fim de três dias o homem desapareceu, levando o relógio de minha mãe, e nunca mais voltou. Uma criança branca nasceu. Isso tem grande valor. Ter um irmão branco nos torna orgulhosos. As outras crianças na rua não nos humilham mais. Isso nos dá mais liberdade nos estudos. Este menino era uma joia.





LIMA BARRETO

Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, em 1881. Foi um jornalista e escritor brasileiro que publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos, principalmente em revistas populares ilustradas e periódicos anarquistas do início do século XX. Vítima do alcoolismo e de outros problemas de saúde, foi internado em hospitais psiquiátricos mais de uma vez. Após a sua morte, em 1922, sua obra foi redescoberta e publicada, levando-o a ser considerado um dos mais importantes escritores brasileiros.

"Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça de vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não (...). Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria."

"Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza de que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: deliro."

"Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não dá ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só."

- Lima Barreto (1919-1920)



N.

Nome: Affonso Henriques de Lima Barreto Côr branco Idade 33 annos. Estado solteiro

Nacionalidade brasileiro Profissão empregado publico Entrada em 11 de Agosto de 1914

Diagnostico Alcoolismo.

DADOS ANTHROPOMETRICOS

Altura		Arco bi-zygomatico		Diametro ant. post.	
Busto		» bi-auricular		» transverso	
Grande abertura		» bi-mastodeu		» bi-mastodeu	
» circumferencia		» n. h.		» bi-auricular	
Arco anterior		» n.		» bi-zygomatico	
» posterior		» n. b.		Indice cephalico	
» lateral direito		» n. t.		Força direita	
» » esquerdo		» b.		Força esquerda	

Peso por occasião da entrada Peso por occasião da sahida

OBSERVAÇÕES

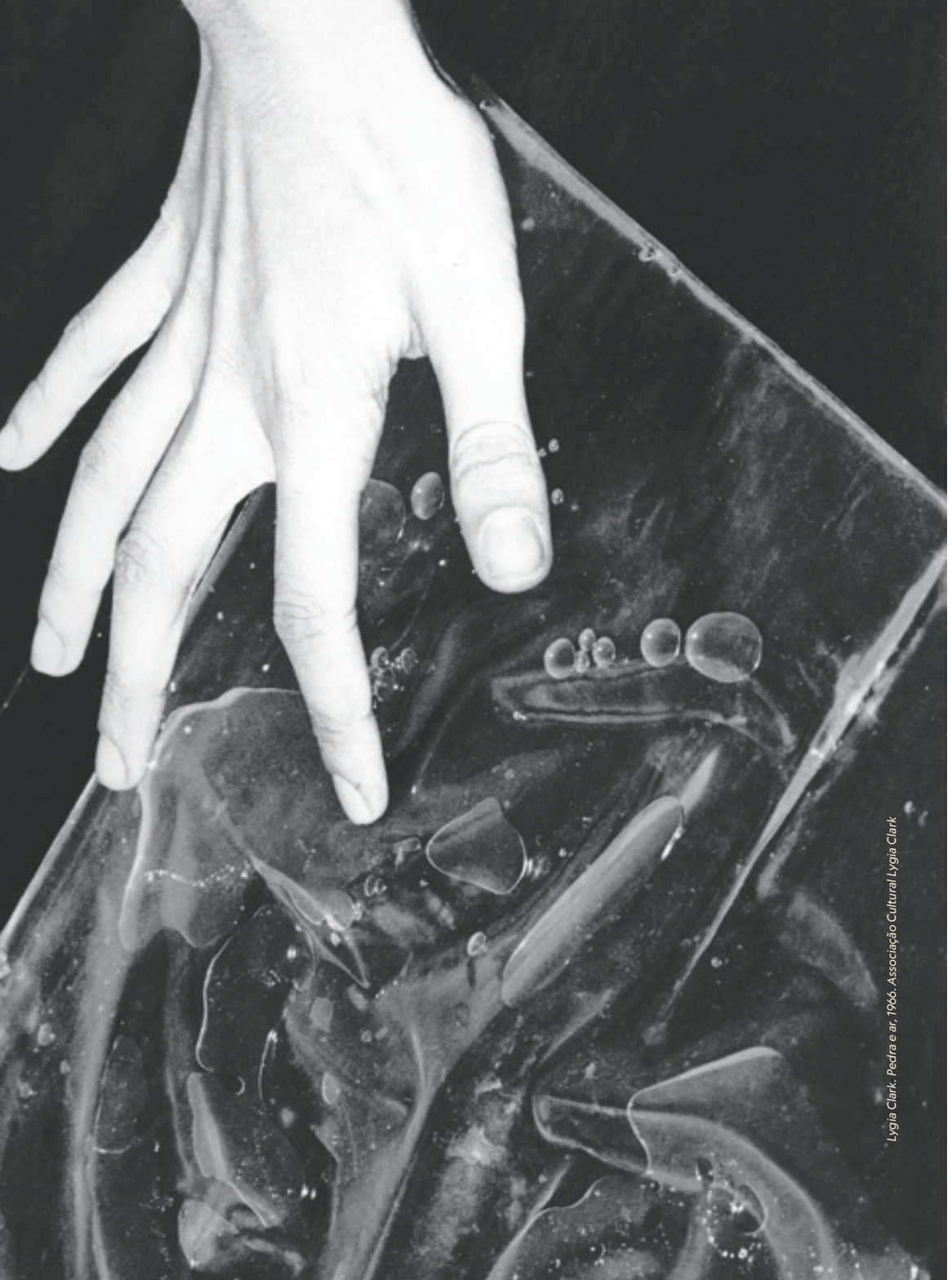
Inspecção geral O nosso observado é um individuo de boa estatura, de compleição forte, apresentando estigmas de degenerescencia physica. Dentes ruins; lingua com accentuados tremores, y bien claro. assim como nas extremidades dos dedos.



Zé Carlos Garcia. Duas cabeças, 2019. Escultura em penas. 57 × 31 × 28 cm
Coleção do artista.

Será preciso constância, paciência e um ambiente livre de qualquer coação para que relações de amizade e de compreensão possam ser criadas. Sem a ponte desse relacionamento, a cura será quase impossível.

– Nise da Silveira



Lygia Clark. Pedra e ar, 1966. Associação Cultural Lygia Clark

As experiências terapêuticas do médico e artista plástico Lula Wanderley se dão no encontro entre a arte de Lygia Clark e o sofrimento psíquico. Os "objetos relacionais" de Lygia, como O Grande Colchão, a Fita de Moebius ou ainda outros que não possuem nome, adaptam-se a diversas experiências corporais. A terapêutica de Wanderley, cujo principal instrumento de trabalho é a sensibilidade do terapeuta, tem como ponto de partida o corpo/espectador na relação com o objeto, enfatizando a pluralidade e o afeto.

– Lula Wanderley (2002)



Matheus Freitas, Proposição do "Diálogo de Mãos" da artista Lygia Clark feita com objeto semelhante ao original, 2015, vídeo, duração 4'07", acervo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Na era da máquina,
a alma é colocada em segundo lugar.

– Nise da Silveira



Afeto

Desde a adoção da pequena cadela Caralâmpia por um doente que frequentava uma de nossas oficinas, verifiquei as vantagens da presença de animais no hospital psiquiátrico. Sobretudo o cão reúne qualidades que o fazem muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo. Nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor e alegria ao frio ambiente hospitalar.

– Nise da Silveira



Anna Letycia. Retrato de Nise sentada com um gato no colo, 1957. Gravura 37,7 × 47,3 cm. Museu de Imagens do Inconsciente

O que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com a outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito.

– NISE DA SILVEIRA

Nós nunca impusemos modelos, cada um segue sua inspiração, sentimentos, rancores. O que importa é acompanhar esse cliente nessa viagem.

– NISE DA SILVEIRA



Será preciso constância, paciência e um ambiente livre de qualquer coação, para que relações de amizade e de compreensão possam ser criadas. Sem a ponte desse relacionamento, a cura será quase impossível.

– NISE DA SILVEIRA

AMIGO



Desde o início ela procurou cuidar dos doentes por meio de atividades que lhes oferecia. Organizou um ateliê de pintura, criou grupos terapêuticos de estudo [illegible] Gradualmente o ateliê ganhou vida e [illegible] que a levaram a formar um museu de arte. Nesse processo [illegible] ela estabeleceu uma nova [illegible] e alterou as [illegible]

– NISE DA SILVEIRA

“Só o homem é capaz de pensar. Somente o homem possui razão. Se o corpo do homem e o corpo dos animais são máquinas bastante semelhantes, entretanto diferenças fundamentais os separam. E conclui [Descartes] afirmando que os animais não possuem apenas menos razão que os homens, mas não possuem absolutamente nenhuma razão. Se gritam ou se agitam, trata-se apenas do efeito de movimentos que se produzem na máquina de seus corpos.”

Li esse famoso discurso ainda muito jovem na biblioteca de meu pai. Fiquei revoltada. Jamais admitiria que meus queridos cães Top e Jiqui fossem incapazes de pensar e sentir. Entre nós três, compreensão e afeto se encontravam estreitamente, num relacionamento profundo. Mais tarde, na faculdade de medicina, passei por uma formação cartesiana. Cabia-me e a meus colegas o estudo das peças componentes das engrenagens da máquina que seria o corpo humano.

– Nise da Silveira

Lembro-me, como se fosse hoje, de uma aula prática de fisiologia que tinha por tema o mecanismo da circulação. Uma rã foi distendida e pregada pelos quatro membros (crucificada) sobre placa de cortiça e o peito aberto cruamente para que víssemos seu pequeno coração palpitando. Os olhos da rã estavam esbugalhados ao máximo e pareciam perguntar-nos: por que tanta ruindade? Para nada. Ninguém aprendeu coisa alguma naquela estúpida aula.

– Nise da Silveira

Sou uma pessoa muito livresca. Não posso ver um livro que eu avanço. Amo os livros. Nas livrarias, quando não tinha dinheiro para comprá-los, eu os escondia. Pedia a amigos meus de braços compridos – como o Marcos Moreira, por exemplo, que era altíssimo – para irem comigo. Na outra semana, quando arranjava dinheiro, dizia: – Vamos buscar o livro.



Então um cliente, que trabalhava na marcenaria, sentiu, farejou, intuiu que eu amava os livros. E me deu um de presente. Era um coração de madeira tendo, ao centro, um pequeno livro também esculpido em madeira. E me disse assim: – Livro sem coração não vale nada.

E essa é uma das características do meu serviço. O afeto. Nunca chamei ninguém de “paciente”. Chamava todos pelo nome – Maria, Adelina, Fernando –, isso aproxima muito as pessoas.

– Nise da Silveira

Trechos retirados do livro Cartas a Spinoza, de Nise da Silveira, publicado em 1989.

Carlos Pertuis

Do sedimento denso das experiências, imaginações e emoções coletivas é que se destaca vagarosamente o indivíduo único. Impulso instintivo impele cada ser a diferenciar-se do lastro comum de sua espécie. É um processo natural de crescimento também vivido por vegetais e animais. No homem, porém, do inconsciente emerge o consciente em grau e qualidade que talvez lhe sejam peculiares. E o tornam capaz de tomar conhecimento desse processo em desenvolvimento de acordo com o plano específico cujas linhas traz esboçadas desde o nascimento, **"doloroso rascunho de si mesmo"**, nas palavras de Guimarães Rosa.

– Nise da Silveira









Carlos Pertuis. Cabeças paisagem. Óleo e grafite sobre papel, 25,5 × 38 cm. Museu de Imagens do Inconsciente

Do sedimento denso das experiências, imaginações e emoções coletivas é que se destaca vagarosamente o indivíduo único. Impulso instintivo impele cada ser a diferenciar-se do lastro comum de sua espécie. É um processo natural de crescimento também vivido por vegetais e animais. No homem, porém, do inconsciente emerge o consciente em grau e qualidade que talvez lhe sejam peculiares. E o tornam capaz de tomar conhecimento desse processo em desenvolvimento de acordo com o plano específico cujas linhas trazem esboçadas desde o nascimento "doloroso rascunho de si mesmo", nas palavras de Guimarães Rosa.

— NISE DA SILVEIRA



– Eu o trouxe porque já faz dias que, quando vou buscar os outros que têm autorização, noto no canto do olho deste doente a vontade de vir também. Diante disso, baixei a cabeça. Saber ler no canto do olho de um esquizofrênico não é para qualquer pessoa, não. Nem psiquiatra, nem psicólogo, nem sábio de qualquer espécie. Em seguida, procurei o psiquiatra do Emygdio para dar uma satisfação da vinda dele para o meu ateliê. E ele me disse: – Se quiser autorização, eu dou, mas não adianta nada porque ele já está há 23 anos internado, em estado de decadência psicológica muito profunda, e não vai fazer nada que preste.

– Nise da Silveira

Emygdio de Barros

O ESPAÇO SUBVERTIDO

"Emygdio de Barros é um dos raros gênios da pintura brasileira. Um gênio não é pior nem melhor do que ninguém. Com respeito a ele, não há termo de comparação: um gênio é uma solidão fulgurante. Ultrapassa as medidas e as categorias. Não é possível defini-lo em função de escolas artísticas, vanguardas, estilos, métier. Com relação a Emygdio, podemos afirmar que raramente alguma obra pictórica foi capaz de nos transmitir a sensação e o deslumbramento que recebemos de seus quadros.

A pintura de Emygdio não reflete a experiência humana no nível da sociedade e da história. A ruptura com o mundo objetivo precipitou-o numa aventura abismal, em que o espírito parece quase perder-se na matéria do corpo, afundar-se no seu magma. E é daí, desse caos primordial, que ele regressa, trazendo à superfície onde habitamos, com suas imagens fosforescentes, os ecos de uma história outra, que é também do homem, mas que só a uns poucos é dado viver."

– Ferreira Gullar s.d.







O afeto é centro do universo

NISE DA SILVEIRA É O GALILEU DA MEDICINA

Se o astrônomo e matemático italiano Galileu Galilei, em 1610, transformou definitivamente a história da humanidade, com a demonstração, verificável e reprodutível com telescópios, de que a Terra não é o centro do universo, a psiquiatra Nise da Silveira, nascida séculos depois no mesmo dia que ele, diz: "Hoje a humanidade pode escrever em seu diário: o centro do universo é o afeto. É o afeto quem governa. Somos escravos dos afetos". E, mais do que isso, ela realiza imensa obra médica e científica em mais de 70 anos de experiência viva, por meio de pinturas, desenhos, esculturas, leituras e toda relação – afinal, como nos ensinaram Lygia Clark e Lula Wanderley, todo objeto de arte é objeto de relação. Nise da Silveira é prática médica integral no Sistema Único de Saúde, funcionária e gestora pública exemplar, restauradora da medicina e da qualidade do sistema público; constrói diversos serviços comunitários que vivem ativos até hoje e são considerados excelência mundial em psiquiatria clínica, social e transcultural. Ela demonstra sua ciência no cotidiano da comunidade, na Casa das Palmeiras, desde 1956, ou da Instituição Panóptica, com o Museu de Imagens do Inconsciente, desde 1944.

Então, qual é a dúvida? Por que a "Nise psiquiatria" não é praticada nas escolas de medicina nem na política nacional de saúde mental? Ao contrário, o que a referida política atualmente advoga é eletrochoque até para tensão pré-menstrual. Outras personagens desta exposição, nomeadamente os psiquiatras pretos, que resolveram o problema dentro da própria pele, têm respostas bem precisas: o pai fundador perdido Juliano Moreira, o martinicano Frantz Fanon e o jamaicano Frederick Hickling, em diferentes tempos históricos, diagnosticaram a psicopatologia da colonização e o racismo médico-científico. A experiência médica e científica de Nise é um exemplo vigoroso de que é possível mudar o destino trágico e curar psiquicamente; curar da colonização no Brasil. "É decerto loucura, mas tem seu método", diz Polônio sobre a loucura de Hamlet, na peça publicada por Shakespeare em 1601. Nise é a introdutora do método da loucura; funda a psiquiatria científica autenticamente brasileira. E isso tem implicações imensas e revolucionárias na produção da política pública e da própria medicina. Meu trabalho no Hotel da Loucura, na Divisão de Psiquiatria Social e Transcultural, em Montreal, Canadá, e no Teatro Clínica DyoNises, e os resultados clínicos que documentamos e publicamos em mais de dez teses de mestrado e doutorado, dentro e fora do Brasil, dizem-nos da validade científica dessas práticas e ideias. Nosso maior desafio? Praticar sem deteriorar, sem trair, o método; sem trair a Mestra. Praticar sem trair a nós mesmos.

A exposição Nise da Silveira – a revolução pelo afeto é uma grande possibilidade de comunicação, de *comunicare*, tornar comum, introduzir a noção de método científico na prática médica centrada no ser humano, na natureza e na saúde. Só posso crer numa medicina que seja saudável. É hora de reconvocar os ancestrais e os vivos, para celebrar as próprias memórias armazenadas em imagens do inconsciente. Como escreveu o cenopoeta Ray Lima, cofundador do Hotel da Loucura, "o morto inspira e sustenta, o vivo recria e flui". O Museu de Imagens do Inconsciente é o mapa, o telescópio apropriado, para a loucura humana, conforme a experiência Engenho de Dentro para Fora demonstrou.

VITOR PORDEUS
Teatro Clínica DyoNises,
Rio de Janeiro
29 de maio de 2021

Vitor Pordeus é médico pesquisador do Laboratório de Imunobiologia da Universidade Federal de Minas Gerais desde 2003. Formado em Teatro pelo Instituto Tá Na Rua para as Artes, Educação e Cidadania (2006 - 2007), fundou em 2008 o Laboratório TupiNago de Arte e Ciência. Foi coordenador-fundador do Núcleo de Cultura Ciência e Saúde do Instituto Municipal Nise da Silveira (2009-2016); fundador do Teatro de DyoNises (2011), Hotel e Spa da Loucura (2012) e Universidade Popular de Arte e Ciência (2010) no Rio de Janeiro. É professor do curso Arte e Saúde Mental da Divisão de Psiquiatria Social e Transcultural da Universidade McGill, Montreal, Canadá desde 2015.

VITOR PORDEUS

Ser mulher, ser revoluci onária

TO BE A WOMAN, TO BE REVOLUTIONARY



DEPOIS DE UM ANO NA PRISÃO, FIQUEI COM MANIA DE LIBERDADE.

— NISE DA SILVEIRA

Do terraço, no banho de sol, vi-as lá embaixo, num pátio, em companhia das outras mulheres. Eram dez ou doze, formavam círculo e faziam exercício atirando uma à outra, a desenferrujar os braços, uma bola de borracha. Todas as manhãs passavam ali uma hora. Na ida e na volta, demoravam-se às vezes no patamar, afastavam a lona que disfarçava a Praça Vermelha, detinham-se alguns minutos a conversar com os homens. Sinais de relance percebidos serviram-me para distinguir várias delas: os lábios vermelhos de Valentina, os cabelos grisalhos de Elisa Berger, os olhos verdes de Eneida. Olga Prestes era branca e serena. Rosa Meireles, forte e enérgica, tinha voz rija, decidida. No rosto ardente de Maria Werneck, no corpo magro, onduloso, adivinhava-se de longe intensa vibração. A figura de Nise entrara-me fundo no espírito. Apesar de havermos ficado momentos difíceis um diante do outro, confusos, aturdidos, em vão buscando uma palavra, aquela fisionomia doce e triste, a revelar inteligência e bondade, impressionava-me.

— GRACILIANO RAMOS (1953)

CARALÂMPIOS

As conversas boas de Nise afugentavam-me a lembrança ruim. A pobre moça esquecia os próprios males e ocupava-se dos meus.

— GRACILIANO RAMOS (1953)

Numa dessas conversas Nise contou que havia, na sua escola, um menino que tinha o sobrenome "Caralâmpio", e que tinha achado esse nome divertido, lúdico. Durante a aventura da prisão, no Estado Novo, as pessoas dividiam os caralâmpios dos não caralâmpios. Os que ficavam deprimidos não eram caralâmpios e os que permaneciam em bom estado de ânimo em qualquer condição eram.

Tanto ela quanto o Francisco Mangabeira são dois idiotas. Que mania de escrever tanto! Em suas casas foram encontradas muitas notas sobre os livros que liam, de literatura e filosofia; deram-me muito trabalho para examinar.

— MINISTRO COSTA NETO (DÉCADA DE 1930)







1936

PRISÃO E EXÍLIO

Enquanto estava presa, Nise conheceu outras presas políticas importantes, como Olga Prestes, Maria Werneck e Elisa Berger, com quem dividia a cela. Foi também na cadeia que conheceu seu conterrâneo Graciliano Ramos. Em meio a relatos das torturas que aconteciam no presídio durante a madrugada, lia e estudava muito.

O complexo prisional da rua Frei Caneca foi criado originalmente em 1850. O edifício panóptico, nos moldes dos presídios europeus, permitia a completa vigilância dos presos. Um escândalo de superfaturamento durante a obra, que levou 20 anos para ser concluída, terminou derrubado um ministro do Império. Palco de inúmeros assassinatos, rebeliões e torturas, o presídio foi destino de muitos presos políticos, tanto na época do Estado Novo quanto na da ditadura civil-militar.

Depois de 172 anos de existência, em 2011 o complexo prisional da Frei Caneca foi implodido. Acompanhando a demolição do espaço, o artista Carlos Vergara produziu a série Liberdade, com filmes, fotografias, pinturas, monotipias, objetos e portas de celas que guardam a memória do local.

14



Nise aos 16 anos. Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente

A REVOLUÇÃO SERÁ FEMINISTA, OU NÃO SERÁ.

– Rosa Luxemburgo (1914)

Nise da Silveira was born in the city of Maceió, Brazil, on February 15, 1905. An only child, her father was a Math teacher and a journalist, while her mother was a pianist. Studying was fun in a house filled with music and warmth, often visited by people from the press, foreigners, and artists.

After getting her high school degree from Liceu Alagoano, Nise went to Faculdade de Medicina da Bahia [Bahia School of Medicine], in the city of Salvador, where she enrolled at the age of 15. She married her cousin Mário Magalhães, who would become one of the best sanitary physicians in Brazil.

In spite of being very young and living in conservative times, Nise carried within her the seeds of her revolutionary bearing:

"From an early age I became interested in the outcasts, so much so that my great hero was Zumbi dos Palmares. I think that was why it was easy for me to adapt to the insane."

- Nise da Silveira

Nise da Silveira nasceu em Maceió, no dia 15 de fevereiro de 1905. Filha única, o pai era professor de matemática e jornalista. A mãe, pianista. Numa casa repleta de música e afeto, frequentada por gente de imprensa, estrangeiros e artistas, estudar era uma festa.

Do Liceu alagoano, Nise foi para a Faculdade da Bahia, em Salvador, onde ingressou no curso de medicina aos 15 anos. Casou-se com seu primo Mário Magalhães, que viria a ser um dos grandes médicos sanitaristas do Brasil.

Mesmo muito jovem, e vivendo numa época conservadora, Nise já trazia em si as sementes de sua postura revolucionária:

"Desde muito cedo me interessei pelo lado marginal, tanto que meu grande herói era Zumbi dos Palmares. Acho que por isso foi fácil, para mim, a adaptação com os loucos."

– Nise da Silveira



1920

A FORMAÇÃO: DOUTORA NISE

Acho necessário chamá-la de doutora – este título por muito tempo negado às mulheres ou usado com deboche. Foi a primeira* mulher a se formar na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1926. A única mulher em uma classe com 157 homens – nem banheiro feminino tinha! Nise, dedicação por completo a um trabalho de toda a vida.

– Amanda Rigamonti (2016)

** O ano de formatura da primeira mulher médica graduada no Brasil foi em 1887, Rita Lobato Velho Lopes, gaúcha, radicada em Salvador para também cursar a Faculdade de Medicina da Bahia.*



Foto de Mario Magalhães da Silveira, com Nise, na residência do casal. Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente

ANIMUS DE UMA LUTADORA

Digo-lhe que me sinto rasgada em opostos. Ele [Jung] diz que, nas mulheres que estudam, o animus toma uma grande força, que está em oposição à sua própria natureza feminina. Ele pode ver o quanto meu animus é violento – como um galo de briga.

– Nise da Silveira

DEPOIS DE UM ANO NA PRISÃO, FIQUEI COM MANIA DE LIBERDADE.
– Nise da Silveira

1936
PRISÃO E EXÍLIO

Enquanto estava presa, Nise conheceu outras presas políticas importantes, como Olga Benário Prestes, Maria Werneck de Castro e Elisa Berger, com quem dividia a cela. Foi também na cadeia que conheceu seu conterrâneo, Graciliano Ramos. Em meio a relatos das torturas que aconteciam no presídio durante a madrugada, lia e estudava muito.

O complexo prisional da rua Frei Caneca foi criado originalmente em 1850. O edifício panóptico, nos moldes dos presídios europeus, permitia a completa vigilância dos presos. Um escândalo de superfaturamento durante a obra, que levou 20 anos para ser concluída, teria derrubado um ministro do Império. Palco de inúmeros assassinatos, rebeliões e torturas, o presídio foi destino de muitos presos políticos, tanto na época do Estado Novo quanto na da ditadura civil-militar.

Depois de 172 anos de existência, em 2011 o complexo prisional da Frei Caneca foi implodido. Acompanhando a demolição do espaço, o artista Carlos Vergara produziu a série Liberdade, com filmes, fotografias, pinturas, monotipias, objetos e portas de celas que guardam a memória do local.

"Em 1936, início da ditadura Vargas, uma enfermeira do hospital, percebendo em minha mesa, em meio a livros de psiquiatria, literatura e arte, livros sobre marxismo, que eu também estudava, denunciou-me à diretoria. Na mesma noite, fui presa e conduzida ao pavilhão dos primários da penitenciária da rua Frei Caneca, onde permaneci durante um ano e meio. Perdi o emprego e fiquei afastada do serviço público, obtido por concurso, durante oito anos, sob a alegação de pertencer a um círculo de ideias incompatíveis com a 'democracia'."

– Nise da Silveira


MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

POLICIA CIVIL DO DISTRICTO FEDERAL
S.P.E.R.F.R.
Prontuario N.º 13.990
ARQUIVO GERAL

PLANILHA DE REGISTO

Nome NISE MAGALHÃES DA SILVEIRA

Nacionalidade Brasileiro
Naturalidade Estado de Alagôas
Filho de Faustino de Oliveira
e de Lidia da Silveira
Idade anos. Nascido em 15 de fevereiro de 1905
Estado Civil solteira Instrucções
Profissão Médica
Residência
Motivo

Notas Cromáticas

Cutis Cabellos
Olhos Bigodes
Barba Como usa

Filiação morfológica e exame descritivo

Altura 1.m cent.
Fronte: Altura Inclinação
Largura Sobrancelhas
Pálpebras
Nariz: dorso
Base
Boca Labios Queixo Orelhas
Marcas particulares, cicatrizes e tatuagens

Fotografia tirada em de de 1

Assinatura do Identificado Identificado em de de 19

SERIE
Mão direita
POLLEGARES INDICADORES MEDIOS ANNULLARES MINIMOS
SECÇÃO

CARALÂMPIOS

Do terraço, no banho de sol, vi-as lá embaixo, num pátio, em companhia das outras mulheres. Eram dez ou doze, formavam círculo e faziam exercício atirando uma à outra, a desenferrujar os braços, uma bola de borracha. Todas as manhãs passavam ali uma hora. Na ida e na volta, demoravam-se às vezes no patamar, afastavam a lona que disfarçava a Praça Vermelha, detinham-se alguns minutos a conversar com os homens. Sinais de relance percebidos serviram-me para distinguir várias delas: os lábios vermelhos de Valentina, os cabelos grisalhos de Elisa Berger, os olhos verdes de Eneida.



Carlos Vergara. Liberdade 2010-2011. Gentilmente cedido pelo artista.

Olga Prestes era branca e serena. Rosa Meireles, forte e enérgica, tinha voz rija, decidida. No rosto ardente de Maria Werneck, no corpo magro, onduloso, adivinhava-se de longe intensa vibração. A figura de Nise entrara-me fundo no espírito. Apesar de havermos ficado momentos difíceis um diante do outro, confusos, aturdidos, em vão buscando uma palavra, aquela fisionomia doce e triste, a revelar inteligência e bondade, impressionava-me.

– Graciliano Ramos (1953)







Toda arte é política quando
expande o sensível; ampli
a capacidade de se ver
o bom e o ruim.

– Carlos Vergara (2012)



A SEÇÃO DE TERAPÊUTICA

Quando voltou ao serviço público e criou a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação do hospital de Engenho de Dentro em 1946, o desafio da doutora Nise era consolidar a terapêutica ocupacional como um método legítimo, sem o rótulo de "mero passatempo" que essa técnica recebia naquele ambiente alinhado aos tratamentos emergentes na época. A terapia era indicada a pacientes encaminhados por psiquiatras de outros setores do hospital e a qualidade do que era produzido ali não deveria ser levada em conta.



As atividades podiam ser utilitárias (jardinagem, encadernação, costura, sapataria); expressivas (pintura, modelagem, música); recreativas (jogos, festas, cinema) ou culturais, ligadas ao ensino e ao estudo. Eram prescritas para favorecer a afirmação da individualidade e a liberdade de expressão ou proporcionar uma satisfação imediata, oferecendo meios para a sociabilidade.

"Não temos mesa nem cadeira. Vamos trabalhar no chão."

– Nise da Silveira

UM ATELIÊ HUMANO

A lei primordial da criação é a atividade.

– Hermann-Simon (1937)



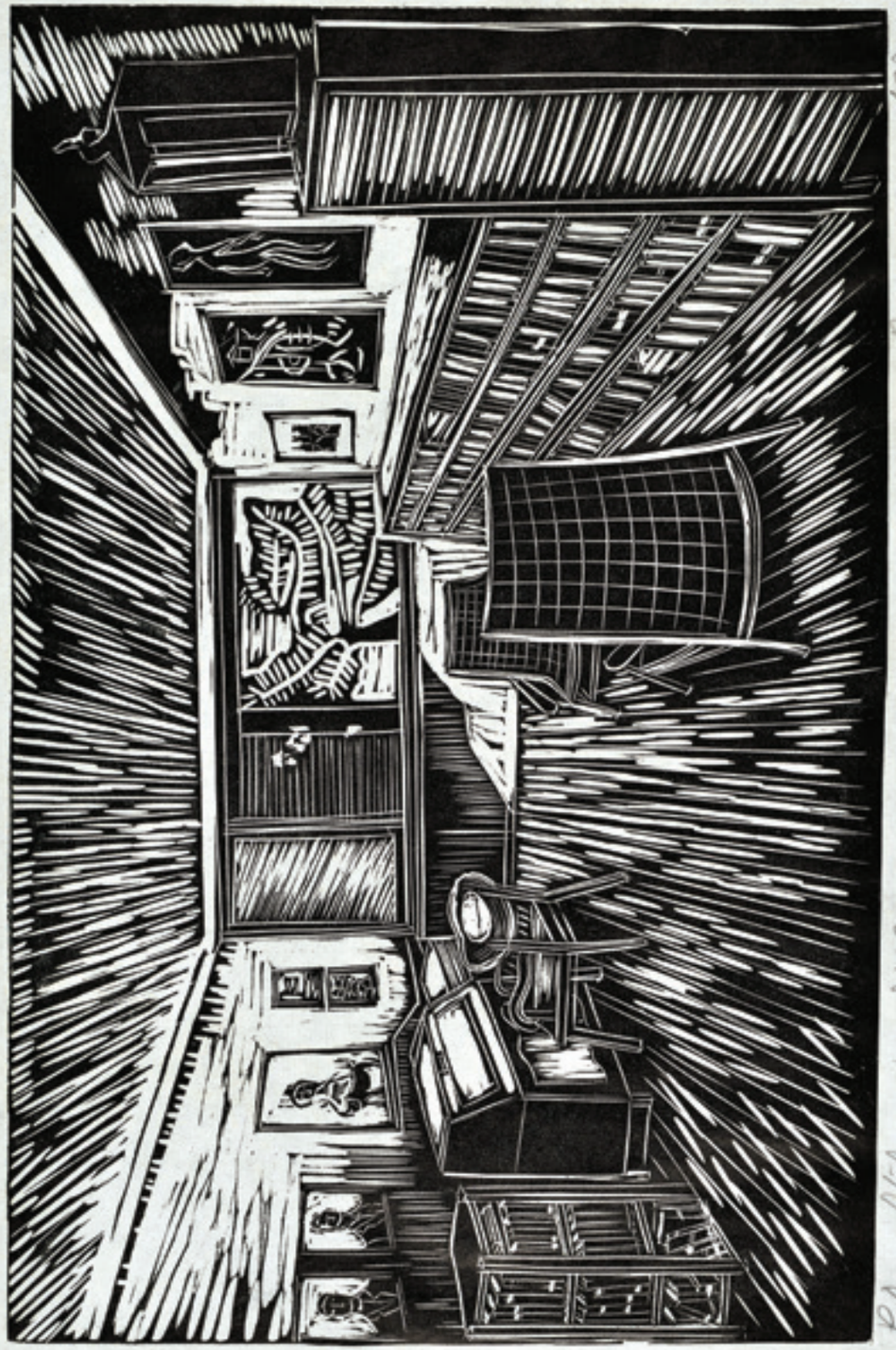






Margaret de Castro
Biblioteca Nise #2 (detalhe). 2021
acrílica sobre tela. 90 × 124 cm

Pintura feita a partir de livros selecionados da biblioteca do Museu de Imagens do Inconsciente, muitos deles provenientes da biblioteca pessoal de Nise da Silveira.



BIBLIOTECA

"A biblioteca de Nise da Silveira ocupava a sala e os dois quartos do apartamento acima daquele onde morava. O apuro na seleção das centenas de livros contrastava com a simplicidade das estantes de tábuas de madeira, apoiadas em tijolos. Literatura, artes plásticas e filosofia dividiam espaço com recortes de jornais, catálogos de exposição, obras completas de Antonin Artaud, Machado de Assis, Freud e C. G. Jung, além de livros de medicina, epistemologia e religião e uma prateleira com livros sobre gatos.

De todas as prateleiras da seleta biblioteca, a mais importante é a que guarda os livros de correntes teóricas variadas, que tratam dos estudos sobre a expressão plástica, principalmente de pessoas que se encontram em tratamento psiquiátrico. Para facilitar o caminho a ser percorrido por (improvável) pesquisador, Nise da Silveira elaborou uma lista de livros comentados ao qual deu o seguinte título: **Pequeno fichário relativo a obras sobre expressão plástica de psicóticos e algumas dicas para o benedito.**

Este foi o campo de trabalho privilegiado por Nise da Silveira, e, sendo assim, perguntava-se: 'Quem será o Benedito que vai se interessar por estes livros?'."

– Walter Mello (2007)
texto adaptado

VON FRANZ

A suíça Marie-Louise von Franz conheceu Jung aos 18 anos e tornou-se sua assistente em 1933, em um grupo de sete homens. Para pagar seus estudos no Instituto C. G. Jung, von Franz, que era formada em letras clássicas, traduzia textos do latim e do grego. Tornou-se uma renomada psicanalista, especializada na interpretação de contos de fada.

A amizade e a colaboração científica com Nise da Silveira aprofundaram-se em 1957, ano em que, a convite de Jung e com bolsa de estudos do CNPq, Nise foi a Zurique desenvolver seus estudos e passou por sessões analíticas com von Franz.

Durou por toda a vida esse encontro de duas geniais estudiosas da psicologia junguiana, cada uma em sua área específica – von Franz, na interpretação da alquimia, dos sonhos e dos contos de fadas, e Nise, na transformação da psiquiatria e na pesquisa das imagens produzidas nos ateliês.

"Minha permanência durante 1957 em Zurique foi de importância decisiva não só do ponto de vista dos estudos, como também pela minha experiência analítica, com a doutora M.-L. von Franz. (...) Regressei ao Brasil com nova abertura e mais segura do que estava fazendo."

– Nise da Silveira

O método

E O FAVORECIMENTO DO PROCESSO DE AUTOCURA

A doutora Nise apresenta uma nova concepção de loucura, não mais como rótulo, diagnóstico ou lista de sintomas, mas como uma experiência humana, um estado do ser.

Utilizando um método interdisciplinar aplicado às séries de imagens para extrair-lhes conteúdos significantes, que encontra forte fundamento na psicologia analítica de Jung, Nise nos trouxe conhecimentos cujos conteúdos são universalmente assimiláveis, ou seja, ultrapassou a fronteira do território médico, trazendo reflexões que dizem respeito ao interior da psique do ser humano enquanto espécie, como resultado de experiências.

Não se trata de fazer arte, diz Jung, mas de produzir um efeito sobre si próprio. Aquele que até então permanecia passivo agora começa a desempenhar uma parte ativa. Retendo sobre cartolinas fragmentos do drama que está vivenciando desordenadamente, o indivíduo despotencializa figuras ameaçadoras, conseguindo desidentificar-se de imagens que o aprisionavam.



O sangue que pulsa da terra é o centro da força que emerge para fora causando as consequências. Fogo, água e terra no mesmo elemento.

– Renata Inocencio

Renata Inocencio. 25/07/2012. óleo sobre tela. 60 × 40 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Museu de Imagens
DO INCONSCIENTE

Os ateliês de pintura e modelagem se destacaram em meio às outras atividades da Seção de Terapêutica Ocupacional. As obras ali produzidas constituíam um meio de acesso ao mundo interno dos pacientes e foram tão numerosas e importantes para o estudo científico dos processos psíquicos que, em 1952, a doutora Nise fundou o Museu de Imagens do Inconsciente.

O museu define-se como um centro vivo de estudo e pesquisa sobre os documentos plásticos produzidos ali diariamente. A pesquisa, de caráter interdisciplinar, envolve experiência clínica, psicologia, psiquiatria, antropologia cultural, história, arte e educação.

Com um acervo de mais de 350 mil obras e em constante crescimento, o museu tem a maior e mais diferenciada coleção do gênero no mundo, e suas principais obras são tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).







Inauguração das novas instalações do Museu em 1956. Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente.

Mas foi no mínimo inusitada e sobremaneira corajosa a iniciativa de criar um museu dentro de um hospício, no então distante subúrbio do Engenho de Dentro, ainda mais reunindo obras criadas por pacientes declarados incapazes pela sociedade e por seus representantes, os psiquiatras; pessoas excluídas do convívio social "por não poderem mais, segundo a ordem psiquiátrica, conviver com a família e a sociedade."

– Eurípedes Junior (2015)



Estou me sentindo humilhada. Enquanto nós estamos na Bienal, curtindo a chamada "Arte Incomum", os autores dessas obras estão dentro de cárceres psiquiátricos, recebendo tratamentos desumanos. (...) Eu os acho infelizes. Eles são os verdadeiros pacientes, de paciência mesmo. São infelizes porque lhes é negado o direito de serem livres, de estarem aqui junto conosco na Bienal, discutindo a sua própria arte ou a de seus colegas, que eu não sei como chamá-los. Seriam os comuns? Não sei. Se eles são considerados incomuns, pela lógica os artistas estabelecidos no mercado seriam os comuns?

– *Nise da Silveira*













– Carlos, e se você pintasse essa árvore?

Ele resmungou coisas ininteligíveis e começou a pintar a árvore como podia, alheio à minha presença. (...) Ele começou a pintar navios e eu continuei na atitude que tinha escolhido tomar naquele dia:

– Carlos, onde é que você está vendo navios às 10h da manhã aqui nesse morro?

Ele olhou para mim com estranheza e disse:

– Ora, ora, são navios navegando entre as estrelas!

– NISE DA SILVEIRA



Primeira sede da casa das palmeira – Rua Haddock Lobo, 296, Tijuca, dezembro de 1965. Acervo Revista Querida. Foto: Mario Coelho Filho

A Casa das Palmeiras foi criada em 1956, com as portas e janelas abertas para os loucos. E me diziam: "Você é louca, vai acontecer um desastre". Desastres acontecem, o que se vai fazer? Mas a Casa está aberta, liberdade não faz mal a ninguém.

– Nise da Silveira



A Casa das Palmeiras

A Casa das Palmeiras é uma clínica idealizada a partir da preocupação da doutora Nise da Silveira com o alto índice de reinternações no hospital psiquiátrico. Foi fundada por Nise com a colaboração da psiquiatra Maria Stela Braga, da artista plástica Belah Paes Leme, da assistente social Lígia Loureiro e da educadora Alzira Lopes Cortes.

A casa é um pequeno território de relações humanas afetivas e de atividades criadoras onde os clientes têm a oportunidade de, espontaneamente, realizar seus trabalhos expressivos, facilitando-lhes a entrada em contato com a vida. Um dos seus clientes foi o cearense Darcílio Lima, cuja criação, repleta de temas míticos e religiosos, impressionou Nise da Silveira, que o apresentou ao artista e professor Ivan Serpa. A partir daí, sua carreira ganhou impulso, alçando-o à condição de expoente da arte surrealista no Brasil.

Gato, simplesmente angorá do mato,
Azuis olhos nariz cinza
Gato marrom
Orelha castanho macho
Agora rapidez
Emoção de lidar.

– Clara

Relação

COM OS GATOS

Na época em que me encontrava na casa de detenção, como presa política, vi uma pequena gata dormindo, recostada num ângulo do muro do pátio, onde às vezes nos permitiam tomar banho de sol. Olhava fixamente a gata um preso comum, chamado Nestor. Tinha a fama de maior arrombador da cidade.

Perguntei:

– NESTOR, POR QUE VOCÊ ESTÁ OLHANDO TÃO FIXAMENTE PARA ESTA GATA?

Ele respondeu como um sábio:

– ESTA GATA É QUEM SABE TIRAR CADEIA!

Com efeito, refleti: o que importa à gata se está dormindo ao sol no pátio da casa de detenção ou no terraço de uma bela mansão?

Aproveitei em outras ocasiões esta magnífica lição de Nestor.

– Nise da Silveira




o método e o favorecimento do processo de autocura
ARTE CURA

A história de Beta:

ALBERTINA BORGES D'ROCHA

Albertina Borges d'Rocha nasceu em 1930. A primeira crise chegou quando tinha 34 anos. Passou por anos de luta, internações e terapia nos ateliês do Museu de Imagens do Inconsciente, onde fundou o jornal *O Universo*. Com ajuda da escrita, Beta encontrou seu próprio caminho, voltando às atividades cotidianas. Escrever o livro *A história de Beta* e tornar públicos seus *Cadernos íntimos*, com relatos sobre as crises e as internações, foi um ato de coragem e um exemplo sobre como facilitar o processo de autocura.





"Este livro é uma tentativa e uma contribuição de quem passou por todo um processo psicótico rotulado de esquizofrenia. Aqui, quero chamar a atenção dos nossos "consertadores de gente" para a mudança de tratamentos tão ultrapassados, valorizando o que já é comprovadamente eficaz. Estou querendo me referir à terapia ocupacional, adotada pela cientista doutora Nise da Silveira, que passou toda sua vida lutando na tentativa de dar novas oportunidades ao doente, para que a caminhada lhe seja menos espinhosa e ele não seja reduzido ao silêncio."

– Beta d'Rocha (2003)

o método e o favorecimento do processo de autocura

A doutora Nise apresenta uma nova *concepção de loucura*, não mais como rótulo, diagnóstico ou lista de sinomas, mas como uma experiência humana, um *estado do ser*.

Utilizando um método interdisciplinar aplicado às séries de imagens para extrair-lhes conteúdos significantes, que encontra forte fundamento na psicologia analítica de Jung, Nise nos trouxe conhecimentos cujos conteúdos são universalmente assimiláveis, ou seja, ultrapassou a fronteira do território médico, trazendo reflexões que dizem respeito ao interior da psique do ser humano enquanto espécie, como resultado de experiências.

Não se trata de fazer arte, diz Jung, mas de produzir um *efeito sobre si próprio*. Aquele que até então permanecia *passivo*, agora começa a desempenhar uma parte ativa. Retendo sobre cartolinas fragmentos do drama que está vivenciando desordenadamente, o indivíduo despotencializa figuras ameaçadoras, conseguindo *desidentificar-se* de imagens que o aprisionavam.

ARTE CURA

Nise da Silveira,
A REVOLUÇÃO PELO OLHAR

A atividade criativa nos ateliês de pintura e modelagem criados pela Dra. Nise da Silveira e pelo artista plástico Almir Mavignier em 1946 é a fonte viva da coleção do Museu de Imagens do Inconsciente. Ao recusar os tratamentos agressivos da psiquiatria de então, lançava-se a base para um trabalho que, pela atividade museológica, alcançaria uma trajetória pioneira e única no mundo. Ao exibir a força criativa de pessoas que eram completamente alijadas do convívio social, as exposições desta coleção vêm contribuindo para mudar a visão da sociedade sobre as pessoas rotuladas como loucas ou doentes mentais. Demonstrando as potencialidades intactas do mundo interno desses indivíduos e a consequente possiblidade de reestruturação da psique pela prática livre da atividade artística, não é de se estranhar que o Brasil tenha atingido um lugar diferenciado no quesito saúde mental tanto no que se refere à legislação e à garantia de direitos quanto à humanização, territorialização e inclusão social que permeiam os tratamentos hoje preconizados pela Reforma Psiquiátrica.

A primeira coleção desse tipo que chega ao conhecimento do grande público foi organizada na clínica psiquiátrica universitária de Heidelberg, na Alemanha. Iniciada em 1890 com finalidade de estudo e pesquisa, foi sob a direção do médico e crítico de arte Hans Prinzhorn (1886-1933) que a coleção alcançou fama internacional. Artistas como Klee, Picasso, Max Ernst e Chagall manifestaram admiração pelas obras desta coleção, cujas exposições começaram em 1921, durando até 1933.

O livro escrito por Prinzhorn sobre a coleção (*Bildnerei der Geisteskranken –Imaginária dos doentes mentais*, na tradução do crítico de arte Mário Pedrosa) teve grande repercussão nos meios culturais europeus, especialmente na França. Isso inspirou a criação de outras coleções, inclusive em espaços fora dos hospitais psiquiátricos, entre elas, a que se tornaria a mais conhecida de todas, a Coleção de Arte Bruta. Segundo seu fundador, o artista francês Jean Dubuffet, o conceito de "arte bruta" refere-se às produções artísticas feitas de maneira espontânea, com um caráter fortemente inventivo, tendo por autores pessoas obscuras, estranhas aos meios profissionais da arte formal.

Organizada sob um ponto de vista artístico maior e com paleta de criadores mais variada que a de Heidelberg, essa coleção também despertou a atenção do público, especialmente na França. Algumas exposições foram realizadas em galerias, mas foi só em 1967 que setecentas obras de 75 autores ocuparam o Museu de Artes Decorativas, em Paris.

No Brasil, o médico psiquiatra Osório Cesar (1895-1979) e o artista Flávio de Carvalho (1899-1973) foram os organizadores da primeira exposição de obras de internados em hospitais psiquiátricos, realizada em 1933 no Clube dos Artistas Modernos (CAM) de São Paulo. Além das obras da coleção reunida por Osório no Hospital do Juquery, também foram exibidos trabalhos de crianças estudantes da rede pública de São Paulo.
Um extenso programa de dez conferências foi realizado, algumas com grande divulgação na imprensa.

A abertura dos ateliês no Engenho de Dentro, subúrbio do Rio de Janeiro onde ficava o Centro Psiquiátrico Nacional (hoje Instituto Municipal Nise da Silveira), deu-se em setembro de 1946. Três meses após já havia material suficiente para uma exibição. Assim, dois dias antes do Natal foi inaugurada, no próprio Centro Psiquiátrico, a exposição de "pinturas de adultos e menores, e trabalhos manuais femininos como uma demonstração dos modernos métodos de tratamento das doenças mentais adotados naquele instituto" (*Diário de Notícias*, 22 dez. 1946). Impressiona o êxito dessa primeira mostra. O Ministério da Educação e Saúde disponibilizou um ônibus que saía do centro da cidade para o então distante subúrbio do Engenho de Dentro e, em vista do sucesso, promoveu, em fevereiro de 1947, a *Exposição de pintura dos alienados do Centro Psiquiátrico Nacional* em sua sede, conhecida como Palácio Capanema e um dos marcos da arquitetura moderna brasileira.
Essa exposição foi importantíssima para o percurso da arte dos loucos no Brasil.
A presença do artista Almir Mavignier ao lado da carismática Nise da Silveira, o ineditismo da realização e a qualidade das obras despertaram vivo interesse em psicólogos, críticos de arte, artistas e educadores, recebendo também intensa cobertura da imprensa.

Foi então que surgiu um aliado de fundamental importância para a história da coleção. Almir Mavignier narra que viu "um visitante acocorado diante de uma das obras de Raphael Domingues" e começou a conversar com ele. Era o crítico de arte Mário Pedrosa (1900-1981), que manifestou imediatamente o desejo de conhecer o ateliê

do Engenho de Dentro, maravilhado com os trabalhos que tinha diante de si. Era uma época de grande efervescência nas artes plásticas brasileiras, especialmente no Rio de Janeiro. Se São Paulo atraíra os olhares nos anos 1920 e 1930 com a eclosão do movimento modernista, a presença no Rio de Janeiro de vários artistas que haviam emigrado da Europa para o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial firmou as bases de uma abertura para o desenvolvimento e o debate de novas linguagens, agregando a presença de abstracionistas, concretistas ou neoconcretistas.

A consistência teórica de Mário Pedrosa, recém-chegado da Europa, onde cumpriu exílio imposto pela ditadura Vargas, influenciou o meio artístico brasileiro da época e facilitou o reconhecimento da coleção organizada por Nise da Silveira, ajudando a trazê-la para um plano de visibilidade notável. Demonstrando uma compreensão do significado daquela experiência e a intuição de sua futura importância, Pedrosa passou a esgrimir sem tréguas sua verve contra aqueles que procuravam negar ou minimizar a qualidade estética das obras da coleção. A admiração por esses artistas, especialmente Emygdio de Barros e Raphael Domingues, perdurou até o fim da vida do crítico. Num artigo memorável, publicado no *Correio da Manhã*, Pedrosa qualificava a exposição como "uma experiência de extraordinário valor tanto para os que se interessam pelos problemas da arte quanto para os interessados nas graves questões da psicopatologia". Alguns trechos de seu artigo são lapidares:

> O artista não é aquele que sai diplomado da Escola Nacional de Belas Artes, do contrário não haveria artistas entre os povos primitivos, inclusive entre os nossos índios.
> Uma das funções mais poderosas da arte – descoberta da psicologia moderna – é a revelação do inconsciente, e este é tão misterioso no normal como no chamado anormal.
> [...] As imagens do inconsciente são apenas uma linguagem simbólica que o psiquiatra tem por dever decifrar. Mas ninguém impede que essas imagens e sinais sejam além do mais, harmoniosas, sedutoras, dramáticas, vivas ou belas, enfim, constituindo em si verdadeiras obras de arte. [1]

O sucesso das duas primeiras mostras levou o crítico belga Léon Degand, diretor do então recém-criado Museu de Arte Moderna de São Paulo, a promover a exposição 9 Artistas de Engenho de Dentro, considerando a coleção

> importante contribuição para a arte moderna brasileira e sobre cujo alcance já se pronunciaram alguns dos melhores críticos do Rio e de São Paulo. No entanto, a avaliação definitiva desse conjunto de peças artísticas continua dependendo da opinião do público. Por isso, o Museu de Arte Moderna tomou para si a responsabilidade de promover a primeira exposição dos 9 Artistas de Engenho de Dentro. (*O Estado de São Paulo*, 12 out. 1949)

Mário Pedrosa assinava a curadoria da mostra, cujo catálogo é a primeira publicação da coleção. Nise da Silveira escreveu um texto em que demonstrava a consistência de seu ideário sobre a matéria:

> O diretor do Museu de Arte Moderna de S. Paulo visitou o estúdio de pintura e escultura do Centro Psiquiátrico do Rio e não teve dúvida em atribuir valor artístico verdadeiro a muitas das obras realizadas por homens e mulheres aí internados. Talvez essa opinião de um conhecedor de arte deixe muita gente surpreendida e perturbada. É que os loucos são comumente considerados seres embrutecidos e absurdos. Custará admitir que indivíduos assim rotulados em hospícios sejam capazes de realizar alguma coisa comparável às criações de legítimos artistas – que se afirmem justo no domínio da arte, a mais alta atividade humana.[2]

Nise chamava atenção em seu texto para as experiências imagéticas de místicos, artistas e poetas, alertando o leitor para a similaridade entre as imagens apresentadas na exposição e essas manifestações. Revelando de maneira clara a vivência da loucura sem patologizá-la, numa linguagem simples, de fácil compreensão para o público leigo, apontava a segregação social e expunha as ideias da psiquiatria tradicional, que frisavam o embotamento afetivo, a ruína da inteligência e a degeneração implacável.

Sucede-se ao texto a apresentação de reproduções de algumas obras, em página inteira, com legendas que se resumem ao nome do artista: não há biografias ou diagnósticos. Ao contextualizar as obras, revelando ao público quem e como foram criadas, Nise da Silveira acrescentava uma dimensão ao discurso expositivo. A existência de um ambiente emoldurando a historicidade ontológica do objeto granjeou o respeito e a admiração pelos trabalhos expostos, revestindo-os de um discurso para além das subjetividades inerentes às fruições exclusivamente estéticas.

Assim como aconteceu com as coleções organizadas por Prinzhorn, na Alemanha, e Jean Dubuffet, na França, a experiência de Nise da Silveira e Almir Mavignier no Rio de Janeiro conheceu grande sucesso. Nos três casos, as produções plásticas de internados em hospitais psiquiátricos acabaram por alcançar o estatuto de *musealia*, ou seja, passaram a integrar o universo de objetos e criações dos quais deseja-se a permanência no tempo para a fruição das gerações vindouras. Entretanto, vale destacar as grandes diferenças. Se o interesse dos artistas e o sucesso da publicação do livro de Prinzhorn alçou as obras da coleção alemã às paredes dos museus num curto espaço de tempo, esse brilho foi temporário, logo interrompido pela ascensão do nazismo e suas consequências. Só na década de 1980 a coleção voltou a despertar interesse, encontrando um local adequado para sua guarda e exibição.
No caso francês, dois anos após seu início, a coleção já subia às paredes da galeria René Drouin. Entretanto, passar-se-iam quase vinte anos para que chegassem, com pompa e circunstância, ao Museu de Artes Decorativas de Paris. Sua guarda numa instituição museológica só acontece em 1972, quando, 26 anos após o início de sua organização, foi acolhida pela cidade de Lausanne, na Suíça, onde atualmente pode ser visitada.

[1] PEDROSA, Mário. Ainda a exposição do Centro Psiquiátrico. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 7 fev. 1947, p. 2.

[2] SILVEIRA, Nise. 9 Artistas de Engenho de Dentro. *Catálogo de exposição*. Museu de Arte Moderna. [São Paulo], 1949.

Já a coleção brasileira chega à galeria do Palácio Capanema, no Centro do Rio de Janeiro, apenas seis meses após seu início; após uma breve passagem pelo Museu Nacional de Belas Artes em 1947, dois anos depois adentrou o espaço privilegiado do então recém-fundado Museu de Arte Moderna de São Paulo. Num fato inédito, em seis anos a coleção tornar-se-ia o primeiro museu no mundo dedicado exclusivamente a esse tipo de produção. A condensação temporal na experiência de Engenho de Dentro deve-se a uma conjuntura favorável. Diferentemente das suas congêneres europeias, cujas obras eram recolhidas aqui e ali, uma fonte diária de produção provocou um incessante crescimento da coleção, que em apenas seis anos já estaria abrigada em um museu; para cumprir esse mesmo percurso a coleção de Dubuffet levou quase trinta anos! Outro facilitador foi a reunião dos criadores num só lugar. Entre os dois mil internos do Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro, surgiram ao mesmo tempo vários artistas de excepcional talento – Emygdio de Barros, Raphael Domingues, Isaac Liberato, Carlos Pertuis, Adelina Gomes, Fernando Diniz –, no que o atual diretor do MII Luiz Carlos Mello e o curador e crítico de arte Marcio Doctors denominaram "Renascença Brasileira". A qualidade estética das obras e o engajamento da vanguarda artística carioca – críticos e artistas – criaram o ambiente favorável para que as obras de pacientes psiquiátricos, produzidas no âmbito de um espaço terapêutico, chegassem às galerias e logo subissem às paredes dos museus de arte brasileiros. Destaque para a participação intensa de Mário Pedrosa, quer nos escritos publicados na imprensa, quer na constante presença junto ao ateliê de pintura de Engenho de Dentro, sempre acompanhado de outros artistas e intelectuais, criando uma rede de apoio e admiração pelo trabalho de Nise da Silveira e pelas obras dos pintores do ateliê. A participação favorável da crítica na imprensa, quase sempre exaltando as qualidades das obras e a pertinência do trabalho terapêutico, ajudou a sedimentar um sentimento favorável na opinião pública. Essa constelação de fatos facilitou a permanência e o desenvolvimento da coleção, que viria a conquistar público expressivo em todas suas exposições, tornando-se a maior do gênero do mundo. Grande parte das obras foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2003, num reconhecimento de sua importância para a cultura brasileira e para a história desse colecionismo no mundo.

A exposição Nise da Silveira – a revolução pelo afeto, ora apresentada pelo CCBB, vem integrar a galeria histórica das grandes exibições que trazem um panorama da mestra e de seu indissociável trabalho. Revisitando com um olhar contemporâneo os princípios, os fatos, os documentos e as imagens preservadas com esmero pelo Museu de Imagens do Inconsciente e sua equipe, vem atestar a incrível vitalidade e atualidade deste trabalho ímpar, que nos comove pela sua profunda humanidade.

EURÍPEDES JUNIOR

EURÍPEDES JUNIOR

Eurípedes Junior é vice-presidente da Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente. Formado pela Escola de Música da UFRJ, trabalhou com Nise da Silveira no Museu de Imagens do Inconsciente a partir de 1975, onde participou da produção de documentários, publicações, cursos e exposições. Doutor em Museologia e Patrimônio, defendeu a tese Do asilo ao Museu: ciência e arte nas coleções da loucura, recebendo Menção Honrosa no Prêmio Capes de Tese em 2016. Atualmente é curador do Museu Nacional de Belas Artes.

Engenho de Dentro:

inconsciente e território

ENGENHO DE DENTRO: UNCONSCIOUS AND TERRITORY





Jung
E OS ARQUÉTIPOS

Os arquétipos são irrepresentáveis virtualidades. Podem talvez ser comparados ao sistema axial de um cristal que de certo modo pré-forma a estruturação cristalina na água-mãe sem possuir, ele próprio, existência material.

– Nise da Silveira



Videoinstalação "Poço do inconsciente", concepção/concept estudio M'Baraká animação/motion Bruno Portela. trilha sonora/soundtrack Pedro Mibiele

O que diferencia a psicologia de Jung da psicanálise é o conceito de arquétipo que coloca o inconsciente não como algo desenvolvido durante a sua vida pessoal, mas ao contrário, algo que é dado *a priori*. Os arquétipos são, segundo Jung, estruturas presentes no inconsciente coletivo, como formas predeterminadas para pensar e agir, possibilidades herdadas comuns a todos os homens, e que levam a representação de imagens similares, isto é, formas instintivas de imaginar.



A relação
COM JUNG

Em 1954, Nise escreveu uma carta a C. G. Jung, enviando fotografias das pinturas de mandalas produzidas no ateliê do Engenho de Dentro e levantando questões sobre a significação e a origem delas. A resposta do mestre foi imediata: as mandalas representavam o potencial autocurativo existente na psique, mobilizado espontaneamente como uma forma natural e não consciente de compensar a dissociação vivida pelos indivíduos que as desenhavam.

Depois do primeiro encontro memorável que teve com seu mestre em um congresso na Suíça, Nise voltou à Europa, onde estudou no Instituto C. G. Jung, em 1957, e depois novamente, em 1962. Após seu primeiro período no Instituto, retornando ao Brasil, formou o Grupo de Estudos C. G. Jung. Escreveu, entre outros, o livro *Jung: vida e obra*, publicado pela primeira vez em 1968.



1957. Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente
Foto Almir Mavignier



Este caso psiquiátrico constitui um dos primeiros documentos que contribuíram para a elaboração do conceito de inconsciente coletivo. Talvez mais surpreendente ainda seja o aparecimento de imagens do falus do sol na pintura de um esquizofrênico brasileiro [Carlos Pertuis], internado no Centro Psiquiátrico Pedro II, na década de 1940, no Rio de Janeiro.

– *Nise da Silveira*

Jung conta que, em 1906, encontrou, num corredor do hospital psiquiátrico onde trabalhava, um esquizofrênico que tentava olhar o sol, piscando as pálpebras e movendo a cabeça de um lado para o outro. O doente disse-lhe que, quando movia a cabeça, o pênis do sol também se movia e esse movimento era a origem do vento.

Quatro anos depois, Jung encontrou idêntica imagem, igualmente responsável pela origem do vento, nas visões de adeptos de Mithra, divindade solar, descritas num texto de 1910 traduzido de papiros gregos.

Como interpretar essa aparente contradição – pessoas definidas como seres partidos (esquizo: cisão; phrenis: pensamento), produzindo, em grande quantidade, imagens circulares, símbolos universais da unidade, da integração e da totalidade do ser?

– Nise da Silveira



1957. Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente
Foto Almir Mavignier

Mandalas

A FORÇA AUTOCURATIVA

É digno de atenção o fato de que as imagens da totalidade espontaneamente produzidas pelo inconsciente, os símbolos do self sob forma de mandala, também têm estrutura matemática. Em regra são quaternidades ou seus múltiplos. Essas estruturas não só exprimem ordem, elas também criam ordem.

– C. G Jung (1960)













Os arquétipos são irrepresentáveis virtualidades.

Podem talvez ser comparados ao sistema axial, um cristal que de certo modo pré-forma a estruturação cristalina na água-mãe sem possuir, ele próprio, existência material.

— NISE DA SILVEIRA

O que diferencia a psicologia de Jung da psicanálise é o conceito de arquétipo que refere o inconsciente não como algo desenvolvido durante sua vida pessoal, mas, ao contrário, algo que é dado a priori. Os arquétipos são, segundo Jung, estruturas presentes no inconsciente coletivo, como formas predeterminadas para pensar e agir, possibilidades herdadas comuns a todas as homens, que levam a representação de imagens similares, isto é, formas matriciais de imaginar.

Se quiser falar ao coração do homem, há que se contar uma história. Desses que não faltam animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim, sacou o discurso, que se despertam sensibilidades.

— JEAN DE LA FONTAINE SÉCULO XVII





contos e inconsciente

Os contos de fada são o relato simbólico da experiência acumulada sobre a vida, um produto do inconsciente coletivo. Eles possuem uma estrutura narrativa própria e as mesmas funções para personagens diferentes, estão repletos de símbolos que nos remetem aos arquétipos. Comparando os contos de fada com as operações alquímicas,* é possível perceber que ambos indicam o caminho de transformação do indivíduo do estado de "pedra bruta" até atingir a união da consciência com o centro do ai mesmo. Ou seja, atingir a individuação, a pedra filosofal dos alquimistas.





Os contos de fada estão vinculados à educação de crianças desde a época de Platão, quando as mulheres mais velhas contavam às crianças histórias simbólicas – mythoi. Há indícios de que alguns temas se reportem a 25.000 anos a.C., de maneira inalterada. Isso se explica por refletirem uma estrutura psicológica de base universal, os arquétipos.

– Von Franz (1990)

Contos e inconsciente

Os contos de fada são o relato simbólico da experiência acumulada sobre a vida, um produto do inconsciente coletivo. Eles têm uma estrutura narrativa própria e as mesmas funções para personagens diferentes; estão repletos de símbolos que nos remetem aos arquétipos. Comparando os contos de fada com as operações alquímicas,* é possível perceber que ambos indicam o caminho de transformação do indivíduo do estado de "pedra bruta" até atingir a união da consciência com o centro de si mesmo. Ou seja, atingir a individuação, a pedra filosofal dos alquimistas.

Em "Alice", Rafael Bqueer reinventa sua identidade a partir de releituras de imagens hegemônicas que constroem o inconsciente coletivo. Vira o Brasil do avesso, é andarilha do fim do mundo, cria das desmaravilhas suas heterotopias combativas.

Ser bicha preta no Brasil é desafiar as estatísticas do país que mais mata e agride pessoas LGBTQIA+ no mundo. Bqueer faz de sua arte um ato de liberdade, critica os padrões binários de gênero e sexualidade, pensa o campo da arte a partir de seu contexto amazônico e seus atravessamentos globais.



Rafael Bqueer. Alice e o chá através do espelho, 2014. Fotoperformance. Belém/PA. 150 × 100 cm
Coleção do Artista. Foto: Paulo Evander Castro

**ALQUIMIA: A alquimia é a arte da transformação que aspira a chegar à essência das coisas. Seu objetivo é descobrir o elixir da longa vida, a medicação que cura todos os males e que leva à vida eterna, à pedra filosofal. Jung se aprofundou na alquimia, tentando mostrar a analogia dessa simbologia no caminho para a individuação.*

Em todas as civilizações, o homem planejou aldeias, vilas e cidades segundo uma estrutura mandálica: projeção no mundo externo de sua estrutura psíquica.

– Nise da Silveira

O livro vermelho

DE JUNG

Talvez uma das publicações mais revolucionárias para a psicologia contemporânea, *O livro vermelho* é uma jornada pelo mundo interior do próprio suíço C. G. Jung. Pode-se dizer que o livro contém duas camadas de texto, uma em que se leem as dúvidas, os sonhos, as premonições e as visões de Jung – seu inconsciente por escrito – e outra que representa a interpretação desse conteúdo. Jung começou a escrever o livro no início do século XX, num momento de bastante indecisão teórica, mas o guardou por anos num cofre na Suíça. O livro só foi publicado em 2009, quase 50 anos após a morte de seu autor.

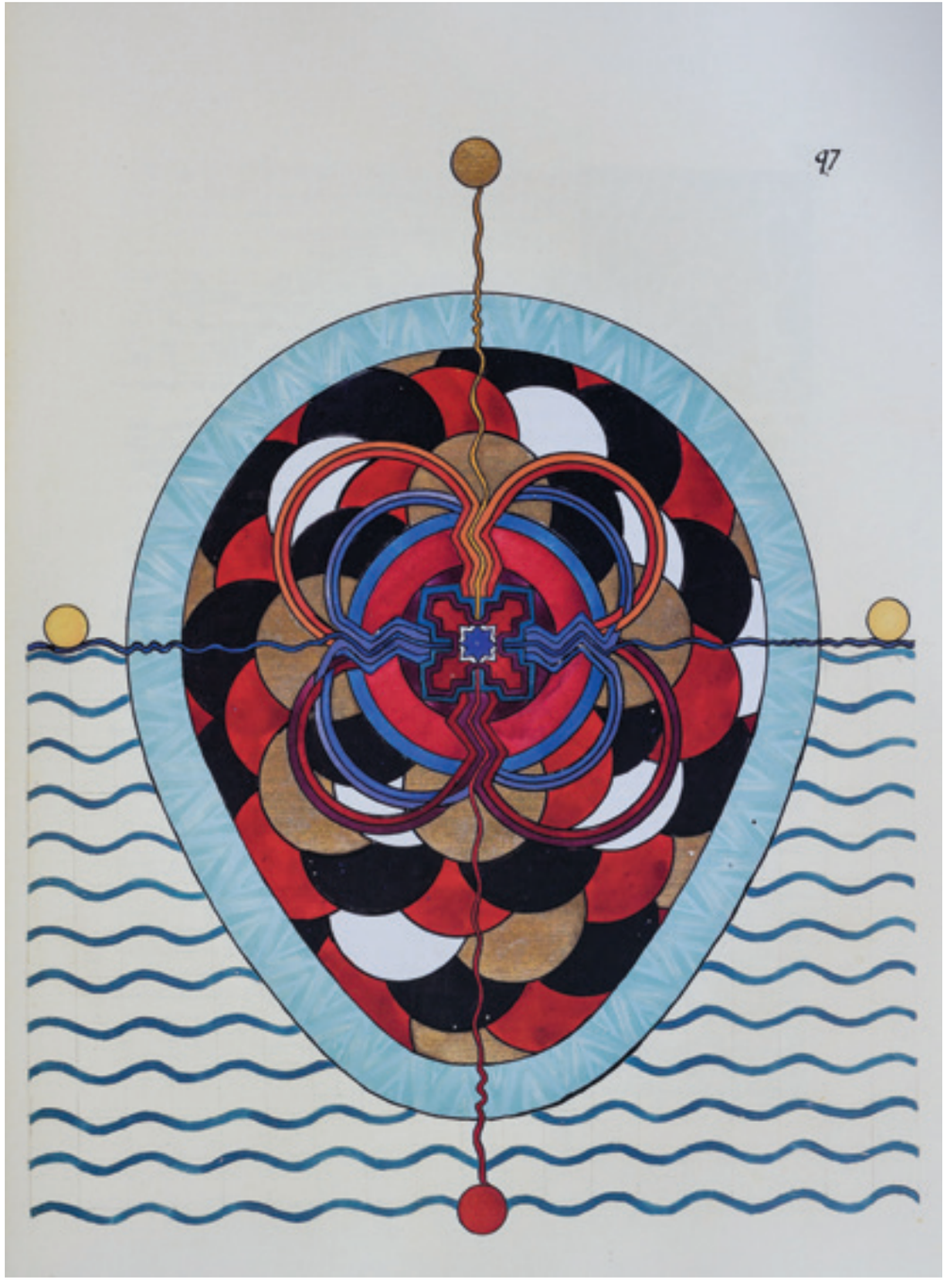
O registro das experiências pessoais, à luz do desenvolvimento da ciência da época, colocaria Jung numa situação de herético, louco ou místico, e talvez por isso o psicanalista tenha decidido não publicar o livro em vida. No entanto, parece ter sido por meio deste que Jung desenvolveu seu processo de individuação, em direção à autorrealização.



O livro vermelho, Liber Novus. C. G. Jung (163)



O livro vermelho, Liber Novus. C. G. Jung (105)



O livro vermelho, Liber Novus. C. G. Jung (97)



Os contos de fada estão vinculados à educação de crianças desde a época de Platão, quando as mulheres mais velhas contavam às crianças histórias simbólicas – mythoi. Há indícios de que alguns temas se reportem a 25.000 anos a.C., de maneira inalterada. Isso se explica por refletirem uma estrutura psicológica de base universal, os arquétipos.

– VON FRANZ (1990)







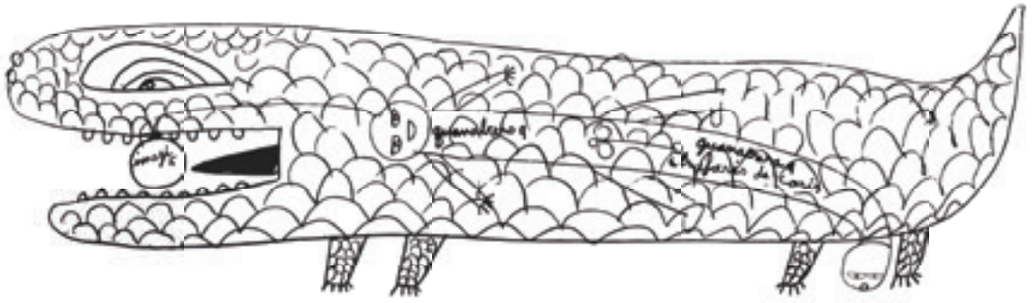






Jung oferecia novos instrumentos de trabalho, chaves, rotas para distantes circum-navegações. Delírios, alucinações, gestos, estranhíssimas imagens pintadas ou modeladas por esquizofrênicos, tornavam-se menos herméticas se estudadas segundo seu método de investigação.

– NISE DA SILVEIRA

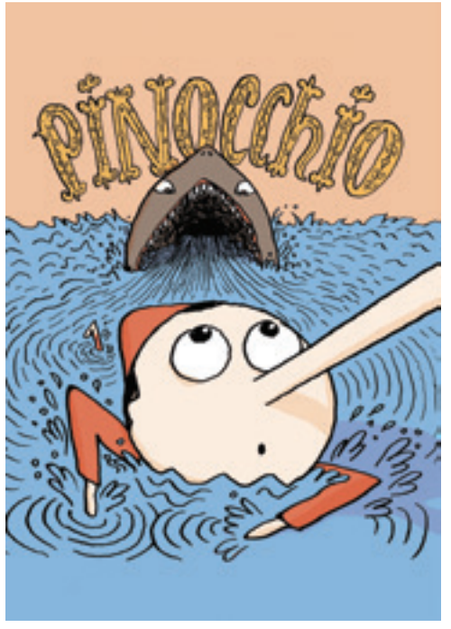


DRAGÃO-BALEIA

O tema do dragão-baleia é uma das mais antigas e universais variações do mito do herói. Em vez de percorrer longas extensões da Terra em busca de aventuras, de combater e matar dragões, aqui o herói é devorado pelo monstro.

O animal, levando o herói em seu ventre, ruma em direção ao Oriente. Durante a viagem, o herói acende um fogo no ventre do monstro ou corta-lhe um pedaço do coração; a seguir, o grande peixe chega a uma praia e o herói sai de seu ventre, libertando muitas outras pessoas que anteriormente também haviam sido devoradas

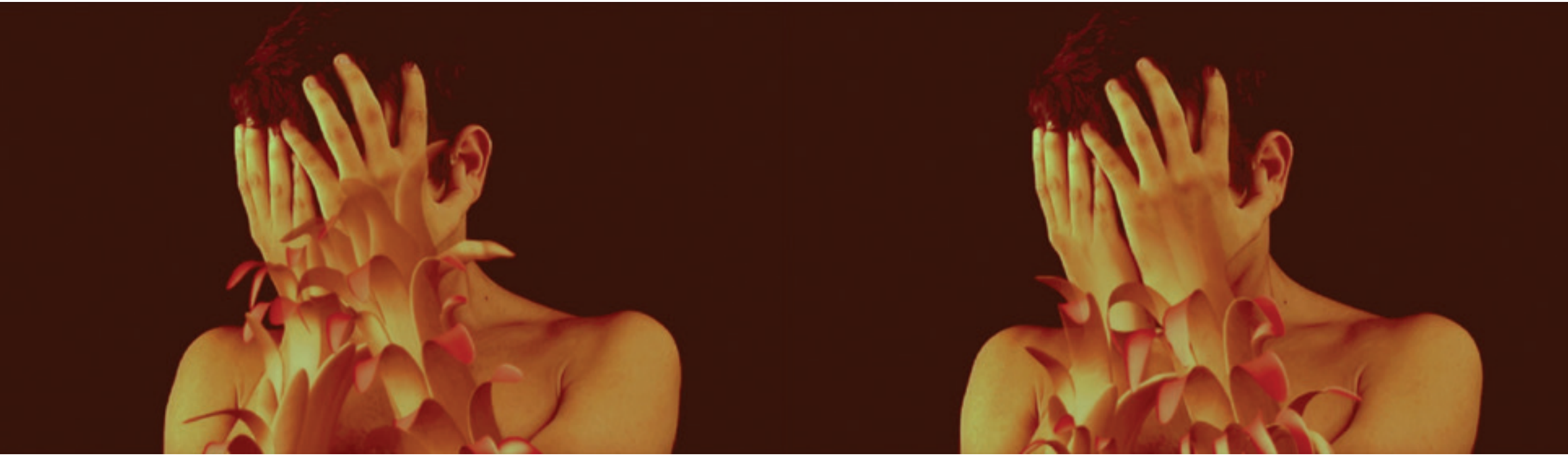
Os mitos sobre peixes monstruosos que devoram pessoas existem entre vários povos. Os índios Jurunas brasileiros contam que o filho mais novo do herói Sinaá, mais importante pajé da tribo, foi engolido por um enorme peixe. Quando seus irmãos conseguem retirá-lo, já morto, da boca do peixe e ressuscitam-no, o menino não conhece mais ninguém nem se lembra de nada. O irmão mais velho tem de ensinar-lhe tudo outra vez. É um mito de renovação. Aprender tudo outra vez é também renascer.



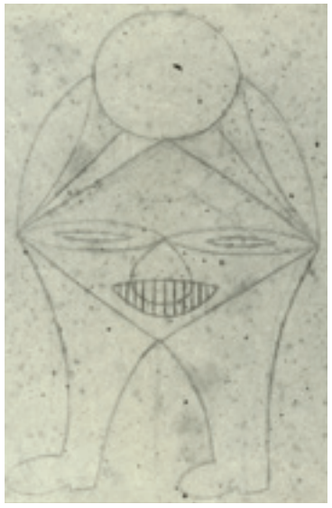








Leandro N. Lima. Lótus #1. 2003
videoloop, sem áudio, duração 33'
Coleção do artista



Baubo e Mapinguari

Freud descreve o caso de um jovem a quem se apresentava obsessivamente a figura paterna desprovida de cabeça e órgãos genitais, trazendo a face estampada sobre o abdome. Freud percebeu a semelhança entre esta representação visual e Baubo, personagem da mitologia grega cujo ventre portava uma face animada.

Na Idade Média não era rara a representação de figuras com a face sobre o ventre. Também entre alguns povos indígenas, como os Kayapó e os Karititana, há testemunhos de um titã amazônico selvagem, popularmente conhecido como Mapinguari, com um único olho vermelho e uma enorme boca que se abre no sentido vertical, do peito até a barriga.

Segundo as lendas, a criatura seria um comedor de gente e teria preferência por cabeças humanas. Seria o Mapinguari apenas uma alucinação coletiva ou uma preguiça gigante que teria sobrevivido depois de ter habitado a Terra há 12 milhões de anos?



Ilustração de Ikarow Owojo. O Mapinguari. Imagem gentilmente cedida pelo artista


dragão-baleia
a barca do sol
baubo & mapinguari

Barca do sol

A HISTÓRIA DE CARLOS PERTUIS

Carlos há vários anos vinha sendo dilacerado por conflitos pessoais. Certa manhã, raios de sol incidiram sobre o pequeno espelho de seu quarto. Um brilho extraordinário deslumbrou-o; e surgiu, diante de seus olhos, uma visão cósmica, "o planetário de Deus", segundo suas palavras. Gritou, chamou a família, queria que todos vissem também aquela maravilha que ele estava vendo. Foi internado no mesmo dia no velho hospital da Praia Vermelha. Isso aconteceu em setembro de 1939. Carlos tinha, então, 29 anos de idade.

Diferente foi a sorte de Jacob Boehme (1575-1624), sapateiro de profissão, como também o era Carlos. Um dia [Boehme], estava na sua modesta oficina quando, por acaso, seus olhos fixaram-se num prato de estanho que refletia a luz do sol com grande brilho. Boehme caiu em êxtase, estado no qual "pareceu-lhe que havia penetrado nas origens e na mais profunda e básica estrutura das coisas". Depois desse êxtase, e de outros semelhantes, Boehme escrevia suas experiências, desenhava suas visões e... voltava a remendar sapatos. Era respeitado por seus colegas como um homem religioso e um filósofo.

– Nise da Silveira



Carlos Pertuis. Sem título, 12/02/1976. Lápis de cera sobre papel. 33,2 × 48,5 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Engenho de dentro da alma

TIAGO SANT'ANA



Tiago San'tana. Açúcar sobre capela, 2018. vídeo, duração: 7'4". Coleção do artista

A máquina colonial lusitana que se estabeleceu no Brasil teve na exploração do açúcar uma importante base para a manutenção de um sistema de *plantation* que começa a construir suas bases na metade do século XVI. É precisamente na produção do açúcar que a mão de obra escravizada advinda das mais diversas localidades do continente africano foi utilizada e naturalizada a partir de justificativas de ordem racistas e eurocêntricas.

Os engenhos de açúcar eram, geralmente, complexos formados por casa senhorial, estruturas de fabrico (como caldeiras e casa de purgar), senzalas (locais insalubres onde as pessoas escravizadas viviam), a própria lavoura e, em alguns casos, capelas e igrejas. Essa estrutura arquitetônica permitia que todo o processo de feitura do açúcar se desse do início ao fim no mesmo local, permitindo uma atenção de perto dos chamados "senhores". Os engenhos eram locais de glória e riqueza para alguns e de pesadelo, violência e extermínio para outros. Para entender esse ponto, é necessário atentarmos para aquilo que se tem chamado de perspectivas decoloniais – uma série de produções intelectuais e artísticas que apontam para o fato de que o sistema colonial ainda não foi superado, e sim atualizado. Ou seja, viveríamos ainda hoje sob uma égide colonial, mesmo após o desembarque das máquinas europeias das antigas "colônias".



Tiago San'tana. Refino #2, 2017. vídeo, duração: 7'1". Coleção do artista

Essa noção de colonialidade também é importante porque pode apontar de que maneira a categoria "raça" foi criada junto com o processo de colonização: como uma tentativa de separação fenotípica, biológica e social das pessoas colonizadoras daquelas colonizadas. Essa é uma das bases que dão legitimidade ao projeto de dominação colonial desenvolvido nas Américas – em que há uma posição de entendimento da Europa como o centro e os outros lugares gravitando em torno de organizações e concepções sociais, econômicas, de gênero e raça dessa região. A partir desse cenário, desde 2017 tenho sistematicamente visitado ruínas de engenhos de açúcar na região do Recôncavo da Bahia. Com um passado intimamente ligado ao chamado ciclo do "ouro branco", essa localidade (e não só ela) tem ainda hoje registros dessa opulência arquitetônica. No entanto, muitas dessas construções hoje são ruínas, ou seja, metáforas do que resultou o processo de colonização do Brasil, cujas consequências humanas podem vistas até hoje. Ao conhecer a história desses espaços e entender as suas dimensões físicas, invisíveis e energéticas, desenvolvi performances que rememoram gestos que atravessaram os tempos e cujas chagas ainda hoje podem ser percebidas – seja por causa das estratificações raciais contemporâneas, seja pelas relações de trabalho que remetem aos sistemas escravocratas de séculos passados. Muitas dessas ações nesses espaços têm como contexto central pensar nessas memórias ligadas às ancestralidades negras, tentando transformar energias de dor em uma dinâmica mais criativa e que tentar purgar, ou seja, tornar límpidas muitas memórias que foram silenciadas por uma história oficial.



Tiago San'tana. Passar em branco, 2018. vídeo, duração: 8'6". Coleção do artista





Tiago Sant'ana. Passar em branco, 2018. vídeo, duração: 8'6". Coleção do artista

A arte, como produção simbólica, tem uma íntima relação com nossas próprias formas de representação e de narrativas de si, sendo, portanto, parte fundamental da nossa formação individual e coletiva. A composição de obras é um modo de estar no tempo e no espaço, sendo utilizada tanto para reforços de imagens como para quebra de *scripts* sociais esperados por determinados grupos identitários.

Assim, ao utilizar as ruínas de engenho de açúcar – mesmo sendo lugares catalisadores da dor negra no passado –, há uma tentativa de reprocessamento desses lugares num espaço que agora é retomado e revisto por um outro ponto de vista que se deslocada da história oficial, que por muito tempo foi escrita sob uma perspectiva colonial.



Tiago Sant'ana. As ferramentas do Senhor, Bordado eletrônico sobre tecido Coleção do artista

As histórias que cruzam engenhos de açúcar da Bahia com o Engenho de Dentro, lugar onde hoje funciona o Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro, provavelmente têm essa mesma origem em um sistema de exploração danoso, uma máquina de moer cana e gente. No entanto, ambos os usos subvertem a finalidade primeira de ambas as estruturas. Agora, os engenhos são utilizados como zonas da fuga do perigo da história única e dão vazão a imagens que subvertem uma lógica representacional normativa. O engenho – tanto dentro do meu trabalho quanto no uso feito por Nise a Silveira – tenta fugir de um destino de morte para uma pulsão de vida. O Engenho é aquilo que acontece dentro de nossas cabeças-almas, é a missão de construirmos performativamente um estranhamento da história única que nos foi contada.

Tiago Sant'Ana é artista visual, curador e doutorando em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia. Seus trabalhos imergem nas tensões e representações das identidades afro-brasileiras, entendendo as dinâmicas que envolvem a produção da História e da memória. Foi laureado com o Soros Arts Fellowship (2020), vencedor do Prêmio Foco ArtRio (2019) e um dos indicados ao Prêmio Pipa (2018). Suas obras fazem parte de acervos como o da Pinacoteca do Estado de São Paulo, do Museu de Arte do Rio e do Museu de Arte Moderna da Bahia.

Os rituais constituem represas para conter os perigos do inconsciente. Com esse objetivo, o homem arcaico construiu instintivamente as barreiras dos rituais, e ainda hoje, em situações psíquicas de ameaçadora desordem, os mesmos procedimentos são postos em ação.

– C. G. Jung (1959)

Hotel da Loucura

UMA POLÍTICA PÚBLICA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL DE SUCESSO INTERROMPIDA

O Hotel da Loucura é uma das muitas sementes que reverberam o trabalho de Nise. Fundado em 2012 pelo psiquiatra e ator Vitor Pordeus, o espaço surgiu da necessidade de construir ambientes de acolhimento coletivo. O Hotel ocupou o terceiro andar do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, propondo a valorização da autonomia e das forças autocurativas dos clientes por meio da metodologia do afeto catalisador empregada nas oficinas de teatro.

Mesmo de portas abertas à comunidade por quatro anos – o Hotel foi fechado pela Secretaria Municipal de Saúde em 2016 –, a experiência representou uma conquista da luta antimanicomial, pela efetividade nos casos clínicos e nos grupos que continuaram a se encontrar, com apresentações e oficinas realizadas em espaços públicos.

"Até agora, música, dança e festas desempenhavam um papel limitado em sua família. Você acha que o silêncio mortal que você mantém agora é de alguma vantagem para você ou para o doente? O divertimento é uma nuvem de ouro que ajuda o homem – ainda que por pouco tempo – a esquecer sua miséria. Todos vocês, se retornarem à sua feliz parte da vida familiar, serão como pessoas que, voltando ao seu país de origem, recuperam-se imediatamente da doença e da tristeza."

– J. W. von Goethe (1818)

LOUCURA SIM, MAS TEM SEU MÉTODO.

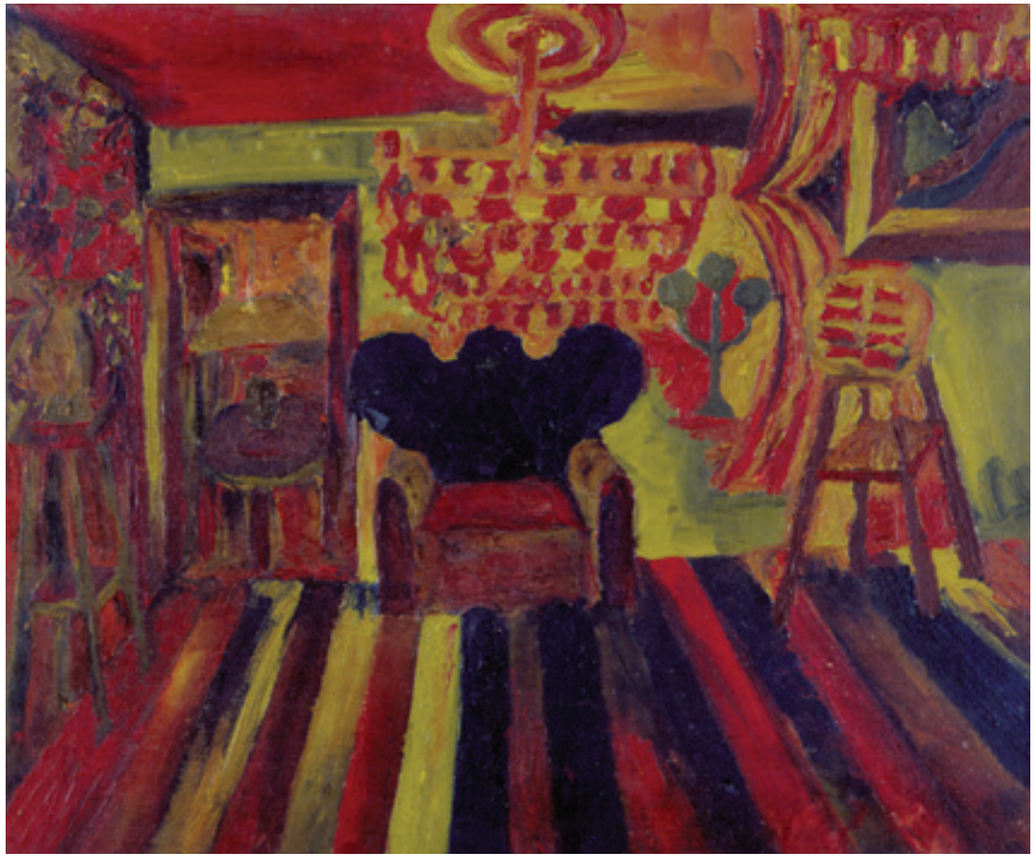
– William Shakespeare (1603)





Eu até tenho alguns pacientes, mas rapidamente eu os converto em atores. E, quanto mais eles deixam de ser pacientes e mais ficam atores, mais autonomia e saúde eles ganham. São rituais de saúde, de construção social, de acolhimento, amor e coletividade.

– Vitor Pordeus (2015)



Fernando Diniz

EM BUSCA DO ESPAÇO COTIDIANO

A psicologia tradicional despreza o estudo das vivências do espaço. O mesmo homem que responde corretamente no consultório médico "sim, doutor, eu me chamo fulano de tal, estou no hospital de Engenho de Dentro" poderá revelar no ateliê de pintura a vivência de situações espaciais completamente subvertidas.

Na criação da obra de arte, o homem engaja-se numa luta com a natureza, não pela existência física, mas pela sua existência mental.

– Conrad Fiedler (1955)





Pouco antes de ser internado, [Fernando] tinha a impressão de que, na rua, os edifícios inclinavam-se sobre ele. Como para esmagá-lo. Na sua pintura, objetos diversos acham-se muito próximos uns dos outros, sem espaço livre entre si. Desfilam em atropelo recordações da infância, conhecimentos escolares, imagens de experiências externas e internas, intrincadas umas às outras. [...] Foi comovente acompanhar Fernando nos seus esforços para sair dessa condição opressora.

– Nise da Silveira



Fernando Diniz Tapete digital s.d. (detalhe verso). óleo sobre tecido, 2,70 × 2,85 m
Museu de Imagens do Inconsciente



Fernando Diniz. Tapete digital s.d. óleo sobre tecido. 2,70 × 2,85 m
Museu de Imagens do Inconsciente



Rogério Reis. Projeto Na Lona (1986-2001), bairro de Santa Cruz, Rio.
8 Fotografias 45 × 45cm (cada). Coleção do artista



POR UM DIA,
AFINAL,
TINHA DIREITO
À ALEGRIA.



Desfile do GRES. Beija-Flor, 1989. Ratos e urubus, larguem minha fantasia. Carnavalesco Joãosinho Trinta. Fotos: Evandro Teixeira e Juca Martins/Tyba

Manifesto da curadoria

VAI PASSAR
NESSA AVENIDA UM SAMBA POPULAR
CADA PARALELEPÍPEDO
DA VELHA CIDADE
ESSA NOITE VAI
SE ARREPIAR

Chico Buarque e Francis Hime (1984)

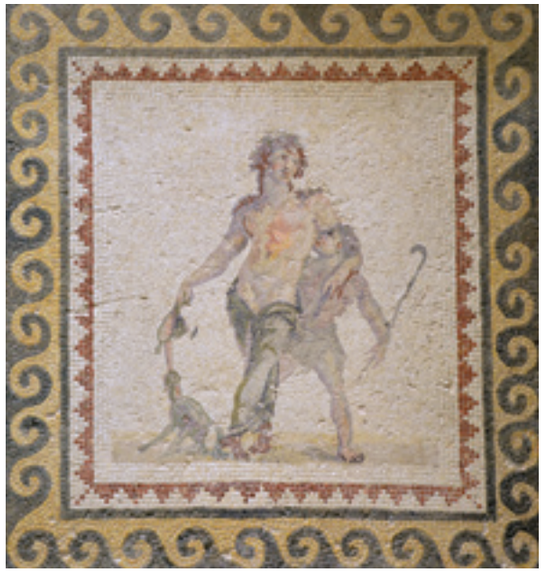
Uma vez por ano, e só uma vez (por que só por uma vez?), deixamos passar pela avenida o Carnaval. A avenida da letra é simbólica, porque a catarse passa por becos, praças, vielas, casas, cidades, esquinas, e encontra-se fantasiada, alegre, banhada pela embriaguez da fantasia, por todo tipo de gente que, embalada por uma alegria fugaz e ofegante, permite-se simular a evolução da liberdade. O poeta diria que isso é que é a vida boa, passeando diante do estandarte do sanatório geral – que vai passar.

Talvez, Nise da Silveira quisesse também subverter a ideia do Carnaval pontual de cada ano. Talvez quisesse que fôssemos mais Carnaval todo dia. E talvez, afinal, pensasse que temos outra opção. Que se, talvez, quiséssemos, pudéssemos, devêssemos, precisássemos, poderíamos, como método, expressar afetos por toda nossa avenida – a vida –, que é existência e coexistência. Inaugurar uma nova forma de passar por cada paralelepípedo, lembrando-se dos pés que sangraram, dos nossos ancestrais, das páginas infelizes, mas em direção ao encontro regado pelo afeto e pela revolução instaurada por um modo de ver a vida que tem como premissa a beleza da individualidade e sua condição coletiva.

Sinto, logo percebo o outro. Só assim vai passar. Vai passar.

LIBERDADE, LIBERDADE!
ABRA AS ASAS SOBRE NÓS
E QUE A VOZ DA IGUALDADE
SEJA SEMPRE A NOSSA VOZ.

Niltinho Tristeza, Preto Jóia, Vicentinho e Jurandir (1989)



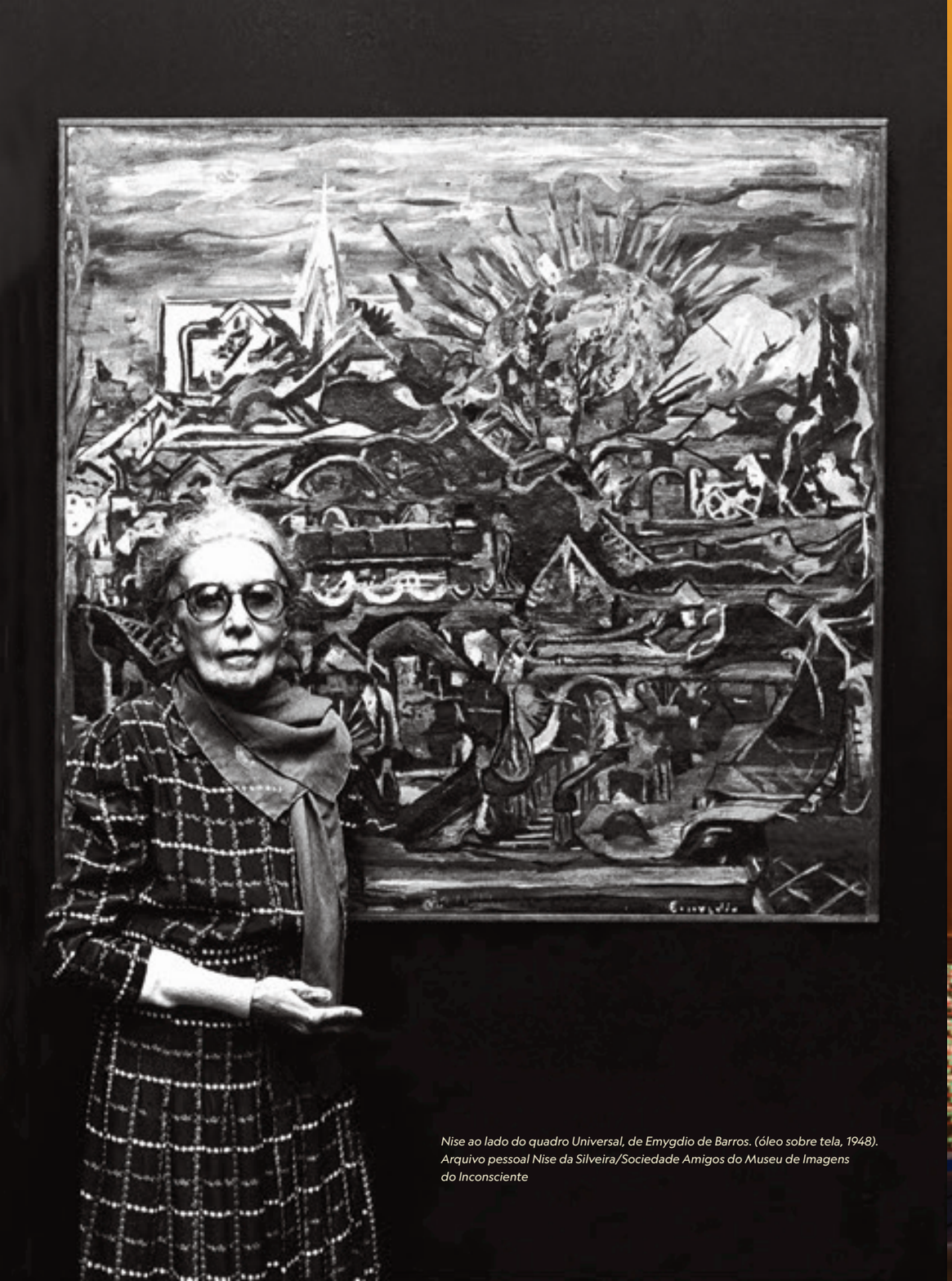
Dionísio

Na sua estada na Europa, em 1964, Nise foi visitar a Catedral de Colônia, na Alemanha, onde encontrou o Mosaico de Dionísio, que foi decisivo no desenvolvimento de seu ensaio sobre o tema mítico desse deus grego. Um dos mais fascinantes mosaicos que restaram da Antiguidade, este é hoje a grande atração do Museu Romano-germânico.

SE DIONÍSIO SURGIU DAS ESCAVAÇÕES AO LADO DA CATEDRAL DE COLÔNIA, EM MOSAICOS ANTIGOS INTACTOS COMO UM ACHADO ARQUEOLÓGICO, APARECE VIVO NO HOSPITAL DE ENGENHO DE DENTRO, EMERGINDO DO MUNDO SUBTERRÂNEO PSÍQUICO, MOSTRANDO, ASSIM, QUE É DE FATO UM PODER ETERNO, UM DEUS.

– Nise da Silveira





Nise ao lado do quadro Universal, de Emygdio de Barros. (óleo sobre tela, 1948). Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente

Fortaleza,
30 DE JUNHO DE 2021.

Querida Nise,

Inicialmente quero dizer da alegria e da honra de poder lhe escrever esta missiva. Sei que temos conexões importantes como mulheres nordestinas que ousaram, em contextos desafiadores, adentrar os caminhos da medicina, mas em nossa rebeldia afirmá-la como prática amorosa, integradora do ser em suas múltiplas dimensões.

Fui tocada por sua experiência há alguns anos, quando conheci o Museu do Inconsciente, conduzida por um jovem médico, Vitor Pordeus, que também me convidou a adentrar o hospital psiquiátrico que tem hoje seu nome, com a proposição de ocupar aquele espaço, que denominamos "Ocupa Nise". Aquela foi, sem dúvida, uma das mais significativas experiências que já vivi nesta existência. Ali, encontrei alguns daqueles e daquelas que estiveram aos seus cuidados e me percebi desafiada, em cada momento, a compreender e me ancorar nos caminhos que você trilhou.

Queria lhe dizer que, ao ali chegar, senti-me chamada a mergulhar em profundezas e sombras. O cuidado me chamava a realizar movimentos que caminhavam no imaginário desses que a sociedade convencionou chamar de "loucos". Guardei na sacola os conhecimentos da medicina convencional e deixei emergir do imaginário minha ancestralidade indígena, para voar como águias, pombas e araras, fazer soar o maracá e despertar a energia do fogo, da água, da terra e do ar. E você, em seu espírito libertário, lembrava-nos que não existem modelos e que a espontaneidade é um caminho da cura, porque liberta a potência criativa.

Havia esquecido de lhe dizer que foi a arte, em especial o teatro, mais do que a medicina que aprendi na academia, que me aproximou de seus saberes e legados. Só depois vim a conhecer essa frase que você escreveu: "Só os loucos e os artistas podem me compreender". Talvez por isso tenha sido a arte a promover nosso encontro.

No Hotel da Loucura, como resolvemos nomear a ala que ocupamos, pude entrar em contato com pessoas e obras daqueles e daquelas de que você cuidou e com as cartas que escreveu à Spinoza, a quem muito admiro e com quem tenho dialogado em meus escritos.

Sei que você fez viagens profundas pelas imagens expressas em telas, quadros, mas naquele momento outras expressões irrompiam intensas em musicalidades, como na voz de um jovem que cantava a plenos pulmões "eu quero viver"; de um menino-lobo que trazia a alegria da embaixadinha e de um samba em sua homenagem; nas teatralidades de pessoas que contigo conviveram e que deixavam seus corpos livres para as expressões; de uma mulher cearense, nordestina como nós, tentando emergir das cinzas como fênix, para alçar voo e libertar-se nas asas de uma pomba branca e depois cantar como criança; de uma menina de corpo frágil se enroscando no colo de uma mulher-dragão para, em seguida, viajar em cores e entoar cantigas de amor que se espalhavam polinizando o solo e germinando a planta, que se enraizava na luta da capoeira, na luta pela libertação da drogadição e do desamor.

Penso em que emoção você sentiria ao ver entrar aquela mulher de olhar apático que, aos poucos, se iluminava ao som das canções e, à medida que os ritmos dos tambores e das maracas se acentuavam, abria o sorriso e deixava jorrar trechos das canções pelos lábios, pela boca, pelo rosto, pelo corpo inteiro, mesmo sem levantar-se da cadeira.

Foram tantas sutilezas, tantas energias afetuosas, catalisando ações... Estávamos imersos em arte, amorosidade, cuidado e reflexão. Você se fazia presença pulsante em cada ritual, nas falas, nos gestos. Parecia-me escutá-la dizendo que é necessário despir-se dos preconceitos e que a alegria cura, assim como os afetos. E nós imergíamos naquele universo de loucura, embalados e embaladas em suas palavras: "Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura".

Mas a roda da vida girou e, infelizmente, a ocupação naquele espaço foi desfeita. E nós, protagonistas daquele movimento, ancorados também nas ideias de Paulo Freire – outro mestre nordestino que este ano, se ainda conosco estivesse em presença física, estaria completando o centenário –, seguimos esperançando, construindo inéditos viáveis: indignando-nos e movendo-nos para transformar realidades de opressão e de exclusão com coragem, perseverança e paixão, como assim você propôs. Passamos a trilhar outros espaços onde se pudesse promover paixões alegres, produtoras de vida, como nos ensinou Spinoza; onde se pudesse experienciar possibilidades de cuidar das pessoas em seus sofrimentos, de modo a produzir autonomia e não dependência; por fim, onde o cuidado pudesse interagir com a criação.

Também gostaria de dizer do que contigo aprendi sobre ciência, sobre o ato de produzir conhecimento. De referenciar o que nos ensinou sobre aprender para além da racionalidade; sobre a importância do afeto também no ato de aprender; sobre a sabedoria da natureza e não só a humana.
Da importância do fortalecimento da identidade e do desvelamento do inconsciente coletivo, para propor caminhos de produzir conhecimento; do considerar que a criação não se separa da invenção.

Por fim, gostaria de lhe trazer boas-novas. Porém, infelizmente, estamos a viver um tempo de muitos desafios. Imagine que estamos, hoje, em curso de uma pandemia e em um contexto político em que, mais uma vez, se desrespeita a vida e se reafirma o manicômio. Imagine! Depois de tantas marchas, de tantas lutas, de tanta construção!

Mas, imbuída de coragem, persistência e indignação, quero lhe dizer que seguiremos, porque é necessário esperançar.

E, em meio a genocídios, injustiças e iniquidades, escutaremos as palavras dos que nos iluminam o caminhar. Também delas nos nutriremos sem a elas nos agarramos como absolutas verdades.

Amorosamente, nos reconheceremos parte da Pachamama e, no respeito à vida, seguiremos enraizadas(os).

Como eternas(os) vir a ser, aprendentes, inacabadas(os), nos reconheceremos onda pequena que compõe, com tantas outras, para criar o movimento da maré de mudanças necessárias.

Mergulharemos no saber das experiências, nas lutas que emergem das histórias de resistência.

Vamos nos mover em convivialidade e cooperação, ancoradas(os) na boniteza dos encontros.

Conectadas(os) pela solidariedade, compartilharemos o que sabemos, produzimos e recebemos, para frutificar reexistências e dignidade. Também vivenciaremos em ato os inéditos viáveis. A encontrar as energias promotoras de alegria e coragem e a compor malhas que ampliem nossa força coletiva de luta e superação, para que a vida seja plena de justiça e liberdade.

É, para mim, uma grande honra poder fazer esse diálogo contigo e tê-la como uma das pessoas que iluminam minha caminhada.

Sua admiradora,
VERA DANTAS

VERA DANTAS

Vera Dantas é Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Médica da Estratégia Saúde da Família de Fortaleza desde 2006. É membro da coordenação do GT de Educação Popular em Saúde da Abrasco e participa da Internacional da Esperança.

English text

CONTEXT, PAIN, AND AFFECTION (part 1)

22 - 23
- My hallucination is to endure the day-to-day,
and my delusion is to experience real things

– Belchior (1976)

In insanity we do not discover anything new or unknown;
we are looking at the foundations of our own being.

– C. G. Jung

24 - 25 . NORMALITY & MADNESS
... madness is the result of a social construct rather
than a medical truth.

– Michel Foucault (1961)

What is insanity? Many ancient cultures understood mental illness as something of divine, supernatural origin, the result of a gift or the wrath of a goddess or a god. Later on, somewhere between the fifth and third centuries BC, Greek physician Hippocrates rejected this idea, explaining that imbalances would be natural to the body, particularly those derived from the brain. For Hippocrates, the body is equipped with a mechanism that enables it to restore its own balance:

Natural forces within us are the true healers of diseases.

– Hippocrates (460 BC)

Music was adopted in the first hospitals for the "insane" during Renaissance because of its therapeutic virtues. In Egypt, during the 21st century, recreational activities such as music and dance were prescribed as a way of relieving symptoms – a practice commonly used today.

In Western societies, insanity is still associated with demeaning feelings, such as disgust, fear, instability, danger, and irrationality. These representations compose the social stereotypes constructed and preserved throughout history pertaining to the insane, which trivialize psychological suffering and inhibit any awareness, assigning a place of exclusion to these people.

THE SHIP OF THE INSANE
The ship of the foolish, or the ship of the insane, is an ancient allegory that describes the world and its human inhabitants as a ship whose troubled passengers neither know nor care where they are going. The so-called madmen were often left to roam the countryside or were expelled from their cities, sometimes by stoning or beating.

26 - 27 . ABSTRACTION AND IMPROVISATION AGAINST AFFECTIVE BLUNTING
Psychiatrists interested in the plastic production of patients diagnosed with schizophrenia have long noticed the predominance of abstraction in their work, the stylization, the geometry that was present there. The current opinion at Nise's time was that their work revealed "a continuous cooling of affection, an ever-greater disconnection from the real world", an opinion that Dr. Nise did not accept.

The psychiatrist sets his mind on the word and wants to translate everything into words; nobody is trying to belittle the words, but there are many other ways of communicating [...]. So we set out to study the images.

– Nise da Silveira

Expressions, largely unconscious and that almost always occur suddenly, originated from inner events; therefore, impressions of Inner Nature. I call them Improvisations.

– Kandinsky (1947)

28 - 29
But I did not examine the paintings of the patients who frequented our workshop sitting in my office. I watched them paint. I saw their frowns, I saw the impetus that moved their hands. I was unable to accept the established opinion. [...] By a happy chance, I found clarification for this challenging problem in the book by art historian Wilhelm Worringer — Abstraction and Nature. Art will remove things from this disturbing whirlwind, it will empty them of their vital and always unstable manifestations in order to subject them to permanent laws that govern the inorganic world. Through processes of abstraction, men seek "a point of tranquility and a refuge".

– Nise da Silveira

32 - 33 . PIONEERS
The artworks are a creation of fantasy [...] The issue of models, measures, cannons is the confinement, the death, so to speak, of the creative artist. In order to be brilliant, art has to be free.

– Osório César (1924)

[...] there is a very interesting, a very peculiar art, an art capable of producing deep impressions on those who admire it, a frantic art, but, for this very same reason, attractive; an art that is always surprising us. This art that is completely unknown to you is the art of the insane. You need to get in touch with it, if only to drop the wrong conviction that madness is a great starless night. Come and see what beauty comes out of the hands of the Juquery inmates and spreads over the white paper. Come to abandon this unshakable assumption of normal men and try to convince yourself that common normality—because the absolute does not exist—is what is called, in good Latin, aurea mediocritas.

– Flávio de Carvalho (1933)

34 - 35 . THE EXPERIENCE OF OSÓRIO CESAR AND FLÁVIO DE CARVALHO IN JUQUERY
A expressão artística dos alienados ("The Artistic Expression of the Alienated", 1929) was the first book on the works of psychiatric patients in Brazil. Written by physician Osório Cesar, who was born in the state of São Paulo, the book has numerous illustrations, mostly from his own collection or from Hospital do Juquery, including indigenous works from the collection of Museu Nacional as well.

Osório Cesar was a hybrid intellectual like his European colleagues, German psychiatrists Hans Prinzhorn, Hermann Simon, and French psychiatrist Marcel Réja. Born in the state of Paraíba, he was a violinist and a dentistry graduate who later attended medical school. He was married to painter Tarsila do Amaral for three years.

In 1933, Osório Cesar and artist Flávio de Carvalho organized the Madmen and Children Week, an exhibition that brought together drawings by São Paulo schoolchildren and works by inmates at Juquery. The purpose of the event was to present the psychological and philosophical aspects of artistic creation to the intellectuals of São Paulo and to question the technical training of art in schools and art institutes.

36 - 37 . ART AT HOSPITAL DO ENGENHO DE DENTRO
Mário Pedrosa, the most important art critic and columnist for newspaper *Correio da Manhã* from 1944 to 1951, shared with Nise da Silveira the desire to break up with a tendency that seemed oppressive, authoritarian, and sterilizing to him at the time. His focus, however, was on the field of arts.

In the 1940s, for the first time in a national context, the critic mentioned an art accessible to all, which would distance itself from rigid forms and academic convictions and would deal with human aspects, emotions, and feelings. Spontaneous and non-professional creations of artists from the workshop of Hospital do Engenho de Dentro, such as Adelina Gomes, Emygdio de Barros, and Carlos Pertuis, who did not interact with formal culture (savant) or with art history, and, because of that, offered pure and genuine works from their inner universe that would fit perfectly in this kind of art.

The painting studio was created by Nise da Silveira and Almir Mavignier, a young painter at the time. Besides Mário Pedrosa, distinguished national artists, such as Ivan Serpa and Abraham Palatnik—then a young newcomer artist—also visited the space. The patients of Engenho de Dentro, who were a source of great inspiration and marvel, together with this cosmology of brilliant minds, would fertilize the neoconcrete movement in the arts that emerged a little later with Lygia Clark, Hélio Oiticica, and Lygia Pape. In the field of psychiatry, these experiences, coupled with the production that took place there, gave life to Museu de Imagens do Inconsciente (Museum of Images of the Unconscious), today one of the most important collections for research on the production of images and its psychic processes.

Arthur Amora's stay at the hospital in the late 1940s was brief, and there is no further information about him. He arrived at the studio willing to paint, but declared that he did not know how to draw. I proposed that he looked for a motif that interested him. He discovered a box of dominoes and copied them entirely. After that, he started to simplify them, abandoning the dots, covering the white and black bands, breaking the angles, finding curves, and creating structures of great optical contrast.

– Almir Mavignier (1989)

Geometry is not a subject like the others. It is not just the study of the properties of figures. It teaches the art of thinking. My father, with just a few words, would show me a new study perspective. I was 14 years old at the time ...

– Nise da Silveira

None of them, with more or less talent, affected to a higher or lesser degree by the illness, could be what they are or what they were in isolation. The society of Engenho de Dentro, with all its precariousness of resources, provided them an anchor to life.

– Mario Pedrosa (1980)

38 - 39
All that made me deeply glad, but I've always been discreet about pronouncements on the quality of patients' plastic creations. This was the responsibility of the art connoisseurs. What I had to do was to study the scientific problems raised by this creation.

– Nise da Silveira

My meeting with Nise worked very well, because I needed her, and she needed me. [...] I started at the hospital as a day laborer, actually, to calm the inmates, working in the wards. [...] Until one day I saw a party of the therapeutic session that a doctor [Nise da Silveira] was leading. And, then, I had the idea to ask her if she was interested in holding a painting exhibition or creating a painting studio. [...] and she said: "but I have been waiting for a long time for someone who can do this"; thus, we really got to understand each other perfectly. [...] And we started to work.

– Almir Mavignier (1989)

40 - 41
I know that, when I got there [the painting studio], I saw that it couldn't be a studio; it was a very simple room where Emygdio, Carlos, Diniz, Isaac, and Adelina, were working; all I know is that I was shocked with that, I was so devastated, because, after all, they hadn't spent four years in a School of Arts. And the amazing works, such a density, colors, and I started to question myself; my performance was of external stimuli, and I felt that what I saw had nothing external in it, [...] but came from within, it could only be so [...] there was a wealth of images, it moved me [...] I felt that my castle was falling apart. [...] Suddenly, I had a feeling that I had to give up painting [...] it was not real, it was all an illusion, because it was all external stimuli [...]. In conclusion, it had to come from within. But I was very young, I was 20 years old, my subconscious sucked, there was nothing in there for me to draw from.

– Abraham Palatnik (2003)

42 - 43 . ADELINA GOMES - I WANTED TO BE A FLOWER
Adelina was a poor girl, the daughter of peasants. [...] She was shy and modest, obedient to her parents, especially attached and submissive to her mother. She had never dated until she was 18 years old. At that age, she fell in love with a man who was not accepted by her mother. [...] She obeys and keeps away from the beloved man. The condition of the oppressed woman is evident. The unques-

tionable authority of family decisions prevents the normal satisfaction of instincts and the realization of her emotional life projects. The situation seemed to be solved without further consequences. However, Adelina became more and more withdrawn, gloomy, and irritated. One day, all of a sudden, she strangled the house cat that everyone cherished, including herself. Seized by violent psychomotor excitement, she was hospitalized on March 17, 1937.

– Nise da Silveira

46 - 47
After the first meeting with Jung, in Switzerland, Nise returns to Brazil and encounters a series of paintings by Adelina whose theme was the transformation of women into plants. Trying to decipher the meaning of such metamorphosis, she found a parallel in the myth of the Greek nymph Daphne. According to it, Apollo, the god of the sun, is hit by an arrow from Eros, god of love and eroticism, and falls in love with the nymph. Since Daphne was the daughter of River Ladon and Mother Earth, she runs away. However, Apollo does not accept her refusal. The god chases her through fields and woods, and Daphne seeks refuge with her mother, the Earth, who welcomes her and turns her into a laurel tree. From then on, Apollo always carries a laurel branch with him, which is why champions are given a laurel wreath in sports competitions to this day.

The study of this clinical case, followed for years, is one of the most relevant contributions to the understanding of psychosis in the field of psychiatry. Years later, Nise made observations on it: "From this experience, I could verify through practice how right Jung was. Mythology was not a study for the dilettantism of scholars. It was a work tool for everyday use, indispensable in the psychiatric practice."

48 - 49
[...] Adelina asked for a canvas and painted a vase full of flowers lingeringly and carefully. The instructor of the painting studio, Elza Tavares, was so moved that she wrote on the canvas: for the first time a flower and not a woman sprang from a branch. [...]

In the unfolding of the psychic process, retreats often precede progress. Without being seen, Adelina removed from the bookcase the very canvas she had painted years before—her first painting in which flowers appeared unmerged to the figure of a woman–an unprecedented fact in her behavior. Her need for metamorphosis was so intense that Adelina repainted this canvas, placed a woman's face superposed on the flowers in the center, and gave the vase the form of a cat's head with a creepy expression. The main themes are found here, flower, cat, woman.

54 - 55 . I WON'T PRESS IT
Other new treatments were electroconvulsive therapy, the insulin shock, and the cardeasol shock. I went to work in an infirmary, with an intelligent doctor, but who was adapted to those innovations. Then, he said to me:

– You are going to learn new treatment techniques. Let's start with the electroshock.

We stopped in front of the bed of a patient who was there for electroshock. The psychiatrist pushed the button and the man convulsed. He then ordered that the patient be taken to the infirmary and asked for another one to be brought. When the new patient was ready for the shock to be delivered, the doctor told me:

– Press the button.

And I answered:

– I won't press it!

But psychiatry had taken a turn and started overvaluing chemicals. Drugs were being administered in increasingly higher doses and for longer periods of time. I would not say that medication should not be used, of course, but the high doses and their prolonged use inhibit the creative activity of the individual, whether to paint, to work with wood, or to work in any other activity. Any creative work is inhibited if the individual is doped. Current psychiatry is dominated by chemotherapy, a real chemical straitjacket, while the old straitjacket was mechanical.

– Nise da Silveira

56 - 57 . INHUMAN TREATMENT
In the history of modern society, confinement is seen as a condemnatory measure to those who represent a threat to the imposed order: the poor, the foreign, and the sick, of any age and gender, marginalized and characterized as vagabonds, libertines, ragged, alienated, criminals etc. These bodies were taken away from the streets and from social life, clustered in charitable, mental, and religious institutions called the General Hospital.

It was in the 18th century that French doctor Philippe Pinel, then director of the General Hospital, identified the need to separate the "insane" from the others for specific medical treatment, thus giving rise to the classification of hospital wards, and also of "mental alienation" as a medical category.

In Brazil, the first psychiatric institution was created by D. Pedro II, by an Imperial Decree, in 1841: Hospício Pedro II, located in the Urca neighborhood, in Rio de Janeiro.

The psychiatric hospital created the psychiatrist, and the psychiatrist, in turn, created mental illness.

– Foucault (1978)

The bust, modeled thirty days after the lobotomy, retains good plastic qualities, but it is characterized by the lack of expression and the coarse finish. [...] Unlike the works prior to the operation, these lack the emotional stress and the meticulous technical treatment. The first objective sought by the followers of lobotomy had been reached: to separate thought from its emotional echoes.

– Luiz Carlos Mello (2014)

58 - 59 . JULIANO MOREIRA
Juliano Moreira was born into a family of enslaved people, in 1871, and was a poor boy in Salvador until he became one of the youngest doctors at Faculdade de Medicina da Bahia (Bahia School of Medicine). He worked from 1903 until 1930 as director of Hospício Nacional de Alienados, where he also lived. A man of great kindness, he was an affection therapist adored by his patients. He introduced occupational workshops and removed patients' straitjackets.

Throughout his life, he faced the deviations of the evolutionary ideas that were bubbling up at the time, which preached the superiority of races and racial hygiene. He fought the consensus that the degeneration of Brazilians was attributed to the miscegenation of its people, affirming that it was necessary to set aside prejudices of colors and castes, and to identify the real villains and causes of diseases: social and sanitary conditions, violence, hunger, and malnutrition.

Doctor Juliano Moreira is an excellent and good person; and he doesn't frighten men like me, for he has studied them and is able to perceive their pain.

– Lima Barreto (1998)

It is necessary to "peel off" the colonial trauma and deny the denial of black power.

– Vitor Pordeus (2021)

When I was 5, I remember very well, my mother slept with a white man. It is a very important fact. Unfortunately, after three days, the man disappeared, taking my mother's watch, and never came back. A white child was born. This is of great value. Having a white brother makes us proud. The other kids on the street don't humiliate us anymore. This gives us more freedom in the studies. This boy was a gem.

– Fernando Diniz
(Em busca do espaço cotidiano, 1983–1987)

60 - 61 . LIMA BARRETO
Lima Barreto was born in Rio de Janeiro in 1881. He was a Brazilian journalist and writer who published novels, satires, short stories, chronicles, and a vast work in periodicals, mainly in popular illustrated magazines and anarchist periodicals of the early 20th century. He was admitted to psychiatric hospitals more than once due to alcoholism and other health problems. After his death in 1922, his work was rediscovered and published, which led to his being considered one of the most important Brazilian writers.

We are stripped of the clothes we are wearing and given others that can only cover our nudity, and not even slippers or clogs are given to us. The other time I was there, they gave me this piece of clothing that is very dear to me today. Not this time [...]. They gave me a mug of yerba mate iced tea and then, still during the day, they threw me on a straw mattress with a cheap blanket, familiar to those who have lived in poverty and misery.

I don't mind the Asylum that much, but what bothers me is the police meddling in my affairs. In my own opinion, I'm sure I'm not crazy; but due to alcohol, mixed with all kinds of apprehensions that the hardships of my material life have imposed on me for six years, now and then, I show signs of madness: I rave.

What about madness? Plunged in the midst of almost two dozen madmen, there is absolutely no overall impression of it. There are, as in all manifestations of nature, individuals, individual cases, but a very strong family relationship among them does not exist or is not perceived. There are no species, there are no races of madmen; there are only madmen.

– Lima Barreto (1919-20)

62 - 63 . ZÉ CARLOS GARCIA
It will take perseverance, patience, and an environment free of any coercion so that relationships of friendship and understanding can be created. Without the bridge formed by that relationship, healing will be almost impossible.

– Nise da Silveira

64 - 65 . LULA WANDERLEY/ LYGIA CLARK
The therapeutic experiences of the doctor and artist Lula Wanderley occur in the encounter between the art of Lygia Clark and psychic suffering. Lygia's "relational objects", such as O Grande Colchão, Fita de Moebius or other objects that were not named, adapt to various bodily experiences. Wanderley's therapy, which focuses on the therapist's sensitivity as its main work tool, has as its starting point the body/viewer in its relationship with the object, emphasizing plurality and affection.

- Lula Wanderley (2002)

66 - 67 . AFFECTION
In the age of the machine, the soul is relegated to second place.

– Nise da Silveira

I have noticed the advantages of the presence of animals in the psychiatric hospital since the adoption of the little dog Caralâmpia by a patient who attended one of our workshops. The dog, in particular, has qualities that make it very capable of becoming a stable point of reference in the outside world. It would never cause frustration, it gives unconditional affection without asking anything in return, it brings warmth and joy to the cold hospital environment.

– Nise da Silveira

70 - 71
"Only man is capable of thinking. Only man possesses reason. If the body of man and the body of animals are quite similar machines, yet fundamental differences separate them. Descartes concludes by saying that animals do not only have less reason than men, but they have no reason at all. If they scream or wiggle, it is only the effect of movements that take place in the machine of their bodies."

I read this famous speech in my father's library when I was very young. I was outraged. I would never admit that my beloved dogs Top and Jiqui were incapable of thinking and feeling. Between the three of us, understanding and affection walked hand in hand in a deep relationship. Later, in medical school, I went through a Cartesian training. My colleagues and I were given the task of studying the component parts of the machine gears that would make the human body.

– Nise da Silveira, Letters to Spinoza

I remember as if it were today a practical physiology class which had the mechanism of the circulation as its theme. A frog was stretched and had its four limbs nailed (crucified) to a cork board, and its chest was crudely opened so that we could see its tiny beating heart. The frog was popeyed and seemed to ask us: why such cruelty? It was for nothing. Nobody learned anything in that stupid class.

– Nise da Silveira, Letters to Spinoza

I am a bookworm. Whenever I see a book, I grab it. I love books. In bookstores, when I had no money to buy them, I hid them. I asked friends of mine with long arms—like Marcos Moreira, for example, who was very tall—to go with me. Some weeks later, when I had money, I would say:
- Let's go get the book.

Then, a client who worked in the carpenter's workshop felt, sniffed, sensed that I loved books. And he gave me one as a gift. It was a wooden heart with a small book at its core, also carved from wood. And he simply said to me:
- A book without a heart isn't worth a penny.

And that is one of the characteristics of my service. Affection. I have never called anyone "patient". I called everyone by their names—Maria, Adelina, Fernando; it brings people closer."

– Nise da Silveira

72 - 73 . CARLOS PERTUIS

It is from the dense sediment of collective experiences, imaginations, and emotions that the unique individual slowly stands out. Instinctive impulse impels each being to distinguish itself from the common basis of its species. It is a natural process of growth also experienced by plants and animals. In men, however, the conscious emerges from the unconscious in a degree and quality that may be peculiar to them. And enable them to become aware of this process that unfolds following the specific plan whose lines have been sketched since birth, "painful sketch of themselves", in the words of Guimarães Rosa.

– Nise da Silveira

76 - 77 . EMYGDIO DE BARROS SUBVERTED SPACE

Emygdio de Barros is one of the rare geniuses of Brazilian painting. A genius is neither worse nor better than anyone else. With regard to him, however, there is no way of comparing: a genius is a blazing loneliness. It goes beyond measurements and categories. It is not possible to define him according to artistic schools, avant-garde, styles, "métier".

What we can affirm about Emygdio is that rarely has any pictorial work been able to convey the sense of wonder that we get from his paintings.

Emygdio's work does not reflect human experience in respect to society and history. The rupture with the objective world threw him into an abysmal adventure, in which the spirit seems to lose itself in the body matter, to sink into its magma. And it is from there, from this primordial chaos, that he returns with his fluorescent images, bringing to the surface—where we live—the echoes of another story, which concerns men as well, but which few have the privilege to experience.

– Luiz Carlos Mello

I brought him because, for days, when I pick up the others who are authorized, I notice in the corner of this patient's eye the desire to come too. At that, I bowed my head. It is not everyone who is able to read from the corner of a schizophrenic's eye, oh no! It is neither for the psychiatrist, nor the psychologist, or the sage of any kind. Then I went to see Emygdio's psychiatrist to explain his coming to my studio. And he said to me: - If you want authorization, I will give it to you, but it won't help because he has been hospitalized for 23 years, in a state of very deep psychological decay, and he will do no good.

– Nise da Silveira

78 - 79 . AFFECTION IS THE CENTER OF THE UNIVERSE
NISE DA SILVEIRA IS THE GALILEO OF MEDICINE

While Italian astronomer and mathematician Galileo Galilei forever changed the history of mankind in the year 1610 by proving—in a way that could be verified and reproduced with the use of telescopes—that the Earth is not the center of the universe, psychiatrist Nise da Silveira, born centuries later, on the same day as Galileo, claims: "Today, humanity can write in its diary that the center of the universe is affection. It is affection that rules. We are slaves to affections." However, there is more to it. She amasses a monumental medical and scientific work in more than 70 years of living experience, through paintings, drawings, sculptures, readings, and all relations —after all, as Lygia Clark and Lula Wanderley taught us, every art object is an object of a relationship. Nise da Silveira stands for a comprehensive medical practice in the Brazilian Unified Health System, a model public servant and manager, restorer of medicine and of the quality of the public system. She developed several community services that are still active today and are recognized worldwide for their excellence in clinical, social, and cross-cultural psychiatry. She has demonstrated her science in the daily life of the community at Casa das Palmeiras, since 1956, or at Instituição Panótica, with Museu de Imagens do Inconsciente, created in 1944.

What is the question, then? Why isn't Nise's psychiatry practiced in medical schools or in the national mental health policy? What the policy currently advocates is quite the opposite of Nise's psychiatry. It prescribes electroconvulsive therapy even for premenstrual tension! Other figures in this exhibit, namely black psychiatrists, who solved the problem within their own skin, have very accurate answers: the lost founding father Juliano Moreira, Martinican Frantz Fanon, and Jamaican Frederick Hickling diagnosed the psychopathology of colonization and the medical-scientific racism in different historical times. Nise's medical and scientific experiment is a powerful example that it is possible to change a tragic fate and to heal psychologically, to heal from colonization in Brazil. "Though this be madness, yet there is method in't", says Polonius about Hamlet's madness, in the play published by Shakespeare in 1601. Nise introduced the method of madness; she founded the genuinely-Brazilian scientific psychiatry. And this movement has immense and revolutionary implications for the production of public policy and medicine itself. My work at Hotel da Loucura [Madness Hotel and Spa], in the Division of Social and Cross-cultural Psychiatry, in Montreal, Canada, and at Teatro Clínica DyoNises, including the clinical results we have recorded and published in more than ten masters and doctoral theses in and outside of Brazil, tell us of the scientific effectiveness of these practical ideas. What is our greatest challenge? To practice without undermining, without betraying the method, without betraying the Master. To practice without betraying ourselves.

The exhibition "Nise—a revolution through affection" will be a great chance to communicate, from the Latin, "communicare", to make common, to introduce in the medical practice the notion of scientific method centered in the human being, in nature, and in health itself. I can only believe in a medicine that is healthy. The time has come to recall our ancestors and the living to celebrate their own memories stored in images of the unconscious. As the poet, co-founder of Hotel da Loucura, Ray Lima, wrote, "The dead inspires and supports, while the living recreates and flows." Museu de Imagens do Inconsciente is the map and the suitable telescope for human madness, as the Engenho de Dentro para Fora experience has shown us.

VITOR PORDEUS
Teatro Clínica DyoNises – Rio de Janeiro
May 29th, 2021

TO BE A WOMAN, TO BE REVOLUTIONARY (part 2)

84 - 85

The revolution shall be female, or there will be none.

– Rosa Luxemburg (1914)

86 - 87 . 1920 – QUALIFICATION: DOCTOR NISE

I think we must call her a doctor–this title has long been denied to women or used in mockery. You, who were the first woman to graduate from Faculdade de Medicina da Bahia in 1926. The only woman in a class of 157 men—there wasn't even a women's restroom! Nise, the utmost dedication to a lifelong job.

– Amanda Rigamonti (2016)

ANIMUS OF A FIGHTER
I tell him that I feel torn into opposites. He [Jung] says that, in women who study, the animus takes on great strength, which is in contradiction to their own feminine nature. He can see how violent my animus is—like that of a fighting cock.

– Nise da Silveira

88 - 89 . 1936 - PRISON AND EXILE

After a year in prison, I became obsessed with freedom.

– Nise da Silveira

While in prison, Nise met other relevant political prisoners, such as Olga Prestes, Maria Werneck, and Elisa Berger, her cellmates. It was also in there that she met her fellow countryman Graciliano Ramos. Amid reports of early-morning torture sessions in the prison, she read and studied profusely.

The prison complex on Frei Caneca street was originally created in 1850. The panoptic building, modeled after European prisons, enabled an all-round surveillance of the prisoners. An overbilling scandal during its construction—which took 20 years to be concluded—is said to have brought down a minister of the Brazilian Empire. The prison was the scenario of countless murders, rebellions, and torture sessions, and many political prisoners were sent there, both during the Estado Novo and the military dictatorships.

In 2011, 172 years after its construction, the Frei Caneca prison complex was imploded. Artist Carlos Vergara, who was following the demolition of the building, produced a series called Liberdade ["Liberty"], with films, photographs, paintings, monotypes, objects, and cell doors, which preserve the memory of the place.

In 1936, at the beginning of the Vargas dictatorship, a hospital nurse noticed on my desk, amid books on psychiatry, literature, and art, some books on Marxism—which I also studied. Then, she reported me to the board. I was arrested that same night and taken to the first-time offender ward on the penitentiary on Frei Caneca street, where I remained for a year and a half. I lost my job and was excluded from civil service —which I had joined after passing an exam—, for eight years, on the grounds that I belonged to a circle of ideas incompatible with "democracy".

– Nise da Silveira

90 - 91 . CARALÂMPIOS

From the terrace I could see them downstairs in a courtyard, together with the other women, during the sunbathing. There were ten or twelve of them, forming a circle and exercising by throwing a rubber ball at each other to stretch their arms. They remained there for an hour every morning. On the way there and back, they sometimes lingered on the landing, pushed aside the canvas that disguised the Red Square, and spent a few minutes talking to the men. I noticed glimpses that helped me distinguish several of them: Valentina's red lips, Elisa Berger's gray hair, Eneida's green eyes.

Olga Prestes was white skinned and calm, whereas Rosa Meireles was strong, energetic, and her voice had a resolute tone. One could sense an intense vibration in Maria Werneck's blazing face, and lean, curvy body. Nise's figure impressed me deeply. Although we had been confused, stunned, vainly searching for a word in the difficult moments that we confronted each other, I was touched by that sweet and sad look which unveiled wisdom and kindness.

– Graciliano Ramos (1953)

All art is political when it expands sensitivity, when it increases our ability to see the good and the bad.

– Carlos Vergara (2012)

92 - 93 . OCCUPATIONAL THERAPY AND REHABILITATION WARD

When Dr. Nise returned to public service and set up the Occupational Therapy and Rehabilitation Ward at Hospital do Engenho de Dentro in 1946, her challenge was to reinforce occupational therapy as a legitimate method, free from the "mere hobby" label that this technique had acquired in an environment aligned with the emerging treatments of the time. Therapy was prescribed to patients referred by psychiatrists from other wards of the hospital, and the quality of what was produced there should not be taken into account.

The activities could be functional (gardening, bookbinding, sewing, cobbling), expressive (painting, modeling, music), recreational (games, parties, cinema) or cultural—related to teaching and studying. They were prescribed either to encourage the assertion of individuality and freedom of expression or to provide immediate satisfaction, offering means for sociability.

We have neither table nor chair. We will work on the floor.

– Nise da Silveira

The fundamental law of creation is activity.

– Hermann-Simon (1937)

100 - 101

LIBRARY

Nise da Silveira's library took up the living room and the two other rooms in the apartment above hers. The refinement in the selection of hundreds of books contrasted with the simplicity of the wooden shelves supported by bricks. Literature, visual arts and philosophy shared space with newspaper clippings, exhibition catalogs, the complete works of Antonin Artaud, Machado de Assis, Freud, and C.G. Jung, in addition to books on medicine, epistemology, religion, and a shelf with books about cats.

Of all the shelves in the select library, one of them stands out: it holds books on different theories, dealing with studies on plastic expression, concerning mainly people who are undergoing psychiatric treatment. To simplify the path to be taken by the (improbable) researcher, Nise da Silveira put together a list of compiled books which she called: SMALL FILE RELATING TO WORKS ON PLASTIC EXPRESSION OF PSYCHOTICS AND SOME TIPS FOR BENEDITO. This was the field favored by Nise da Silveira, and, on writing this, she asked herself: "Who on Earth would be interested in these books?"

– Walter Mello (adapted; 2007)

VON FRANZ

Marie-Louise von Franz, who was Swiss, met Jung when she was 18 years old, becoming his assistant in 1933, among a group of 7 men. To pay for her studies at the C.G. Jung Institut Zurich, von Franz, who had a degree in Classical Literature, translated texts from Latin and Greek. She became a renowned psychoanalyst, specialized in the interpretation of fairy tales.

The friendship and scientific collaboration with Nise da Silveira were strengthened in 1957, the year in which Nise went to Zurich to develop her studies at the invitation of Jung and with a CNPq scholarship, besides undergoing psychoanalysis with von Franz.

This encounter of two brilliant scholars of Jungian psychology lasted for a lifetime, each in their own specific area—Von Franz, in the interpretation of alchemy, dreams, and fairy tales, and Nise, in the transformation of psychiatry and in the research of the images produced in the workshops.

My stay in Zurich, in 1957, was of crucial importance not only from the point of view of the studies, but also because of my psychoanalytical experience with Dr. M.-L. Von Franz. [...] I returned to Brazil with a new insight and more confident on my work.

– Nise da Silveira

102 - 103 . METHOD AND FOSTERING OF THE SELF-HEALING PROCESS

Dr. Nise offers a new conception of insanity, no longer as a label, diagnosis, or a list of symptoms, but as a human experience, a state of being.

Using an interdisciplinary method, which has its ground in Jung's analytical psychology, and applying it to the series of images in order to extract meaningful content from them, Nise brought to us knowledge whose contents are universally comprehensible. That is, as a result of experiences, she broke the boundaries of the realm of medicine, triggering reflections that concern the inner human psyche as a species.

It's not about making art, says Jung, but about having an effect on oneself. He, who had so far remained passive, now begins to play an active role. By putting down on cardboard the fragments of the drama he is experiencing rather haphazardly, he deprives of power threatening figures, thus managing to detach himself from images that imprisoned him.

"The blood that pulsates from the earth is the core of the strength that gushes out causing the consequences. Fire, water, and earth in the same element."

– Renata Inocencio

104 - 105 . MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE (MUSEUM OF IMAGES OF THE UNCONSCIOUS)

The painting and modeling workshops stood out among the other activities of the Occupational Therapy Ward. The works produced there became a means to access the inner world of patients and were so numerous and relevant for the scientific study of psychic processes that Dr. Nise founded Museu de Imagens do Inconsciente in 1952.

The museum defines itself as a living center for study and research on visual art documents produced daily in their space. The interdisciplinary research involves clinical experience, psychology, psychiatry, cultural anthropology, history, art, and education.

With an ever-growing collection of more than 350 thousand works, the museum has the largest and most diverse display of its kind in the world, and its main works are listed by Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

But the initiative of creating a museum inside a psychiatric hospital, in the then distant Engenho de Dentro neighborhood, was, to say the least, unusual and exceedingly daring, mainly because it brought together works created by patients who had been declared incapable by society and by their representatives, the psychiatrists; they were people excluded from social life "because, according to the psychiatric order, they could no longer live with their families or in society."

– Eurípedes Junior (2015)

106 - 107

I am feeling humiliated. While we are at the Biennial, enjoying the so-called "Uncommon Art," the authors of these works are inside psychiatric correctional facilities receiving inhuman treatments [...] I don't consider them happy. They are the real patients, in the strict sense of the word, which comes from "patience." They are unhappy because they are denied the right to be free, to be here with us at the Biennial, discussing their own art or that of their colleagues, to whom I don't know how to refer. Should I call them the common ones? I do not know. If they are considered uncommon, would the established artists, following this logic, be the common ones?

– Nise da Silveira

110 - 111 . CASA DAS PALMEIRAS

Casa das Palmeiras was built in 1956, with doors and windows open for the insane. And I used to hear: "You are out of your mind, a disaster is bound to happen". Disasters do happen, what's to be done? But Casa is open. Freedom does not harm anyone.

– Nise da Silveira

Casa das Palmeiras is a clinic conceived based on the concern of Dr. Nise da Silveira with the high rate of readmissions in the psychiatric hospital. It was founded by Nise with the collaboration of psychiatrist Maria Stela Braga, artist Belah Paes Leme, social worker Ligia Loureiro, and educator Alzira Lopes Cortes.

The house is a small territory of affective human relationships and creative activities where clients have the chance to perform their expressive work spontaneously, which makes their coming into contact with life easier. One of its clients was Darcílio Lima, born in the state of Ceará, whose creation, full of mythical and religious motifs, struck Nise da Silveira, who introduced him to artist and professor Ivan Serpa. From then on, his career gained momentum, and he reached the status of exponent of surrealist art in Brazil.

112 - 113 . RELATIONSHIP WITH CATS

Cat, just a wild Turkish Angora,/Blue eyes grey nose/Brown cat/Chestnut male ear/Now swiftness/Emotion of coping.

– Clara

When I was in the detention house as a political prisoner, I saw a small cat that slept leaning against a corner of the wall in the courtyard where we were allowed to sunbathe once in a while. An ordinary prisoner named Nestor was staring at the cat. He was considered the greatest burglar in town.

Then, I asked: — Nestor, why are you staring so hard at this cat?

He replied like a wise man: "This cat is the one who knows how to avoid jail!"

This made me think: what does it matter to the cat if she is sleeping in the sun in the courtyard of the detention house or on the terrace of a beautiful mansion?

I have taken advantage of this wonderful lesson from Nestor on other occasions.

– Nise da Silveira

114 - 115 . THE STORY OF BETA: ALBERTINA BORGES D'ROCHA

Albertina Borges d'Rocha was born in 1930. She had her first crisis at the age of 34. She went through years of struggle, hospitalizations, and therapy in the studios of Museu de Imagens do Inconsciente, where she founded the newspaper O Universo. *Relying on her writing skills, Beta found her own way, and went back to her daily activities. Writing the book* A história de Beta *and unveiling her intimate Notebooks with accounts of her crises and hospitalizations was seen as an act of courage and an example of how to ease the process of self-healing.*

– Beta d'Rocha (2003)

120 — 125 . NISE DA SILVEIRA, THE REVOLUTION THROUGH THE GAZE

The creative activity in the painting and modeling workshops created by Dr. Nise da Silveira and artist Almir Mavignier in 1946 is the living source of the collection of Museu de Imagens do Inconsciente (MII, Museum of Images of the Unconscious). By refusing the aggressive psychiatric treatments of the time, the foundations of a work that, through the museological activity, would acquire a pioneering and unique nature were being laid. By putting on display the creative strength of people who were thoroughly excluded from social life, the exhibits of this collection have been helping change society's views regarding people labeled as insane or mentally ill. By exposing the intact potential of the inner world of these individuals and the resulting possibility of restructuring the psyche through the free practice of artistic activity, it is no surprise that Brazil stands out in terms of mental health issues concerning legislation and the guarantee of rights, as well as the humanization, territorialization, and social inclusion that pervade the treatments currently recommended by the Psychiatric Reform.

The first such collection to get widespread public attention was organized at the Heidelberg University's psychiatric clinic, in Germany. It started in 1890 for the purposes of study and research, and it was under the direction of physician and art critic Hans Prinzhorn (1886–1933) that the collection achieved worldwide fame. Artists such as Klee, Picasso, Max Ernst, and Chagall showed admiration for the works in this collection, whose exhibitions began in 1921 and lasted until 1933.

The book written by Hans Prinzhorn about the collection *(Artistry of the Mentally Ill: A Contribution to the Psychology and Psychopathology of Configuration)* had great impact in European cultural circles, especially in France, inspiring the creation of other collections, even in places other than psychiatric hospitals; and among them, the one that would become most renowned of them all: the Outsider Art collection. According to its founder, French artist Jean Dubuffet, the concept of "outsider art" refers to highly-creative artistic productions made in a spontaneous way, having as authors unknown people, outside of the professional circles of formal art.

This collection, organized under a greater artistic point of view, and with a more varied range of creators than that of Heidelberg, was also popular among the public, especially in France. Some exhibitions were held in galleries, but it was not until 1967 that 700 works by 75 authors were exhibited at Musée des Arts Décoratifs (Museum of Decorative Arts), in Paris.

In Brazil, psychiatrist Osório Cesar (1895–1979) and artist Flávio de Carvalho (1899–1973) were the organizers of the first exhibition of works by inpatients of psychiatric hospitals, held in 1933 at Clube dos Artistas Modernos (CAM, Modern Artists Club) in São Paulo. In addition to works from the collection gathered by Osório at Hospital Juquery, works by children from the São Paulo public school system were also exhibited. An extensive program of ten lectures was held, some of which were widely reported in the press.

The opening of the workshops in Engenho de Dentro, a neighborhood in the northern part of Rio de Janeiro where Centro Psiquiátrico Nacional (National Psychiatric Center), currently called Instituto Municipal Nise da Silveira (Nise da Silveira Municipal Institute), was located, took place in September 1946. Three months later, there was already enough material for an exhibition. Thus, two days before Christmas, the exhibit of "paintings by adults and minors, as well as women's handcraft, as a display of the modern methods of treatment of mental diseases adopted at that institute" opened in the Psychiatric Center (*Diário de Notícias*, Dec. 22, 1946). The success of this first exhibit was impressive.

The Brazilian Ministry of Education and Health provided a bus from Downtown Rio to the then distant neighborhood of Engenho de Dentro, and, in view of the success of the exhibition, the ministry promoted the Exhibition of paintings by the mentally ill from Centro Psiquiátrico Nacional in February 1947, in its headquarters, known as Capanema Palace—considered one of the landmarks of modern Brazilian architecture.

This exhibition was paramount to the course of the art of the insane in Brazil. The presence of artist Almir Mavignier alongside the charismatic Nise da Silveira, the unprecedented nature of the event, and the quality of the works aroused the interest of psychologists, art critics, artists, and educators, having received intense press coverage as well.

It was then that an invaluable ally to the history of the collection arose. Almir Mavignier says he saw "a visitor squatting in front of one of Raphael Domingues' works", and started talking to him. It was art critic Mário Pedrosa (1900–1981), who, amazed by the works he had seen, immediately voiced his wish to visit the studio in Engenho de Dentro. The Brazilian visual arts were experiencing a boom, especially in Rio de Janeiro. While São Paulo had been the center of attention in the 1920s and 1930s with the emergence of the Modernist Movement, the presence in Rio de Janeiro of many artists who had migrated from Europe to Brazil during World War II laid the foundation for a period in which the city was open to the development and discussions regarding new languages, bringing together abstract, concrete, and neo-concrete artists.

The theoretical consistency of Mário Pedrosa, who had recently arrived from Europe, where he had served an exile imposed by the Vargas dictatorship, influenced the Brazilian art world of that time, and raised awareness regarding the collection organized by Nise da Silveira, contributing to give it remarkable visibility. By showing an understanding of the significance of that experience and an intuition about its future importance, Pedrosa became an unrelenting critic of those who sought to deny or minimize the aesthetic quality of the works in the collection. His admiration for these artists, especially Emygdio de Barros and Raphael Domingues, lasted until the end of his life. In a memorable article published in newspaper *Correio da Manhã*, Pedrosa described the exhibition as "an experience of extraordinary value both for those interested in the problems of art and for those interested in the serious questions concerning psychopathology. Some excerpts from his article are exquisite:

> The artist is not the one who graduates from Escola Nacional de Belas Artes [National School of Fine Arts], otherwise there would be no artists among primitive peoples, including our indigenous peoples. One of the most powerful functions of art—a discovery of modern psychology—is the revelation of the unconscious, which is as mysterious among the normal as among the so-called abnormal. [...] The images of the unconscious are simply a symbolic language the psychiatrist has the duty of decoding. But no one can prevent these images and signs from also being harmonious, seductive, dramatic, vivid, or beautiful, thus themselves consisting of true works of art.[1]

The success of the first two exhibits led Belgian critic Leon Degand, director of the then recently-created Museu de Arte Moderna de São Paulo, to promote the exhibition "9 Artistas de Engenho de Dentro" ("9 Artists from Engenho de Dentro"). He considered the collection

> a relevant contribution to Brazilian modern art, whose importance has been acknowledged by some of the best critics from Rio and São Paulo. However, the final assessment of this set of artistic pieces still relies on the public's opinion. Therefore, Museu de Arte Moderna took it upon itself to promote the first exhibition of the 9 Artists from Engenho de Dentro. (*O Estado de S. Paulo*, October 12, 1949.)

Mário Pedrosa was the curator of the exhibition, whose catalog is the first publication of the collection. Nise da Silveira wrote a text in which she demonstrated the consistency of her ideology on the subject:

> The director of Museu de Arte Moderna de São Paulo visited the painting and sculpture studio at the Psychiatric Center in Rio, and was categorical in attributing true artistic value to many of the works made by the men and women who are patients there. Many people might be surprised and upset by this opinion from an art connoisseur. That is because the insane are usually considered dehumanized and nonsensical beings. It will take time to accept that individuals thus labeled in mental institutions could be capable of accomplishing anything comparable to the creations of legitimate artists—that they can assert themselves precisely in the realm of art, the highest of human activities.[2]

In her text, Nise highlighted the imagery experiences of mystics, artists, and poets, indicating to the reader the similarity between the images displayed in the exhibition and these expressions. Thus, clearly disclosing the experience of insanity without pathologizing it, and using a language that was simple and easily understood by the lay public, she pointed out the social segregation and exposed the ideas of traditional psychiatry, which stressed affective desensitization, the demise of intelligence, and relentless degeneration.

The text is followed by the presentation of full-page reproductions of some works, with subtitles that only feature the artist's name: there are no biographies or diagnoses. By contextualizing the works, disclosing to the public who created them and how, Nise da Silveira was adding a new dimension to the exhibition discourse. The existence of an environment that served as a framework for the ontological historicity of the object brought respect and admiration for the works on display, providing them with a discourse that goes beyond the subjectivities associated to exclusively aesthetic delight.

The experience of Nise da Silveira and Almir Mavignier in Rio de Janeiro was as successful as the collections organized by Prinzhorn, in Germany, and Jean Dubuffet, in France. All of them have in common the fact that the plastic productions of inmates in psychiatric hospitals ended up reaching the status of musealia (museum objects); in other words, they became part of the universe of objects and creations whose permanence over time is desired for the delight of future generations. However, it is worth pointing out the major differences. Even though the interest of artists and the success of the publication of Prinzhorn's book took the works of the German collection to the walls of museums in a short period of time, this boom was temporary, soon interrupted by the rise of Nazism and its consequences. It was only in the 1980s that the collection regained interest, and a suitable place for its safekeeping and exhibition was found. As to the French, the collection was on the walls of the René Drouin gallery two years after its first display. However, it would take almost twenty years for it to arrive at Musée des Arts Décoratifs with due pomp and circumstance. The collection would only be kept within a museum institution in 1972, 26 years after the beginning of its organization, when it was welcomed by the city of Lausanne, Switzerland, where it can currently be visited.

Concerning the Brazilian collection, it arrived at the gallery of Palácio Capanema, in Downtown Rio de Janeiro, only six months after its inauguration. It took two years for it to be exhibited in the privileged space of the recently-founded Museu de Arte Moderna de São Paulo, following a brief stay at Museu Nacional de Belas Artes, in 1947. It is remarkable that within six years the collection would become the first museum in the world exclusively dedicated to this kind of production. The temporal contraction regarding the experience in Engenho de Dentro is due to a favorable context. Unlike its European counterparts, whose works were collected here and there, a daily source of production caused a relentless growth in the collection, which in six years would already be housed inside a museum . It took Dubuffet's collection almost thirty years to follow this same path! The fact that the creators were all gathered in the same place was also a great contributor. Among the two thousand inmates of Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro (Engenho de Dentro Psychiatric Center), several artists of extraordinary talent emerged at the same time—Emygdio de Barros, Raphael Domingues, Isaac Liberato, Carlos Pertuis, Adelina Gomes, Fernando Diniz—, in a movement that was called the "Brazilian Renaissance" by the current director of the MII, Luiz Carlos Mello, and curator and art critic Márcio Doctor. The aesthetic quality of the works and the engagement of the artistic avant-garde of Rio de Janeiro—critics and artists—created the favorable environment for the works produced within a therapeutic space by psychiatric patients to reach the galleries and soon be hanging on the walls of Brazilian art museums. The intense participation of Mário Pedrosa stands out, both in his writings published in the press and in his continuous presence at the painting studio in Engenho de Dentro, always in the company of other artists and intellectuals, creating a network of support and admiration for the work of Nise da Silveira and for the artworks by the studio painters. The favorable critiques in the press, with the critics almost always praising the qualities of the works and the relevance of the therapeutic work, helped to elicit a positive feeling in public opinion. These facts enabled the permanence and development of the collection, which would attract an expressive public in all of its exhibitions, becoming the largest of its kind in the world. In 2003, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan, National Institute of Historical and Artistic Heritage) listed many of the works as of special cultural significance,

[1] PEDROSA, Mário. Ainda a exposição do Centro Psiquiátrico. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Feb. 7, 1947, p. 2.

[2] SILVEIRA, Nise. 9 *Artistas de Engenho de Dentro*. Exhibition catalog. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1949.

in an acknowledgement of their importance to Brazilian culture and to the history of collecting these works worldwide.

The exhibition "Nise—a revolution through affection", now on display at CCBB, is part of the historical gallery of great exhibitions that show an overview of the master and of the work that cannot be dissociated from her. Revisiting with a modern gaze the principles, the facts, the documents, and the images preserved with care by the MII and its team, it is a validation of the incredible vitality and up-to-dateness of this unique work, which moves us with its profound humanity.

EURÍPEDES JUNIOR

Eurípedes Junior is vice-president of Sociedade Amigos do Museu de Images do Inconsciente (Society of Friends of Museu de Imagens do Inconsciente). He started working with Nise da Silveira at Museu de Imagens do Inconsciente in 1975, taking part in the production of documentaries, publications, courses, and exhibitions. He has a PhD in Museology and Heritage, having presented the thesis "Do asilo ao museu: ciência e arte nas coleções da loucura" ("From the Asylum to the Museum: Science and Art in the Collections of the Insanity"), which was awarded an Honorable Mention in the 2016 Capes Thesis Award. Currently, he is a curator at Museu Nacional de Belas Artes.

ENGENHO DE DENTRO:
UNCONSCIOUS AND TERRITORY (núcleo 3)

130 - 131 . JUNG AND THE ARCHETYPES
Archetypes are virtualities that cannot be represented. Perhaps they can be compared to the axial system; a crystal which in a way preforms the crystalline structure in the mother liquor without possessing material existence itself.
— Nise da Silveira

What sets Jung's psychology apart from psychoanalysis is the concept of archetype, which perceives the unconscious not as something developed during one's personal life, but rather as something that is given prior to one's existence. According to Jung, archetypes are structures that are present in the collective unconscious, like predetermined ways of thinking and acting, inherited possibilities common to all men, and which lead to the representation of similar images, that is, instinctive ways of imagining.

134 - 135 . THE RELATIONSHIP WITH JUNG
In 1954, Nise wrote a letter to C. G. Jung sending photographs of the paintings created at the Engenho de Dentro studio. She also inquired about their significance and origins. The master's response was immediate: the mandalas represented the self-healing potential that is latent in our psyche, spontaneously activated as a natural and unconscious way of making up for the dissociation experienced by those who drew them.

After the first remarkable meeting she had with her master at a congress in Switzerland, Nise returned to Europe, where she studied at the C. G. Jung Institute in 1957 and 1962.

Upon her return to Brazil after her first term at the Institute, she set up the C. G. Jung Study Group. Then, she wrote books, among them, *Jung: vida e obra* ("Jung: Life and Works"), first published in 1968.

136 - 137 . CARLOS PERTUIS
As Jung told it, he met a schizophrenic patient in 1906 in the halls of the psychiatric hospital in which he had been working. The intern was trying to look at the sun, blinking and moving his head from side to side. He told Jung that when he moved his head, the sun's penis also moved along with it, and this movement was the origin of the wind." Four years later, Jung found an identical imagery, equally responsible for the origin of the wind, in the visions of the followers of Mithra—the god of the sun—, described in a 1910 text translated from Greek papyri.

This psychiatric case is one of the first documents that led to the development of the concept of collective unconscious. What seems to be even more surprising is the presence of representations of the sun phallus in the paintings of a Brazilian schizophrenic [Carlos Pertuis], an intern at Centro Psiquiátrico Pedro II, in Rio de Janeiro, in the 1940s.
– Nise da Silveira

138 - 139 . MANDALAS
THE SELF-HEALING STRENGTH
How can one interpret this seeming contradiction—people defined as broken beings (schizo: schism; phrenis: thought) creating a large amount of circular images that are universal symbols of unity, of integration, and of the totality of being?
– Nise da Silveira

It's worthy of notice the fact that the images of totality spontaneously created by the unconscious, the symbols of the self in the shape of mandalas, also follow a mathematical structure. As a rule, they are quaternities or their multiples. These structures not only express order, they create it."
– C. G. Jung

144 - 145 . FAIRY TALES AND THE UNCONSCIOUS
Fairy tales constitute the symbolic account of the accumulated experience about life—a product of the collective unconscious. They have their own narrative structure and the same roles for different characters, besides being full of symbols, which lead us to archetypes. When comparing fairy tales to alchemical operations, one can perceive that both point to the path of transformation of the individual from the state of "rough stone" to the fusion of consciousness and the core of one's self, that is, the achievement of individuation, the alchemists' philosopher's stone.

Fairy tales have been linked to the upbringing of children since the time of Plato, when older women told the children symbolic stories-"mythoi". There is evidence that some themes have remained unchanged since 25,000 years B.C. This happens because they reflect a universally based psychological structure, the archetypes.
– Von Franz (1990)

146 - 147 . JUNG'S *RED BOOK*
The Red Book may be considered one of the most revolutionary publications in contemporary psychology. It is a journey into the inner world of Swiss psychoanalyst Carl Gustav Jung himself. The book can be said to contain two layers of text, one in which Jung's doubts, dreams, premonitions, and visions—his unconscious in writing—may be read, and another that represents the interpretation of this content. Jung started writing the book at the beginning of the 20th century, at a time of considerable theoretical doubt.

However, he kept it for years inside a safe in Switzerland. The book was not published until 2009, more than 40 years after the death of its author.

The record of Jung's personal experiences, in light of the development of science at the time, would place him in a condition of heretic, insane, or mystic. That might be the reason behind the psychoanalyst's choice not to publish the book. However, it seems that it was by means of this book that Jung developed his process of individuation towards self-realization.

In every civilization, man has planned villages, towns, and cities according to a mandala structure that acts as a projection of his psychic structure onto the outer world.
– Nise da Silveira

152 - 153 . WHALE DRAGON
The theme of the whale dragon is one of the oldest and most universal variations on the hero myth. Instead of traveling long stretches of land in search of adventure, fighting and slaying dragons, the hero is devoured by the monster.
The beast sets off toward the East carrying the hero in its womb. During the journey, the hero lights a fire in the monster's womb or cuts out a piece of its heart; then the great fish reaches a beach and the hero comes out of its womb, freeing many other people who had been devoured previously.

Myths about monstrous fish that devour people prevail among various peoples. The Brazilian Juruna tell that the youngest son of the hero Sinaá, the most important shaman of the Juruna tribe, was swallowed by a huge fish. When his brothers manage to pull him out of the fish's mouth he is dead already, but they bring him back to life. The boy no longer knows anyone or remembers anything. The older brother has to teach him everything again. It is a myth of renewal. Learning everything again is a way of being reborn.

156 - 157 . BAUBO & MAPINGUARI
Freud describes the case of a young man to whom a father figure was obsessively presented, with no head and genital organs, and with the face stamped on the abdomen. Freud noticed the similarity between this visual representation and Baubo, a character from Greek mythology whose stomach had a lively face.

In the Middle Ages it was not uncommon to see figures with their faces on their stomachs. Among some indigenous peoples, such as the Kayapó and the Karititana, there are also testimonies of a wild Amazonian titan, popularly known as Mapinguari, with a single red eye and a huge mouth that opens vertically from the chest to the stomach.

According to the legends, the creature would be a man-eater and would have a preference for human heads. Is Mapinguari just a collective hallucination or a giant sloth that would have survived after having inhabited the earth 12 million years ago?

160 - 161 . THE SOLAR BARQUE
THE STORY OF CARLOS PERTUIS
For years, Carlos had been torn by personal conflicts. One morning, rays of sunlight hit the small mirror in his room. An extrordinary glow dazzled him; and before his eyes appeared a cosmic vision, "God's planaterium", according to his words. He shouted, called his family, and wanted all of them to also see the wonder he was seeing. On that same day, he was committed to the old Praia Vermelha hospital. This happened in September 1939. Then, Carlos was 29 years old.

Jacob Boehme (1575-1624) had a different fate; he was a cobbler by trade, as was Carlos. One day [Boehme], was in his humble workshop when, by chance, his eyes were fixed on a tin plate that reflected the sunlight very brightly. Boehme went into ecstasy, a state in which "it seemed to him that he had entered the origin and the most profound and basic structure of things". After this ecstasy, and others like it, Boehme would write his experiences, draw his visions, and... would start repairing shoes again. He was respected by his peers as a religious man and a philosopher.
– Nise da Silveira

162 — 167 . THE SOUL WITHIN ENGENHO DE DENTRO
TIAGO SANT'ANA
The Portuguese colonial machinery that was established in Brazil had in sugar an important foundation to preserve a plantation system that was in its early days in the second half of the 16th century. It is precisely through the production of sugar that the enslaved labor coming from the most diverse locations of the African continent was used and naturalized based on racist and Eurocentric grounds.

Sugar mills were, generally, estates formed by the manor house, manufacturing facilities (such as the boilery and the purging house), the slave quarters (insalubrious places where the enslaved people lived), the plantation itself, and, at times, chapels and churches. This architectural structure enabled the entire sugar-making process to take place from beginning to end at the same site, which, in turn, enabled the so-called "masters" to keep a close eye on it. The mills were places of glory and wealth for some, and of nightmare, violence, and slaughter for others.

In order to understand this, we have to pay attention to what has been called decolonizing perspectives—a series of intellectual and artistic productions that point to the fact that the colonial system has not yet been overcome, but rather updated. In other words, we would still be living under

a colonial aegis nowadays, even after the departure of the European machinery from the former “colonies”.

This concept of coloniality is also relevant because it can point to how the category “race” was created along with the colonization process as an attempt to separate the colonizers from the colonized phenotypically, biologically, and socially. This is one of the pillars that legitimize the project of colonial domination developed in the Americas—in which there is a belief that Europe is the center, and the other regions of the world gravitate around its social, economic, gender, and racial organizations and conceptions.

In light of this scenario, I have often visited the ruins of sugar mills in the region of the Bahia Cove since 2017. With a past closely linked to the so-called “white gold” cycle, this region (as well as others) still preserves examples of this architectural opulence. However, many of these buildings are ruins nowadays. They are, therefore, metaphors of the results of the colonization process in Brazil, whose consequences to people can be seen up to now. By knowing the history of these sites and understanding their physical, invisible, and energetic dimensions, I have developed performances that recall gestures that have resisted the test of time and whose wounds can still be seen today—either because of contemporary racial stratifications, or because of labor relations that date back to the slave systems of past centuries.

Many of the interventions in these spaces remind us of memories linked to black ancestry, in an attempt to transform painful energies into more creative dynamics, and to try to purge, in other words, to make clear and transparent many memories that have been silenced by an official history.
As a form of symbolic production, art has a close relationship with our own ways of representations and narratives of the self. It is, therefore, an essential part of our individual and collective formation. The making of artworks is a way of existing in time and space whose purpose is to reinforce images and to break social scripts assumed by certain identity groups.

Thus, by using the ruins of an old sugar mill—even though they were sites of black suffering in the past—, there is an attempt to reclaim these places in a space that is now taken back and seen again from another point of view, detached from the official history which has long been written from a colonial perspective.

The stories that link sugar mills in Bahia with Engenho de Dentro—the neighborhood where Museu de Imagens do Inconsciente is located in Rio de Janeiro today—have probably sprung from this same harmful system of exploitation, a machine to grind sugar cane and people. However, both uses of this machine subvert the primary purpose of these structures. Now, the mills are used as places to escape the danger of the single history and give rise to images that subvert a normative representational logic. The mill—both in Nise da Silveira’s use of it and within my work—attempts to escape doom towards a life drive. The mill stands for what goes on deep inside our heads/souls, it is our task to performatively build up an estrangement from the single history we have been told.

Tiago Sant’Ana is a visual artist, curator and PhD student in Culture and Society at Universidade Federal da Bahia. His works delve into the tensions and representations of Afro-Brazilian identities, understanding the dynamics that surround the production of history and memory. He was awarded the Soros Arts Fellowship (2020), besides being the winner of the Foco ArtRio Award (2019) and one of the nominees for the Pipa Award (2018). His works are part of collections of institutions such as Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte do Rio, and Museu de Arte Moderna da Bahia.

168 - 169 . HOTEL DA LOUCURA:
THE DISCONTINUATION OF A SUCCESSFUL
PUBLIC POLICY TO PROMOTE MENTAL HEALTH

Rituals constitute dams that control the dangers of the unconscious. Archaic man instinctively built the barriers of rituals for this purpose and, in psychic situations of threatening disorder the same procedures are put into action nowadays.
– C. G. Jung (1959)

Hotel da Loucura [“Madness Hotel”] is one of the many seeds that echo Nise’s work. The space was founded in 2012 by psychiatrist and actor Vitor Pordeus. It arose from the need to build environments that worked as collective shelters. The Hotel took up the third floor of Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira [Nise da Silveira Municipal Health Care Institute], and aimed at valuing the clients’ autonomy and self-healing strengths through the methodology of catalyst affect used in the drama workshops.

In spite of having had its doors open to the community for four years—the hotel was closed by the Municipal Health Department in 2016—, the experience represented an achievement of the anti-asylum struggle due to its success in clinical cases, so much so that the groups went on meeting with presentations and workshops held in public spaces.

Until now, music, dance, and parties played a limited part in your family. Do you think that the deadly silence you now keep is of any advantage to you or to the sick person? Entertainment is a golden cloud that helps man—even if only for a short time—to forget his misery. All of you, if you return to your happy side of family life, will be like people who, returning to their home country, recover at once from sickness and sorrow.
– J. W. von Goethe (1818)

Though this be madness, yet there is method in’t.
– William Shakespeare (1603)

I even have a few patients, but I quickly turn them into actors. And the more they cease to be patients and become actors, the more they improve their health and autonomy. These are rituals of healthcare, of social construction, of acceptance, love, and community.
– Vitor Pordeus (2015)

170 - 171 . FERNANDO DINIZ
SEARCHING FOR SPACE IN EVERYDAY LIFE

Traditional psychology rejects the study of the space experiences. The same man who, in the doctor’s office, answers correctly "Yes, doctor, my name is so-and-so, I am in the Engenho de Dentro hospital," may reveal the experience of completely subverted spatial situations in the painting studio.

[...] In the creation of the artwork, man engages in a struggle with nature, not for physical survival, but for his mental survival.
– Conrad Fiedler (1955)

Just before he was committed, Fernando had the impression that the buildings in the streets were leaning over as if to crush him. His paintings display different objects very close to each other, without any free space between them. Childhood memories, school knowledge, images of external and internal experiences, intricately entwined one with the other, parade together. [...] Following Fernando in his efforts to get out of this oppressive condition moved me.
– Nise da Silveira

178 - 181 . CURATOR’S MANIFESTO

One day, people were finally entitled to a parcel of joy.

A popular samba/ Will pass by this avenue/ Every cobblestone. Of this ancient city/ Will shudder tonight
– Chico Buarque and Francis Hime (1984)

Once a year, and only once (why only once?), we let Carnival pass by the avenue. The avenue in the lyrics is symbolic, because the catharsis goes through alleys, squares, narrow streets, houses, cities, corners, and one can find, in costumes, happy, bathing in the inebriation of fantasy, all kinds of people, who, lulled by a fleeting and breathless joy, indulge in simulating the evolution of freedom. The poet would say that this is the good living, strolling before the banner of the general sanatorium—which will pass.

Nise da Silveira might also have wished to subvert the idea of a yearly Carnival. Perhaps she wanted us to live Carnival each and every day. And she perhaps thought that we did have another option after all. And if we wanted, could, should, needed... we might, as a method, freely express affects throughout our own avenue—life—, which is existence and coexistence. We might introduce a new way of passing by each cobblestone, remembering our once bleeding feet, our ancestors, the bitter passages, but moving towards an encounter nurtured by the affects and by the revolution initiated with a way of seeing life that has as its premise the beauty of individuality and its collective condition.

I feel, therefore I perceive the other. Only then it will pass.
It will pass.

Freedom, freedom!/ Spread your wings over us/
And may the voice of equality/ Always be our voice.
– Niltinho Tristeza, Preto Jóia, Vicentinho and Jurandir (1989)

182 - 183 . DIONYSUS

During her stay in Europe, in 1964, Nise visited the Cologne Cathedral, in Germany, where she found the Dionysus’ Mosaic, which was crucial in the development of her essay on the mythical theme of this Greek god. One of the most fascinating mosaics left from Antiquity, it is the major attraction of the Roman-Germanic Museum nowadays.

And DIONISUS emerged from excavations next to the Cologne cathedral, in ancient mosaics intact as an archeological finding. He appears alive in the hospital of “Engenho de Dentro”, arising from the psychic underworld, thus showing that he is indeed an eternal power, a god.
– Nise da Silveira

186 — 189 . FORTALEZA, JUNE 30TH, 2021.

Dear Nise,
Firstly, I want to tell of the joy and honor of being able to write this missive to you. I know that we have important connections as Northeastern women who dared enter the paths of medicine in challenging environments; however, through our rebelliousness, we were capable of affirming it as a loving practice, which integrates the being in its multiple dimensions.

Some years ago, I was deeply touched by your work when I got to visit Museu do Inconsciente [Museum of the Unconscious] guided by Vítor Pordeus, who also invited me to join the psychiatric hospital that today bears your name, with the intention of occupying the space we call “Ocupa Nise”.
That was, indeed, one of the most significant experiences that I have had in my whole life. There, I met some of those who were cared for by you and, time and again, I found myself challenged to learn and anchor myself in the paths that you have trodden.

I wanted to tell you that, when I arrived there, I felt as if I had been called to dive into depths and shadows. The care called me to incline myself towards the motions that were driven by the collective imagination of those who society has conventionally called insane. I kept the knowledge of traditional medicine stored, and let my Brazilian indigenous ancestry emerge from the collective imagination, to fly like eagles, doves, and macaws, to sound the maraca and awaken the energy of fire, water, earth, and air. And you, in your libertarian spirit, reminded us that there are no models and that, by releasing the creative power, spontaneity becomes a way of healing.

I had forgotten to tell you that it was art, especially the theater, more than the medicine I learned in university, that brought me closer to your knowledge and legacy.
Only later did I come to fully grasp that sentence you wrote: “Only madmen and artists can understand me.” Maybe that’s why it was art that promoted our meeting.

In Hotel da Loucura [Madness Hotel], as we had agreed to name the wing we occupied, I could come into contact with the people and the works of those you took care of, as well as

with the letters you wrote to Spinoza, whom I greatly admire and with whom I have conversed in my writings.

I know that you have taken in-depth trips through the images expressed on canvases and paintings, but, then and there, other expressions were bursting into intense musicality, as in the voice of a young man who sang at the top of his lungs "I want to live"; of a wolf boy who brought the joy of ball juggling, and of a samba dedicated to you; in the theatricalities of people who shared the place with you and expressed themselves freely through their bodies; of a Northeastern woman like us, from Ceará, trying to emerge from the ashes like a phoenix so as to soar and free herself on the wings of a white dove and then sing as a child; of a girl with a fragile body cuddling up in the lap of a dragon woman and, thereafter, to travel in colors and sing love songs that spread out, pollinating the soil and sprouting the plant; a girl who grounded herself in the fight of capoeira, in the fight for liberation from drug addiction and lack of love.

I think of the thrill you must have felt when you saw that woman enter with her withdrawn look which gradually lit up to the sound of the songs, and as the rhythm of the drums and maracas grew louder, she would open her smile and let passages of the songs gush from her lips, her mouth, her face, her whole body, without getting up from her chair.

There were so many subtleties and warm energies catalyzing actions... we were immersed in art, love, care, and reflection. You were a pulsating presence in each ritual, in the speeches, and gestures. It seemed that I could listen to you saying that we need to get rid of prejudices and that joy heals, as do affections. And we immersed ourselves in that universe of madness, rocked by your words: "Don't get over healed. Over-healed people are boring people. Everybody is a little bit mad".

But the wheel of life spun, and, unfortunately, the occupation of that space was undone, and we, the protagonists of that movement, will keep on hoping, also supported by the ideas of Paulo Freire—another master from the Northeast who would be celebrating his centennial this year if he had been still with us physically. We will keep on making feasible innovations: by being outraged and making a move to change realities of oppression and exclusion with courage, perseverance, and passion, just as you had proposed. We started to tread new ground where we could encourage joyful passions that produce life, as Spinoza had taught us, where we could experience possibilities of caring for people in their suffering so as to create self-reliance instead of dependence, where care could interact with creation.

I would also like to tell you of what I learned from you about science, about the act of producing knowledge. I would like to point out what you taught us about learning beyond rationality; about the role affection also plays in the act of learning, about the wisdom of nature and not only the wisdom of humans. About the importance of strengthening identity and of the unveiling of the collective unconscious in order to introduce ways to produce knowledge; about taking into account that creation cannot be detached from invention.

Finally, I would like to bring you good news. But, unfortunately, we are living in a time of many challenges. Can you believe that we are in the course of a pandemic nowadays and in a political context in which, once again, life is disrespected, and the madhouse is reaffirmed? Imagine! After so many marches, so many struggles, so much accomplished!

But, infused with courage, persistence, and resentment, I want to tell you that we will go on because hope is a must.

And, in the midst of genocide, injustice, and iniquity, we will listen to the words of those who shed light on our path, and we will nourish ourselves with them, without holding on to them as unconditional truths.

Lovingly, we will recognize ourselves as part of Mother Nature (Pachamama) and, being respectful for life, we will move on grounded.

As eternal incomplete beings, learners, unfinished, we will recognize a small wave that joins many others to create the moving tide of needed changes.

We will dive into the knowledge of the experiences, into the struggles that emerge from the stories of resistance. We will move in conviviality and cooperation, anchored in the beauty of encounters.

Connected by solidarity, we will share what we know, produce, and receive in order to bear fruits of re-existence and dignity, and we will experience unprecedented feats.

We will find the energies that bring joy and courage and sew nets that will enlarge our collective struggle and overcoming strength so that life may be full of justice and freedom.

I consider it a great honor to be able to have this dialogue with you and to have you as one of the people who brighten my path.

Your admirer,
VERA DANTAS



Fernando Diniz. Sem título, 1957. Óleo sobre papel. 33,2 × 48,3 cm. Museu de Imagens do Inconsciente

Índice de imagens

4 - 5
Todas as fotos da expografia são de Rogerio Von Kruger.

CONTEXTO, DOR & AFETO (núcleo 1)

20 - 21
Beta d'Rocha – O tunel do tempo, 03/02/1981
Guache sobre papel. 31,7 × 47 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Mathieu Greuter – Uma cirurgia onde todas as fantasias
e tolices são eliminadas e boas qualidades são prescritas
Gravura, c. 1600. Wellcome Library

22 - 23
Beta d'Rocha – Sem título, 22/05/1981
Guache e grafite sobre papel. 33,1 × 48,7 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

> Esta noite tive um sonho que estou tentando reproduzir aqui nestes desenhos. Havia a minha casa em que morei a a árvore que estava junto dela foi atingida por um raio e ela caiu em cima da casa, destruindo-a, só ficando a cozinha. Depois eu estou num apartamento com os dois filhos, Ricardo e Rogério. Eu estava brigando com eles que eles têm que seguir a vida deles, eu me proponho a ajudá-los com algum dinheiro contanto que cada um siga a sua vida. Depois me vejo recebendo um prêmio que era um pé de prata.

28 - 29
Fernando Pedrosa – Sem título, 26/05/1970
óleo sobre papel. 32,7 × 49,2 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

38 - 39
Museu de Imagens do Inconsciente

> EXPOSIÇÃO DOS 9 ARTISTAS. Capa do catálogo da exposição 9 artistas de Engenho de Dentro do Rio de Janeiro (Outubro de 1949). A exposição foi organizada no MAM, com a participação de Léon Degand, Lourival Gomes Machado, Nise da Silveira, Almir Mavignier e Abraham Palatnik. A atividade artística é uma coisa que não depende, pois, de leis estratificadas, frutos da experiência de apenas uma época na história da evolução da arte. Essa atividade se estende a todos os seres humanos, e não é mais ocupação exclusiva de uma confraria especializada que exige diploma para que nela se tenha acesso. Ela se manifesta em qualquer homem de nossa terra, independente mente do seu meridiano, seja ele papua ou cafuzo, brasileiro ou russo, negro ou amarelo, letrado ou iletrado, equilibrado ou desequilibrado. – Mário Pedrosa (1947)

42 - 43
Adelina Gomes – Sem título, 1960
Óleo sobre papel. 29,6 × 46,4 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

46 - 47
Piero del Pollaiolo. Apollo e Dafne c. 1470-1480
Óleo sobre tela. National Gallery, Londres

Adelina Gomes – Sem título, 1961
Óleo sobre papel. 47,9 × 33,1 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

48 - 49
Adelina Gomes – Sem título, 1962. 61 x50 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Adelina Gomes – Sem título, 1962
Óleo sobre tela. 61 × 50 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

54 - 55
Carlos Pertuis – Meu sofrimento na seção, de quem é a culpa?
02/04/1956. Grafite e lápis de cera sobre papel. 33 × 24,8 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

56 - 57
Lucio Noeman – Sem título
Escultura em gesso. h: 18 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Lucio Noeman – Guerreiro egípcio – Escultura em gesso
(reprodução a partir de molde original). h: 40 cm
Museu de Imagens do Inconsciente
Foto: Rogerio Von Kruger

58 - 59
Juliano Moreira
Fundo Correio da Manhã – Arquivo Nacional

Fernando Diniz – Sem título, 27/05/1956
Óleo sobre tela. 61 × 50 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

> Quando eu tinha cinco anos, lembro-me muito bem, minha mãe dormiu com um branco. É um fato muito importante. Infelizmente no fim de três dias o homem desapareceu, levando o relógio de minha mãe, e nunca mais voltou. Uma criança branca nasceu. Isso tem grande valor. Ter um irmão branco nos torna orgulhosos. As outras crianças na rua não nos humilham mais. Isso nos dá mais liberdade nos estudos. Este menino era uma joia. – Fernando Diniz (1983-1987)

60 - 61
Lima Barreto – Arquivo Nacional

Ficha de observação do Lima Barreto,
agosto de 1914 (1ª internação)
UFRJ/Instituto de Psiquiatria – Biblioteca Prof.
João Ferreira da Silva Filho

64 - 65
Proposição do "Diálogo de Mãos" da artista Lygia Clark
feita com objeto semelhante ao original, 2015. Duração 4'07"
Vídeo: Matheus Freitas
Acervo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

66 - 67
José Paixão – Retrato de Carlos Pertuis com Sertanejo Óleo
sobre tela. 55 × 46 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

70 - 71
José Basto – Livro dentro do Coração, 1976
Escultura em madeira. 18,2 × 18,3 × 4,7 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

72 - 73
Carlos Pertuis – Cabeças Paisagem. Óleo e grafite sobre papel
34,5 × 25,5 cm; 36,5 × 25,4 cm; 36,7 × 25,5 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

76 - 77
Emygdio de Barros – Sem título, 07/01/1970
Óleo sobre papel. 32,2 × 48,5 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Emygdio de Barros – Janela ou Escócia, 1948
Óleo sobre tela. 65 × 91 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Emygdio de Barros – Sem título, 10/08/1968
Óleo sobre papel. 37 × 55,2 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

SER MULHER, SER REVOLUCIONÁRIA (núcleo 2)

86 - 87
Faculdade de Medicina da Bahia – Formandos
Arquivo Pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos
do Museu de Imagens do Inconsciente

88 - 89
Prisão da Ditadura Vargas – Prontuário no DOP, 20/02/1936
Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

90 - 91
Carlos Vergara – Série Liberdade, 01/11/2010
desenho, aquarela e nanquim sobre papel. 40 × 30 cm
Gentilmente cedido pelo artista

92 - 93
Nise da Silveira
Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos
do Museu de Imagens do Inconsciente

Frequentadores do ateliê de modelagem
Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos
do Museu de Imagens do Inconsciente

Fernando Diniz modelando uma estrela
Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos
do Museu de Imagens do Inconsciente

100 - 101
Rizza Conde – Atelie da Dra. Nise, 1970
Gravura. 28,7 × 41,5 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

104 - 105
Nise na exposição em homenagem a Isaac,
na sede do museu, após sua morte em 1966
Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos
do Museu de Imagens do Inconsciente

Vista do corredor da sede ocupada pelo Museu entre 1956
a 1981. Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos
do Museu de Imagens do Inconsciente

106 - 107
Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos
do Museu de Imagens do Inconsciente

108 - 109
Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos
do Museu de Imagens do Inconsciente

Os monitores Arnaldo e Mara do Carmo, Nise e Adelina.
Emygdio ao fundo em frente à tela, 1972
Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos
do Museu de Imagens do Inconsciente

Adelina Gomes – Sem título, 16/05/1978
Óleo sobre tela. 60 × 50 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Nise e o gato – Arquivo pessoal Nise da Silveira/
Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente

Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos
do Museu de Imagens do Inconsciente

Carlos Pertuis – Navio navegando nas estrelas, 26/11/1971
Óleo sobre tela. 47,4 × 45,1 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

110 - 111
Darcilio Lima – Sem título, 1967
Gravura. 76,5 × 56,5 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

112 - 113
Foto de Ronaldo Theobald – Nise com Carlinhos 1981
Arquivo pessoal Nise da Silveira/Sociedade Amigos do
Museu de Imagens do Inconsciente

116 - 117
Beta d'Rocha – Sem título
Guache sobre papel. 28,1 × 35,5 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Beta d'Rocha – Sem título
Guache sobre papel. 32,3 × 21,7 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Beta d'Rocha – Sem título
Guache sobre papel. 36,3 × 20,6 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

ENGENHO DE DENTRO:
INCONSCIENTE E TERRITÓRIO (núcleo 3)

136 - 137
Carlos Pertuis – Sem título, outubro de 1949
Óleo sobre papel. 44,7 × 61,5 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

138 - 139
Carlos Pertuis – Sem título, 25/07/1958
Óleo sobre tela. 60,7 × 50,3 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Carlos Pertuis – Sem título
Óleo sobre papel. 49,6 × 38,5 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Fernando Diniz – Sem título
Guache sobre papel. 32,7 × 23,7 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Fernando Diniz – Sem título
Guache sobre papel. 56 × 37,8 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

152 - 153
Doralice Vilela da Silva – Sem título. Lápis de cor sobre papel (fragmento vetorizado da obra). 55 × 72 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Pascal Lemaitre – Ilustração para a capa do livro Pinocchio
Texto: Kate McMullan
Editor: Henry Holt & Company Inc.
Gentilmente cedido pelo artista

Jonas e a baleia: Fólio de um Jami'al tawarikh. Irã, ca. 1400
Tinta, aquarela opaca, ouro, prata em papel
The Met Collection

Rashid al-Din (d.1318)
Copyright The University of Edinburgh

Pieter Lastman, Jonas e a baleia 1621
Óleo sobre carvalho, 36 × 52cm

156 - 157
Carlos Pertius – Baubo
Grafite sobre papel. 29,5 × 19,3 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

164 - 165
Reprodução do Relógio do Sol de Fernando Diniz
Composição instalada na fachada principal do Museu de Imagens do Inconsciente. Foto: Rogerio Von Kruger

170 - 171
Fernando Diniz – Sem título, 1952
Óleo sobre tela. 37,8 × 46,4 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Fernando Diniz – Sem título, 16/07/1953
Óleo sobre tela. 50 × 60,5 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Fernando Diniz – Sem título, 02/02/1955
Óleo sobre tela. 32,5 × 41 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

178 - 179
Fotos: Evandro Teixeira/Tyba. Desfile do GRES. Beija-Flor, 1989. Ratos e urubus, larguem minha fantasia
Carnavalesco Joãosinho Trinta

182 - 183
Carlos Pertuis – Sem título, 22/01/1955
Óleo sobre tela. 46 × 37,7 cm
Museu de Imagens do Inconsciente

Grupo de mulheres que lembram bacantes, e sátiro. Essas figuras simbolizam as forças elementares da natureza, a vitalidade dos instintos. O sátiro, com seus cornos que o aproximam do animal, está pintado em verde, cor da vegetação, sugerindo ainda mais íntima conexão com a natureza. Por esses atributos, o sátiro pode representar aspectos do próprio Dionísio.



Adelina Gomes. Sem título, 1968. Óleo sobre papel. 47,4 × 17,1 cm. Museu de Imagens do Inconsciente

Ficha técnica

PATROCÍNIO/SPONSORSHIP Banco do Brasil

REALIZAÇÃO/PRESENTATION
Rio de Janeiro: Ministério do Turismo Secretaria Especial da Cultura e Centro Cultural Banco do Brasil
Belo Horizonte: Centro Cultural Banco do Brasil

APOIO/SUPPORT
Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente [Eurípedes Junior, Vice-presidente]

CURADORIA/COORDENAÇÃO GERAL
CURATORSHIP/GENERAL COORDINATION
estúdio M'Baraká [Diogo Rezende, Isabel Seixas e Letícia Stallone]

ASSISTÊNCIA CURADORIA/ASSISTANT CURATOR
Gisele Billion

CONSULTORIA ESPECIALIZADA/CONSULTANCY
Eurípedes Junior
Vitor Pordeus

PRODUÇÃO EXECUTIVA/COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
EXECUTIVE PRODUCTION/PRODUCTION COORDINATION
Faceta Produções [Izabel Campello]

DIREÇÃO DE ARTE E EXPOGRAFIA/EXHIBITION DESIGN
Diogo Rezende [estúdio M'Baraká]

ARQUITETURA/ARCHITECTURE
LICAAA [Lilian Sampaio]

PRODUÇÃO/PRODUCTION
Luzinete Lima
Tatiana Belli

PRODUÇÃO DE ARTE/ART PRODUCTION
Caio Costa
Ezio Evy

IDENTIDADE VISUAL/VISUAL IDENTITY
Pablo Meijueiro

PROJETO GRÁFICO/GRAPHIC DESIGN
Ísis Daou
João Lamar

DESIGNER ASSISTENTE/ASSISTANT DESIGNER
Márcio Henrique Fernandes

TEXTOS/TEXTS
Letícia Stallone
Gisele Billion
Isabel Seixas
Eurípedes Junior
Luiz Carlos Mello

REVISÃO/PROOFREADING
BR75 [Clarisse Cintra e João Sette Camara]

TRADUÇÕES/TRANSLATION
Maria Luiza Rezende
BR75 [Adriane Lee-Wo e João Sette Camara]

FOTOGRAFIAS/PHOTOGRAPHY
Rogerio Von Kruger

FOTOGRAFIAS ACERVO MUSEU DE IMAGENS DO INCONS-CIENTE/PHOTOGRAPHS FROM THE MUSEUM OF IMAGES FROM THE UNCONSCIOUS
Mauro Domingues

VIDEOINSTALAÇÃO "POÇO DO INCONSCIENTE"/
"POÇO DO INSCONSCIENTE" VIDEO INSTALLATION
Concepção/Concept estudio M'Baraká
Animação/Motion Bruno Portela
Trilha sonora/Soundtrack Pedro Mibiele

MAPA DO "ENGENHO DE DENTRO"/
MAP OF "ENGENHO DE DENTRO"
Guilherme Rodrigues

MUSEOLOGIA/MUSEOLOGY
Hólos Consultoria e Assessoria

MUSEOLOGIA MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE/
MUSEOLOGY AT MII
Priscilla Moret
Felipe Borges (assistente)

MONTAGEM/ASSEMBLY
Rosinha minha Canôa [Carolina da Veiga, João Rivera, Silvio De Camillis, Zagatti]

ILUMINAÇÃO/LIGHTING
Alessandro Boschini/técnico: Eduardo Nobre

MONTAGEM DE LUZ/LIGHTING ASSEMBLY
Belight [coordenação/coordination: Samuel Betts/ técnicos/technicians: Alexsander Santos e Renato Vieira]

AUDIOVISUAL/MULTIMEDIA
Linha D Montagem [coordenação/coordination: Iramá Gomes/técnicos/technicians: Arthur da Silva Barbosa, Renato Ramos, Renato Vieira]

IMPRESSÕES FINE ART/FINE ART PRINTS
Casa 2

COMUNICAÇÃO VISUAL/VISUAL COMMUNICATION
ProfiSinal
Geka
Ginga Design

CENOGRAFIA/SCENOGRAPHY
FR Cenografia

COORDENAÇÃO FINANCEIRA/FINANCIAL COORDINATION
Larissa Victorio [estúdio M'Baraká]

PRODUÇÃO ADMINISTRATIVA/
ADMINISTRATIVE PRODUCTION
Gisele Billion e Larissa Victório [estúdio M'Baraká]

CONSULTORIA DE ACESSIBILIDADE/
ACCESSIBILITY CONSULTANCY
Inclusive Acessibilidade

AUDIOGUIA, AUDIODESCRIÇÃO E LIBRAS/
AUDIO GUIDE, AUDIO DESCRIPTION AND
BRAZILIAN SIGN LANGUAGE
Inclusive Acessibilidade

DESENVOLVIMENTO SITE E APP/
WEBSITE AND APP DEVELOPMENT
Mandelbrot

TOUR VIRTUAL/VIRTUAL TOUR
Mapa Fotografia/Ayrton 360

ASSESSORIA DE IMPRENSA/PRESS OFFICER
Belmira Comunicação

ASSESSORIA JURÍDICA/LEGAL ADVICE
Gavinho & Campos Advocacia

TRANSPORTE/SHIPPING
Alves Tegan

SEGURO/INSURANCE
Affinitte

ARTISTAS/ARTISTS
Abraham Palatnik
Adelina Gomes
Alice Brill
Anna Letycia
Artur Amora
Beta d'Rocha
Carla Guagliardi
Carlos Pertuis
Carlos Vergara
Darcilio Lima
Doralice Vilela da Silva
Emygdio de Barros
Evandro Teixeira
Fernando Diniz
Ikarow
Isaac Liberato
José Basto
José Paixão
Juca Martins
Julia Vellutini e Wesley Rodrigues
Leandro Lima
Leon Hirszman
Lima Barreto
Lucio Noeman
Luis Carlos Saldanha
Lygia Clark
Manoel Godin
Margaret de Castro
Mario Borriello
Olívio Fideles
Pascal Lemaitre
Rafael Bqueer
Renata Inocencio
Rizza Conde
Rogério Reis
Tiago Sant'Ana
Zé Carlos Garcia

AGRADECIMENTOS/ACKNOWLEDGMENTS
Equipe do Museu de Imagens do Inconsciente
Christina Penna
Agencia O Globo
Animando, Marcos Magalhães
Arquivo de Dyonisia Brandão Rocha
Arquivo Nacional
Associação Cultural Lygia Clark
CPDoc Jornal do Brasil
Familia Leon Hirszman
Familia Ivone Lara
Felipe Careli e Flavia Venturi
Fundação Biblioteca Nacional
Instituto Moreira Salles
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
O Cruzeiro
Escola de Belas Artes da UFRJ [Benvinda de Jesus, Julio Sekiguchi, Larissa Feres, Samuel Abrantes]
Tyba Fotos
UFRJ/Instituto de Psiquiatria/Biblioteca Prof. João Ferreira da Silva Filho
Zureta Filmes

FICHA TÉCNICA CATÁLOGO

ORGANIZAÇÃO/ORGANIZATION
estúdio M'Baraká

COORDENAÇÃO/COORDINATION
Letícia Stallone

DIREÇÃO DE ARTE
Diogo Rezende

REVISÃO/PROOFREADING
BR75 [Clarisse Cintra e João Sette Camara]

TRADUÇÕES/TRANSLATION
Maria Luiza Rezende
BR75 [Adriane Lee-Wo e João Sette Camara]

REVISÃO DE CONTEÚDOS/CONTENT REVIEW
Christina Penna e Eurípedes Júnior

PROJETO GRÁFICO/GRAPHIC DESIGN
João Lamar



@nisenoccbb
www.nisenoccbb.com.br

Catálogo da exposição Nise da Silveira - a revolução pelo afeto, organizado pelo estúdio M'Baraká.

Catalog of the exhibition Nise da Silveira - the revolution through affection, organised by studio M'Baraká.

www.mbaraka.com.br

Os textos deste catálogo foram compostos em Alegreya Sans (Juan Pablo del Peral), Brasilêro (Crystian Cruz) e a fonte Geograph (Kris Sowersby). Impresso em papel pólen bold 90 gramas (miolo) pela gráfica Santa Marta.